



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS -
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

ANA PAULA DALLEASTE

**CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS: UM ESTUDO DA LÍNGUA E CULTURA
ITALIANAS EM MATELÂNDIA/PR**

CASCAVEL/PR
2016

ANA PAULA DALLEASTE

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO DA LÍNGUA E CULTURA ITALIANAS EM MATELÂNDIA/PR

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais e de Diversidade

Orientadora: Profa. Dra. Sanimar Busse

CASCAVEL/PR
2016

ANA PAULA DALLEASTE

**CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS: UM ESTUDO DA LÍNGUA E CULTURA
ITALIANAS EM MATELÂNDIA/PR**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Dra. Sanimar Busse
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste
Orientadora

Prof. Dr. Ciro Damke
Universidade Estadual de Oeste do Paraná/Unioeste
Membro da Banca

Profª. Dra. Rosemary Irene Castañeda Zanette
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste
Membro da Banca

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug
Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS
Membro da Banca

Profª. Dra. Cristiane Horst
Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS
Membro Suplente da Banca

Cascavel, setembro de 2016.

Dedico este trabalho à minha família de italodescendentes, fonte do meu carinho
pela língua e cultura italianas.

Aos imigrantes e descendentes italianos de Matelândia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente e sobre todas as coisas, ao meu adorado e bondoso Deus pelo colo e sabedoria nos momentos bons e difíceis desta caminhada. És o meu Guia!

Ao meu esposo Leandro Dall' Agnol pelo amor e paz transmitidos a cada passo dado;

Aos meus queridos pais, serei eternamente grata por toda contribuição e amor. Destaco a alegria em ter meu pai como companheiro em alguns momentos de pesquisa de campo auxiliando-me de maneira prazerosa;

Agradeço com todo carinho, respeito e admiração à professora Doutora Sanimar Busse que orientou cada passo dessa caminhada e sempre esteve de coração aberto para ajudar-me a superar mais uma etapa da minha vida acadêmica. É meu espelho de professora que carrega consigo humildade, sabedoria e zelo;

À Capes pelo auxílio que possibilitou a minha dedicação à pesquisa;

Aos Professores do curso de Mestrado que contribuíram, imensamente, com minha formação intelectual;

À minha amiga/colega Michelli Galli pelas conversas construtivas e valiosas. Pela dedicada parceria acadêmica;

Aos informantes italo-descendentes de Matelândia, participantes desta pesquisa, pelo carinho em ceder suas histórias de vida.

DALLEASTE, Ana Paula. **Crenças e Atitudes linguísticas**: um estudo da língua e cultura italianas em Matelândia/PR. 2016. p. 140. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Cascavel, 2016.

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a língua e a identidade étnica estão relacionadas às crenças e às atitudes de um determinado grupo e de sua fala, o estudo das crenças e atitudes tem como investigação o posicionamento dos falantes de uma língua em relação aos seus usuários. Tal avaliação da língua reflete na sua manutenção ou no seu apagamento. Este trabalho, norteado por princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, da Dialetologia e por estudos de Crenças e Atitudes linguísticas, se trata de um estudo sobre as crenças e atitudes manifestadas por falantes italodescendentes, moradores do município de Matelândia, situado na região Oeste do Paraná. O contexto linguístico, cultural, social e geográfico da localidade remonta a um cenário sociolinguístico em relação à língua de imigração italiana. O *corpus* pertence ao projeto *Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português*, coordenado pelas pesquisadoras Sanimar Busse e Wânia Cristiane Beloni, por meio de entrevistas com dezoito informantes, de três pontos de coleta no município, selecionados de acordo com as variáveis - sexo e faixa etária. A entrevista compôs-se de um questionário elaborado e adaptado à realidade sociolinguística e cultural dos informantes a fim de apresentar dados referentes aos componentes que formam as atitudes – o cognoscitivo, o afetivo e o conativo - em relação à língua e à cultura italianas. Por meio da avaliação feita sobre os fenômenos presentes na fala dos italodescendentes pôde-se analisar o grau de preservação da identidade linguística dos falantes, em meio à variação e às mudanças ocorridas na fala local.

PALAVRAS-CHAVE: crenças e atitudes linguísticas, identidade étnico-cultural, italodescendentes, Matelândia.

DALLEASTE, Ana Paula. **Credenze e Comportamenti linguistici**: uno studio della lingua e cultura italiane in Matelândia/PR. 2016. p. 140. Tesi (Master in Lettere) – Programma Post Laurea in Lettere, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Cascavel, 2016.

RIASSUNTO

Partendo dal presupposto che lingua ed identità etnica sono legate alle credenze ed atteggiamenti di un gruppo particolare ed al suo discorso, lo studio delle credenze ed atteggiamenti ha come punto di ricerca il modo di posizionarsi dei parlanti di una lingua rispetto ai suoi membri. Tale valutazione della lingua ricade nella sua manutenzione o nella sua eliminazione. Questo lavoro, guidato da principi teorici e metodologici della Sociolinguistica Variazionale, della Dialettologia e degli Studi delle Credenze ed Atteggiamenti Linguistici, è uno studio delle credenze ed atteggiamenti manifestati dai parlanti di origine italiana, residenti nel comune di Matelândia, situato nella regione Ovest del Paraná. Il contesto linguistico, culturale, sociale e geografico della località risale ad uno scenario sociolinguistico relativo alla lingua d'immigrazione italiana. Il corpus è stato raccolto dal progetto *Studio delle lingue a contatto nel Ovest del Paraná: la lingua italiana, il talian e il portoghese (Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português)*, coordinato dalle ricercatrici Sanimar Busse e Wania Cristiane Beloni, tramite interviste con diciotto informatori, in tre punti diversi del comune, selezionati in base alle variabili – sesso e fascia di età. L'intervista è stata costituita da un questionario preparato e adattato alla realtà sociolinguistica e culturale degli informatori in modo da presentare i dati dei componenti che formano quegli atteggiamenti– il cognoscitivo, l' affettivo e il conativo - in relazione alla lingua e alla cultura italiana. Attraverso la valutazione dei fenomeni presenti nel discorso di cittadini di origine italiana è stato possibile analizzare il grado di conservazione dell'identità linguistica dei parlanti, in mezzo alla variazione e ai cambiamenti nel linguaggio locale.

PAROLE-CHIAVE: credenze ed atteggiamenti linguistici, identità etnica e culturale, cittadini di origine italiana, Matelândia.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados gerais - Qual língua os imigrantes italianos paterno e materno falavam?	72
Gráfico 2 – Dados referentes a cada ponto de coleta - Qual língua os imigrantes italianos paterno e materno falavam?	73
Gráfico 3 - Falava-se essa língua em família?	77
Gráfico 4 - Você lembra palavras que falavam?.....	79
Gráfico 5 - Você fala italiano?	83
Gráfico 6 - PONTO A (Vila Esmeralda) - Com quem você fala italiano?	91
Gráfico 7 - PONTO B (centro urbano) - Com quem você fala italiano?	92
Gráfico 8 - PONTO C (Vila Marquesita) - Com quem você fala italiano?	93
Gráfico 9 - Em que ocasiões você fala italiano?.....	94
Gráfico 10 - Qual das duas formas de falar você acha mais bonita?	103
Gráfico 11 – O que você gosta da cultura italiana?	105
Gráfico 12 – O que você não gosta da cultura italiana?	109

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Relação entre crença e atitude	34
Figura 2 - Primeira casa construída em Matelândia	50
Figura 3 - Mapa da localização de Matelândia	54
Figura 4 - Seleção dos pontos de coleta dos dados.....	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Rede de pontos do Projeto de Pesquisa <i>Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português</i>	43
Quadro 2 - Porcentual anual da população por Estado de nascimento (1961-1988).....	52
Quadro 3 - Variáveis sociais da pesquisa	63
Quadro 4 – Perfil detalhado dos informantes da pesquisa	64
Quadro 5 – Seleção das perguntas para a análise dos dados	68
Quadro 6 – Registro das palavras e expressões mencionadas pelos informantes ..	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE.....	17
1.1 Língua e cultura na perspectiva Sociolinguística e Dialetológica.....	17
1.2 A Sociolinguística e a Dialetologia no contato linguístico.....	20
1.3 Crenças e Atitudes Linguísticas: pistas para uma descrição da identidade étnica e cultural dos italodescendentes em Matelândia/PR	27
1.4 Pesquisas sobre Crenças e Atitudes Linguísticas	37
1.5 O Projeto de pesquisa <i>Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português</i>	41
2 CONTEXTO GEOSSOCIOCULTURAL DA PESQUISA.....	45
2.1 A Colonização no Oeste do Paraná.....	45
2.2 Matelândia/Paraná: uma descrição sócio-histórica da localidade	48
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	55
3.1 Metodologia da pesquisa em Matelândia.....	55
3.2 Variável diatópica: a rede de pontos.....	57
3.3 Variáveis diageracional e diassexual: perfil do informante	59
3.4 Coleta dos dados	65
3.5 Seleção e tratamento dos dados para a análise das Crenças e Atitudes Linguísticas	67
4 LÍNGUA E CULTURA ITALIANA: UM OLHAR PARA OS DADOS SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM MATELÂNDIA/PR	70
4.1 Qual língua o imigrante italiano paterno e materno – teu avô, avó, bisavô ou bisavó - falavam?.....	71
4.2 Falava-se essa língua em família?.....	76
4.3 Você lembra palavras que falavam?	79

4.4 Você fala italiano?.....	83
4.5 Com quem você fala italiano?.....	91
4.6 Em que ocasiões você fala italiano?.....	94
4.7 Agora você ouvirá algumas pessoas falando. A seguir, falaremos sobre	97
4.7.1 Em que língua essas pessoas estão falando?.....	98
4.7.2 Há alguma diferença entre os dois áudios	99
4.7.3 Qual das duas formas de falar você acha mais bonita?.....	102
4.8 O que você gosta ou não da cultura italiana?	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS.....	117

ANEXO – Projeto Estudo da Língua e da Cultura Italianas em Matelândia

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da observação de um grupo pertencente à comunidade de descendentes de italianos, vindos dos estados do Rio Grande do Sul e Paraná, e que se instalaram em Matelândia, no Oeste paranaense, há mais de 30 anos. Tal trabalho faz parte do projeto de pesquisa *Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português*, que propõe analisar os municípios de Cascavel, Foz do Iguaçu, Matelândia e Toledo, pois registraram uma concentração maior de descendentes italianos, no período de povoamento do Oeste do Paraná.

O objetivo desse projeto é verificar se acontecem fenômenos de manutenção e inovação linguística da língua italiana e do *talian*, falados pelos descendentes nessas localidades, verificando-se se há filhos e netos de italianos bilíngues ainda, se as gerações mais jovens são monolíngues em português, se há um distanciamento da cultura e da língua italiana pelos mais jovens, quando estes as valorizam e se há interferências culturais e ideológicas nessa nova valoração cultural e linguística.

A diversidade de imigrantes e descendentes de diferentes etnias, presentes no processo de colonização do Brasil, resultou num panorama multicultural e multilinguístico que marca a formação identitária dos grupos. Dentro desse campo linguístico-cultural encontram-se elementos responsáveis pela particularidade de cada grupo e sua caracterização: o grau de contato entre línguas, a distribuição geográfica e demográfica, fatores sociais como etnia, escolaridade e religião, fatores políticos e nível de prestígio da língua falada. Compreender a realidade linguística que os cerca, é um desafio para qualquer indivíduo que pertence à determinada comunidade linguística e que precisa, a partir de suas experiências, quebrar pré-conceitos e estigmas quanto à cultura e à forma de falar do outro.

Este estudo foi realizado com base nos princípios da Sociolinguística e da Dialetoлогия, pois ambas se preocupam com a diversidade de usos da língua e apresentam um enfoque diatópico e sociolinguístico (CARDOSO, 2010).

Atualmente, o grau de manutenção da língua e da cultura italiana no Brasil, especialmente na região sul, varia de acordo com a região e com as diferentes situações do seu uso cotidiano no contato com o português.

Ao imigrarem para o Brasil, os italianos falavam o dialeto de sua região de origem. No início da imigração italiana no sul do Brasil, segundo Margotti (2004), os vênets vieram em maior quantidade – 60% - fato este que contribuiu para uma difusão mais intensa dos dialetos e costumes. Devido à convivência com brasileiros e com outros imigrantes e à necessidade de interação, formou-se o *talian*, que, segundo Pertile (2009), resultou do contato entre os diferentes dialetos italianos, denominado dialeto vênets, vênets riograndense ou *talian*. Hoje considerada como uma língua oficial, o *talian* “foi uma língua franca, pois possibilitou a interação de imigrantes italianos advindos de diferentes regiões da Itália e, conseqüentemente, com diferentes dialetos (PERTILE, 2009, p. 32). Em 2009, o *talian* foi reconhecido como Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul e foi a primeira língua a receber da República Federativa do Brasil o certificado de reconhecimento como "Língua de referência nacional e patrimônio cultural do Brasil", em novembro de 2014.

Na década de 1960, chegaram ao Oeste e Sudoeste paranaense os primeiros colonizadores vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, na sua maioria descendentes de alemães e italianos, que imigraram para o Brasil no final do século XIX. Em suas bagagens, trouxeram consigo a língua e a cultura dos antepassados, no período já transformado pela convivência com diferentes grupos nas localidades de origem. Diante das migrações ocorridas, tal língua, considerada minoritária, foi se propagando nos locais em que se estabeleciam seus descendentes.

Investigar as crenças e atitudes linguísticas dos moradores do município de Matelândia/PR é essencial para compreender a variação e as mudanças ocorridas na fala local, principalmente quando se trata de um município caracterizado pela colonização de descendentes de imigrantes italianos. A língua, ainda utilizada por alguns de seus descendentes, pode auxiliar na sua manutenção, cultura e identidade da comunidade. Por outro lado, os contatos linguísticos e culturais de diferentes etnias podem gerar atitudes de desprestígio diante dessas diferentes

línguas e seus usuários e, conseqüentemente, ocasionar o seu apagamento (CORBARI, 2012).

A localização geográfica do município de Matelândia, juntamente com a BR 277 situada a, aproximadamente, 75 km de Foz do Iguaçu e da fronteira com o Paraguai, podem ser tomadas como variáveis que atuam sobre os sujeitos da pesquisa de modo a criar um ambiente favorável ou não para a manutenção da fala e da cultura de origem.

Para uma descrição da realidade linguístico-cultural dos descendentes italianos de Matelândia/PR, esta pesquisa, de cunho geossociolinguístico, tem o objetivo de realizar um estudo das crenças e atitudes linguísticas de falantes urbanos e rurais, frente à língua e à cultura italiana no município, situado na região Oeste do Paraná. Analisando-se tanto a consciência linguística dos informantes sobre as línguas em contato na comunidade, quanto o seu comportamento diante delas, especifica-se, dessa forma:

a) Descrever as diferenças e semelhanças registradas nas crenças e atitudes dos informantes quando considerada a variável diatópica (pontos geográficos), nas respostas ao questionário;

b) Descrever as diferenças e semelhanças estabelecidas nas crenças e atitudes dos informantes, quando consideradas as variáveis diastráticas (sexo e faixa etária), observando-se os processos de realização, preservação, manutenção ou abandono da língua e da cultura italiana em Matelândia/PR;

c) Identificar as crenças e as atitudes dos descendentes quanto ao *talian*, à língua italiana padrão e à cultura preservada por eles, a partir da análise das respostas ao questionário;

d) Analisar, nas respostas dos informantes, elementos que direcionam às crenças e atitudes positivas (prestígio linguístico) e negativas (desprestígio linguístico) diante da sua fala e da fala do outro.

Diante dos objetivos específicos, supõe-se que há diferença nas atitudes dos informantes de acordo com os pontos geográficos, sexo e faixa etária.

Conforme destaca Margotti (2004), por meio da história da fala, aquela que foi conservada, alterada ou substituída, é possível reconstruir aspectos da história da

comunidade. Dessa forma, a partir dos dados coletados com a aplicação do questionário semiestruturado, serão analisadas as crenças, passadas de geração a geração, e as atitudes positivas e negativas perante a fala local. Com os resultados alcançados será possível responder à pergunta que move esta pesquisa: que fatores atuam para a preservação ou perda da língua e da cultura italiana em Matelândia/PR, considerando a formação histórica da localidade e da região?

Para desenvolver a pesquisa, considerando os fatores socioculturais, econômicos e geográficos, a coleta dos dados foi realizada em três pontos, a saber: Ponto A (rural - Vila Esmeralda), Ponto B (centro urbano) e Ponto C (rural – Vila Marquesita). A seleção da rede de pontos foi realizada com o intuito de identificar fenômenos que se distinguem em diferentes áreas, visando à identificação das crenças e atitudes, de acordo com a particularidade de cada grupo, conforme a região onde se encontra. As três faixas etárias definidas para a seleção dos informantes buscam o registro da fala na dimensão diastrática e em tempo aparente (LABOV, 2008). Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 75-76), a variável faixa etária pode revelar três atitudes com relação à língua: “1) identidade de grupo; 2) autocorreção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública; 3) mudança linguística em progresso”.

Levando em consideração a motivação linguística e extralinguística, foram definidas as faixas etárias: (i) GI (20 a 40 anos), a geração mais nova, que abarca os tataranetos dos imigrantes italianos e que provavelmente tem menos contato com a língua e com a cultura de seus antepassados; (ii) GII (41 a 59 anos), a geração intermediária, que abarca os bisnetos dos imigrantes italianos; (iii) GIII (mais de 61 anos), a geração mais velha, que abarca os netos dos imigrantes italianos, e/ou a geração mais próxima dos imigrantes italianos e que foram, provavelmente, os colonizadores da região, oriundos do estado do Rio Grande do Sul, e que residam há cerca de trinta anos na localidade. Sendo assim, foram entrevistadas dezoito pessoas, sendo um homem e uma mulher de cada faixa etária.

Esta dissertação é composta de quatro capítulos. No primeiro capítulo do trabalho, apresenta-se a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, bem como alguns conceitos que se julgam necessários para a compreensão do estudo, a

saber: Sociolinguística, Dialetologia e crenças e atitudes e os elementos a elas relacionados, como a identidade étnica e cultural. Será apresentada, também, uma lista das pesquisas sobre o tema e a exposição do projeto que originou este trabalho.

O segundo capítulo expõe, de forma breve, o contexto histórico da colonização no Oeste do Paraná e Matelândia, local onde residem os informantes da pesquisa.

O terceiro capítulo aborda os procedimentos metodológicos que permeiam a pesquisa geossociolinguística, nas dimensões diatópica (rede de pontos) e diastrática (as variáveis sociais sexo e faixa etária), e a coleta, seleção e tratamento dos dados.

Um panorama dos dados e a análise acerca do conhecimento dos informantes sobre a língua italiana, vinculados às crenças e atitudes atuantes no comportamento linguístico encontram-se no quarto capítulo. Apresentam-se os resultados obtidos por meio de dados quantitativos e qualitativos, coletados na pesquisa de campo, interpretados e relacionados a fatores históricos, geográficos, sociais e linguísticos. As questões analisadas são: a) Qual língua o imigrante italiano paterno e materno – teu avô, avó, bisavô ou bisavó – falavam? b) Falava-se essa língua em família? c) Você lembra palavras que falavam? d) Você fala italiano? e) Com quem você fala italiano? f) Em que ocasiões você fala italiano? g) Agora você ouvirá algumas pessoas falando. A seguir, falaremos sobre: Em que língua as pessoas estão falando? i) Há alguma diferença entre os dois áudios? j) Qual das duas formas de falar você acha mais bonita? k) O que você gosta ou não da cultura italiana?

A organização da análise das 10 perguntas deu-se de forma individual, ou seja, cada questão pertence a uma subseção do capítulo.

Nas considerações finais encontram-se as conclusões em relação ao comportamento dos informantes italodescendentes frente à língua italiana falada no município de Matelândia/PR.

1 LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

Neste capítulo, serão apresentados os elementos teóricos que embasam o estudo sobre crenças e atitudes linguísticas dos informantes italo-descendentes no município de Matelândia/Paraná. O roteiro de pesquisa compreende o viés sociolinguístico do estudo, as atitudes linguísticas e identidades étnica e cultural. Apresenta-se, também, um tópico que embasa as pesquisas sobre o tema e outro tópico referente ao projeto de pesquisa deste trabalho.

1.1 Língua e Cultura na perspectiva Sociolinguística e Dialetológica

As línguas e seus dialetos podem ser descritos como espelhos da sociedade, pois retratam, na sua organização, os movimentos dos grupos e seus comportamentos em diferentes momentos da história (BUSSE, 2010).

Falar de cultura, língua e sociedade, envolve um conjunto de pensamentos e atitudes que são expressos por membros de uma comunidade. Segundo Brandão (1991, p. 05), “é por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo”.

Labov (2008) caracteriza a língua como um sistema heterogêneo organizado socialmente, que varia de acordo com as mudanças de padrões de determinada comunidade de fala. De acordo com Tarallo (2005, p. 13), a língua “pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de desmarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”. Unida aos fatores que atuam sobre o seu uso, a língua pode expressar as crenças do falante, o qual age de acordo com o seu lugar no grupo e o lugar do grupo na sociedade, e reflete o contato mantido entre eles, a cultura e a história da localidade.

Para Monteiro (2000), a língua reflete a organização de uma sociedade, pois:

[...] como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Assim se explicam os fenômenos de

diversidade e até mesmo de mudança linguística, conforme Labov tem insistido. E, inversamente, pode-se supor que certas atitudes sociais ou manifestações do pensamento sejam influenciadas pelas características que a língua da comunidade apresenta. É o caso então de examinarmos, com mais vagar, até que ponto a sociedade é condicionada pela língua e, vice-versa, em que medida a língua é condicionada pela sociedade (MONTEIRO, 2000, p. 16-17).

Mollica (2004) destaca que as línguas se inovam por meio da tensão de impulsos condicionados por fatores puramente linguísticos, internos, aliados a fatores externos, sociais. O que existe é um duelo entre língua padrão (estrutura) e variação (formas inovadoras), assim como entre língua oficial e língua de imigração, por exemplo.

Como a variação é estruturada com certa regularidade dentro das propriedades da língua, ela acaba tendo uma aceitabilidade, em muitos casos. O duelo acaba sendo concretizado por fortes concorrentes, os quais talvez possam ser caracterizados da seguinte maneira: de um lado a *língua padrão*, com seu *status*, e de outro, a *variação*, com toda sua popularidade e ritmo característico regular quando se pensa em funcionamento linguístico.

A variação pode ser analisada a partir da dimensão diatópica (geograficamente) e diastrática (socialmente), ainda que, segundo Mollica (2004), não seja possível demarcar nitidamente seus traços e suas fronteiras. Além dos condicionadores geográficos e sociais, o fenômeno da variação e mudança linguística precisa ser descrito no tempo.

Faraco (2005) destaca que a mudança linguística ocorre com regularidades e generalidades e de forma sistemática, em que “a regularidade observada na mudança linguística nos permite estabelecer correspondências sistemáticas entre duas ou mais línguas ou entre dois ou mais estágios da mesma língua, tornando assim possível a reconstituição da história” (FARACO, 2005, p. 51).

Assim, é por meio das pistas que as línguas nos fornecem, por meio da observação que se pode compreender como elas mudam e se modificam e como a cultura influencia na mudança linguística e histórica. Os dados também indicam o que leva certa comunidade, ou até mesmo, a sociedade em geral, a estigmatizar ou prestigiar determinada língua e assim implementar ou abandonar alguns usos.

Uma questão que envolve o processo de inovação e conservação linguística está relacionada ao que Weinreich, Labov e Herzog (1968) identificaram como “avaliação”, ou seja, a visão sobre os fenômenos dos falantes. Uma visão e atitude positiva pode ser a implementação da forma, enquanto uma visão ou atitude negativa pode criar barreiras para as formas inovadoras.

Para analisar a cultura da comunidade pesquisada torna-se essencial compreender o significado deste termo. Ao definir cultura, Silva Neto (1955, p. 15-16), caracteriza-a como um “conjunto de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, padrões de comportamento e atitudes que caracterizam um grupo humano”. Nesta concepção, ao falar de sentimentos e comportamentos, que são passados de geração a geração, refere-se a

[...] todo aquello que una persona debe saber o creer para desenvolverse de forma adecuada entre los miembros de un grupo humano concreto y para cumplir una función aceptada por todos ellos. Este conocimiento se adquiere y aprende en un proceso de socialización (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 195).¹

A essência da cultura consiste em: a) ideias: variedade de conhecimentos e crenças; b) abstrações: o que se encontra no domínio das ideias, da mente, excluindo-se totalmente as coisas materiais; c) comportamento: modos de agir comuns aos grupos humanos ou conjunto de atitudes e reações dos indivíduos diante do meio social (LARAIA, 1995).

Para Johnson (1997), a cultura é definida como

o conjunto acumulado de símbolos, idéias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ela uma sociedade inteira ou uma família. [...] A cultura possui aspectos materiais e não-materiais. A cultura material inclui tudo o que é feito, modelado ou transformado como parte da vida social coletiva [...] A cultura não-material inclui SÍMBOLOS [...] bem como as idéias que modelam e informam a vida de seres humanos em relações recíprocas e os sistemas sociais dos quais participam. As mais importantes dessas idéias são as

¹ [...] tudo aquilo que uma pessoa deve saber ou crer para desenvolver-se de forma adequada entre os membros de um grupo humano concreto e para cumprir uma função aceita por todos eles. Este conhecimento se adquire em um processo de socialização (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 195, tradução nossa).

ATITUDES, CRENÇAS, VALORES e NORMAS (JOHNSON, 1997, p. 59, grifos do autor).

A cultura é gerada, portanto, pelos membros do grupo e transmitida socialmente de uma geração a outra, sendo perpetuada na sua forma original ou modificada (LARAIA, 1995). Pelo fato de ser dinâmica, pode sofrer mudanças devido ao contato com outros grupos, migrações, inovações científicas e tecnológicas, pressões políticas e econômicas.

Os imigrantes italianos e seus descendentes, ao chegarem no Brasil, passaram por condições de marginalização em relação à cultura brasileira, devido ao desconhecimento da língua portuguesa e dos costumes de outros grupos étnicos em contato. Tal realidade despertou atitudes distintas em relação à língua e à cultura materna, ocasionadas pelo isolamento étnico e geográfico: enquanto se conservaram os seus traços culturais e dialetos, ao mesmo tempo, a língua e a cultura de origem deram espaço à língua portuguesa (DE BONI; COSTA, 1984).

1.2 A Sociolinguística e a Dialektologia no contato linguístico

Tanto a conduta frente à própria fala, quanto as atitudes e os sentimentos frente ao falar do outro, são objetos de investigação das pesquisas do campo da variação linguística (BELONI, 2015). Para analisar a língua e a fala de uma comunidade é preciso considerar que essa realidade é marcada por aspectos determinados pela história, política e economia.

A Sociolinguística e a Dialektologia fornecem os princípios teóricos e metodológicos para o estudo da complexa e dinâmica relação entre as línguas, seus falantes e a sociedade. Sendo assim, a Sociolinguística trata de uma correlação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela, envolvendo o grau de contato e de identificação com os grupos com os quais interagem no dia a dia.

Segundo Silva-Corvalán (1989),

Sociolinguística y dialectología se han considerado hasta cierto punto sinónimas en cuanto a que ambas disciplinas estudian la lengua hablada, el uso lingüístico y establecen las relaciones que se dan

entre ciertos rasgos lingüísticos y ciertos grupos de individuos. Así como la sociolingüística, la dialectología há reconocido desde siempre la existencia de la heterogeneidad lingüística (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 08).²

A Sociolingüística é a área que se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. Portanto, “o objeto da Sociolingüística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situações reais de uso” (ALKIMIM, 2006, p. 31).

Conforme destaca Mollica (2004),

A Sociolingüística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser escrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais (MOLLICA, 2004, p. 10).

Para Labov, a língua deve ser tomada a partir do seu aspecto social e sua variabilidade determina a constituição dos fatos lingüísticos (LABOV, 2008). Cabe, portanto, à Sociolingüística descrever de que forma os fatores internos e externos estão correlacionados ao uso da língua e dos fenômenos de variação lingüística.

De acordo com o *status* social, positivo ou negativo, é possível determinar se as variantes em contato se encontram em processo de mudança, sendo elas consideradas inovadoras ou conservadoras. Para que seja possível compreender tais mudanças, faz-se necessário estudar a língua na comunidade, na situação real de fala. De acordo com as pressões de variáveis internas (semânticas, sintáticas, morfológicas, fonético-fonológica) e externas (classe social, sexo, escolaridade, etnia, religião, contexto situacional, entre outros) a língua de um grupo pode sofrer

² Sociolingüística e dialetologia são consideradas até certo ponto sinônimas uma vez que ambas estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolingüística, a dialetologia reconheceu desde sempre a existência da heterogeneidade lingüística (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 08, tradução nossa).

mudanças, resultantes da batalha entre padrão/não padrão; conservadoras/inovadoras e de prestígio/estigmatizada.

Duas variáveis sociais atuantes em uma língua são a faixa etária e o sexo. A primeira se reflete nas mudanças em uma comunidade de fala em relação ao tempo histórico e ao tempo de vida de cada indivíduo. Dessa forma, com o passar do tempo, a idade do falante pode ser determinante e modificadora das características e dos hábitos dos indivíduos, de sobremaneira os linguísticos, refletindo o grupo e a geração aos quais ele pertence uma vez que determinadas escolhas linguísticas podem ser consideradas pertencentes a determinada faixa, resultantes de “auténticos símbolos generacionales y que se van renovando conforme llegan las nuevas generaciones” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 44)³.

A variável sexo, importante fator na compreensão da variação linguística, pode demonstrar se homens e mulheres valorizam uma variante de prestígio ou estigmatizada de maneira diferente.

Mollica (2004) afirma que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente por apresentarem o que se pode denominar “uma maior consciência do *status* social das formas linguísticas” (MOLLICA, 2004, p. 35). Para a autora, quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança, no entanto, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma postura conservadora e os homens tomam a liderança do processo.

A Dialetoлогия, por sua vez, tem como objeto de investigação a variação linguística diatópica, ou seja, a observação da língua considerando o contexto geográfico ao qual a língua e seus falantes fazem parte, princípio integrante desta pesquisa.

Segundo Cardoso (2010), “é um ramo dos estudos linguísticos que tem por objetivo identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”

³ “auténticos símbolos geracionais que vão se renovando conforme chegam as novas gerações” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 44, tradução nossa).

(CARDOSO, 2010, p. 15). Assim, a Dialetologia preocupa-se em documentar, descrever e comparar variedades regionais de uma língua.

O estudo dialetológico investiga a relação entre língua e fatores extralinguísticos, pois

Pode oferecer pistas para a identificação dos caminhos pelas quais as inovações linguísticas se encaixam no interior dos contextos internos e externos da língua. O reconhecimento das dimensões que favorecem e/ou inibem a adoção e a difusão das novas formas ou a manutenção e preservação de formas já existentes revela também o papel de cada dimensão, que, no caso da variação, é particularizado pelos elementos da história e da cultura de cada grupo (BUSSE, 2012, p. 114).

O município escolhido para esta pesquisa caracteriza-se pelo bilinguismo. Assim sendo, tomando a língua de um indivíduo ou de uma comunidade como herança de uma colonização de falantes bilíngues português/*talian*, torna-se necessário entender as teorias sobre a situação de bilinguismo. Segundo Heye (2003, p. 34), bilinguismo é a “situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas”. Já a bilingualidade, segundo Heye (2003), é definida como

diferentes estágios distintos de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngüe, passam na sua trajetória de vida. Os estágios são vistos como processos situacionalmente fluídos e definem, de forma dinâmica a bicompetência linguística, comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações de vida (HEYE, 2003, p. 34).

O bilinguismo é um fenômeno que focaliza as mudanças que ocorrem na língua e em seu meio social, enquanto a bilingualidade é um fenômeno individual. Para Bergamaschi (2006, p. 54), “o bilíngüe é o resultado de existir em um contexto social no qual se falam duas línguas”. Na concepção de Paniz (2006), existe bilinguismo quando os integrantes da comunidade falam os dois idiomas – *talian* e português brasileiro -, sendo, na maioria dos casos, o dialeto como língua materna e o português como segunda língua.

Faraco (2005) destaca que a mudança linguística ocorre com regularidades e generalidades e de forma sistemática, em que “a regularidade observada na mudança linguística nos permite estabelecer correspondências sistemáticas entre duas ou mais línguas ou entre dois ou mais estágios da mesma língua, tornando assim possível a reconstituição da história” (FARACO, 2005, p. 51).

Desse modo, é por meio das pistas que as línguas nos fornecem, por meio da observação que se pode compreender como elas mudam e se modificam e como a cultura influencia na mudança linguística e histórica. Os dados também indicam o que leva uma comunidade, ou até mesmo, a sociedade em geral, a estigmatizar ou prestigiar determinada língua e assim implementar ou abandonar alguns usos.

Na região Sul do Brasil há comunidades que se caracterizam pelo contato linguístico. Primeiro, pelo contato das línguas indígenas com as línguas de colonização europeia - português e espanhol - e depois da independência, com o contato das línguas trazidas pelos colonos alemães, italianos, japoneses, poloneses, ucranianos, entre outros. Além disso, vale lembrar que a fronteira com países *hispanohablantes* também oportuniza outro tipo de contato. Portanto, o cenário Sul-brasileiro é, desde seus primórdios, um laboratório étnico e linguístico.

Barretto (2009) explica que o bilinguismo é determinado pelo contexto em que o indivíduo se encontra, sendo “um fenômeno relativo; uma condição particular, identificada pelo contexto e forma de aquisição das duas línguas, bem como pela manutenção e abandono das mesmas” (BARRETTO, 2009, p. 121). A autora esclarece que o indivíduo, ao se apropriar de dois códigos diferentes, utiliza-os em um determinado contexto: familiar, social, escolar e profissional, dependendo das circunstâncias. Além do termo *língua*, a pesquisadora discute que a conceituação de bilinguismo também revela falta de consenso.

Bilíngue é aquele que compreende e fala com competência duas línguas, ou seja, que tem a capacidade de se comunicar em dois idiomas diferentes. Para a Sociolinguística, o bilinguismo é importante pelo fato de que o bilíngue desempenha funções na sociedade: “as pesquisas sociolinguísticas definem o bilinguismo em termos da função que a linguagem desempenha para o falante bilíngue ou para o grupo bilíngue na sociedade” (VON BORSTEL, 2011, p. 35).

Para Confortin (1996), há três correntes que definem o bilinguismo:

- 1) os que consideram ser bilíngue somente o falante que domine, em igual nível e com igual competência, dois sistemas linguísticos. Situamos nesta corrente, Mattoso Câmara (1968, p. 70) que define o 'bilinguismo como a capacidade de um indivíduo de usar duas línguas distintas como se ambas fossem sua língua materna, optando por uma ou outra de acordo com a situação social em que estivesse no momento de fala'; Bloonfield (1993, p. 56), para quem há bilinguismo quando um falante tem um controle nativo das duas línguas;
- 2) os que consideram haver bilinguismo mesmo quando o falante não domine as duas línguas com igual desempenho, estando uma delas, geralmente a materna, em posição de dominância. Incluímos entre eles Halliday (1974, p. 101), que afirma: 'há bilinguismo sempre que o falante de uma língua materna utilizar um segundo sistema linguístico, embora o domínio da segunda língua não seja completo';
- 3) os que consideram ser bilíngue o indivíduo que domina duas línguas, não importando o grau de competência atingido em cada uma delas ou as habilidades envolvidas no seu uso. Situamos neste grupo Weinreich (1953), para quem 'bilinguismo é a prática alternada do uso de duas línguas' e Lanchec (1977) que o define como 'a qualidade de uma pessoa que fala e compreende duas línguas' (CONFORTIN, 1996, p. 573).

Alguns estudiosos consideram que bilíngue é tanto aquele que tem um domínio mínimo como aquele que tem um domínio alto de outra língua, além de sua materna. Vale lembrar que, neste trabalho, se considera bilíngue o falante que tem um mínimo de competência linguística, que consegue se comunicar de forma eficiente com outros falantes. Segundo Von Borstel (2011), Weinreich iniciou as pesquisas sobre contatos entre línguas e "direcionou seus estudos mais aos fenômenos de interferência e ou de transferências linguísticas que aparecem nas falas dos bilíngues como resultado de contatos interlinguísticos" (VON BORSTEL, 2011, p. 36).

Von Borstel (2011) lembra que os imigrantes que se dirigiram ao Brasil tinham dificuldades de escrever e falar o português. Diante dessa dificuldade, entre os anos de 1930 e 1945, com o governo Getúlio Vargas e devido a conflitos políticos, ocorreu a proibição do falar de línguas autóctones. O ato político fez com que imigrantes e descendentes aprendessem a se comunicar em português, o que originou e/ou reforçou a estigmatização sobre os modos de falar "gringos" (BELONI, 2015).

Os dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) registram a diversidade linguística da região quanto à presença de línguas europeias não-lusas, trazidas por seus imigrantes no início do século XIX: alemães (a partir de 1824), italianos (1875), poloneses (1891), japoneses (1918), entre outros.

Altenhofen (2005, p. 87) faz a observação de que apesar de toda sua pluralidade linguística, o Brasil ainda é considerado “monolíngue”:

Sem dúvida, a imagem do Brasil como um enorme país “monolíngue”, dominado pelo português em toda a sua extensão, de proporções continentais, e – o que é mais incrível! – de uma forma “tão homogênea”, tem contribuído em maior ou menor grau, para ofuscar a presença de populações e áreas bilíngues oriundas da imigração. A ideia de “um Brasil com uma única língua” parece tão forte, que mesmo o falante bilíngue, membro de uma comunidade bilíngue, onde convivem lado a lado com o português uma ou mais línguas de adstrato, é capaz de rotular nosso país de “monolíngue”, não enxergando diante do seu nariz a prova cabal de seu equívoco (ALTENHÖFEN, 2005, p. 87).

O autor explica, ainda, que isso ocorreu, talvez, pelo fato de que, na época das guerras mundiais, falar português era condição inerente para ser brasileiro e que, por isso, o ensino do português era sinônimo de civilidade.

Para Margotti, o italiano é um dos grupos linguísticos mais relevantes de ocupação no Sul brasileiro: “o italiano assume uma posição de destaque, tanto pelo número de falantes quanto pela área ocupada e sua influência no contexto linguístico e sociocultural brasileiro” (MARGOTTI, 2004, p. 1).

A partir do contato linguístico, as línguas encontram elementos para mudarem e se manterem em uso. Porém, cabe à comunidade em contato adotar ou não as inovações, preservar ou não uma variedade. Essas atitudes dependem de fatores linguísticos e extralinguísticos, os quais são atitudes subjetivas dos falantes bilíngues e de toda essa comunidade, tanto em relação à língua como em relação à cultura da comunidade em que se está em contato.

Para Silva-Corvalán (1989, p. 170), “El contacto lingüístico es en verdad una expresión más del contacto cultural y la transferencia refleja un proceso de difusión

cultural o aculturación. Es en situaciones donde dos culturas se hallan en contacto directo en una misma área”.⁴

Esse é um desafio necessário, pois, para o falante, compreender o contexto em que está inserido faz parte de sua formação intelectual, e, acima de tudo, do desenvolvimento de sua formação como cidadão, que respeita a diversidade existente em uma comunidade. Considerar uma língua como superior ou inferior demarca os preconceitos criados pela sociedade, estabelecidos por ideologias impostas pela classe dominante.

Interligada aos fatores que atuam sobre seu uso, a língua pode expressar as crenças do falante, o qual age de acordo com o seu lugar no grupo e o lugar do grupo na sociedade, e reflete o contato mantido entre eles, a sua cultura e a sua história. A língua registra, portanto, a variabilidade linguística em dois eixos: o diastrático (correlatas às instâncias sociais) e o diatópico (correlatas ao espaço geográfico), que serão estudados no capítulo três.

1.3 Crenças e Atitudes Linguísticas: pistas para uma descrição da identidade étnica e cultural dos italo-descendentes em Matelândia/PR

Na sociedade, as diferenças de “poder” existentes entre grupos sociais distintos podem ser percebidas na variação linguística e nas atitudes para com essas variações (CORBARI, 2013). Por meio do registro das crenças e atitudes linguísticas pode-se identificar os fatores que atuam nas mudanças linguísticas e na influência no aprendizado de segundas línguas, principalmente se o que orienta a avaliação de prestígio e desprestígio está assentado em valores afetivos, cognoscitivos ou conativos. Esses componentes da avaliação conduzem a um panorama da situação de fala na comunidade.

Segundo Aguilera (2005), as pesquisas sobre crenças e atitudes encontram um campo rico no Paraná, considerando que se coloca como “um mosaico vivo de

⁴ O contato linguístico é na verdade uma expressão mais do contato cultural e a transferência reflete um processo de difusão cultural ou de aculturação. São em situações onde duas culturas se encontram em contato direto em uma mesma área (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 170, tradução nossa).

dezenas de povos e culturas diversificadas, e até historicamente antagônicas, convivendo lado a lado, assimilando mutuamente, em maior ou menor escala, seus costumes e hábitos, inclusive, e, sobretudo, os linguísticos” (AGUILERA, 2005, p. 139).

O interesse a respeito do tema crenças e atitudes surgiu com os psicólogos sociais. Dessa forma,

as definições para esses termos estão voltadas, inicialmente, para a perspectiva social, para as crenças e as atitudes referentes a um objeto social. O objeto social, entretanto, pode ser teoria, situação, acontecimento, língua, dialeto, grupo, pessoa, etc. Então, ao interessar-se por um objeto social, pode-se estar interessado em uma língua ou dialeto específico. Assim, falar em objeto social pressupõe falar, dentre outras coisas, a respeito da língua. E aquilo que se refere à atitude social pode ser usado para referir-se à atitude linguística (BOTASSINI, 2015, p. 105).

No estudo sobre crenças e atitudes observa-se que a maioria das pesquisas interessadas em definir, separadamente, crenças de atitudes refletem mais sobre o termo “atitude”. Na verdade, elas são estreitamente imbricadas, uma vez que, segundo as teorias, esse tema se baseia na concepção mentalista que compreende crenças como um componente das atitudes.

Nos dicionários de língua portuguesa, as definições para “crenças” mais registradas são: fé religiosa, religião; ato ou efeito de crer; convicção; opinião formada; credence e superstição. Para Barcelos (2007), as crenças são definidas como

uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2007, p. 113).

As crenças mudam através do tempo e se apóiam em fatos ocorridos no passado, em opiniões de pessoas que foram importantes, em assuntos veiculados pela mídia, entre outros (BOTASSINI, 2015). Elas podem ser descritas como formas

de pensamento de um indivíduo isolado, mas, em determinadas condições, refletem o comportamento da comunidade, principalmente quando se olha para a história e a formação cultural. Pode-se dizer que as crenças são cercadas de ideologia, de experiências e de interpretação do mundo (DUTRA, 2000). Segundo Dutra (2000), as crenças são

[...] verdadeiras e justificadas, pois foram obtidas a partir de conhecimentos evidentes por si e, logo, também verdadeiros, pois mostram como o mundo é. Assim, a epistemologia tradicional fundacionalista, de forma geral, compreende que há conhecimento apenas onde há crenças verdadeiras e justificadas (DUTRA, 2000, p. 31).

Dessa forma, elas são socialmente construídas e situadas contextualmente (BARCELOS, 2007). Conforme as pessoas interagem e modificam suas experiências, ao mesmo tempo são modificadas por elas; assim, as crenças “incorporam as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais” (BARCELOS, 2007, p. 114).

Em sentido lato, “atitude” significa posição, postura; modo de proceder ou agir; comportamento; procedimento; decisão; entre outros. Para Lambert e Lambert (1966),

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus pensamentos circundantes são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências relativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77).

As atitudes se caracterizam, portanto, por desempenhar uma função essencial na determinação do comportamento humano. Elas podem afetar nossos julgamentos e nossas percepções sobre os outros, ajudando a determinar os grupos

aos quais cada indivíduo se associa a até as profissões que cada sujeito escolhe para seguir (LAMBERT; LAMBERT, 1966).

De acordo com Rodrigues (1972), uma atitude pode ser resumida como “uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto” (RODRIGUES, 1972, p. 397).

Na Sociolinguística, para Kaufmann (2011, p. 122), as atitudes são aplicadas para “analisar fenômenos em relação ao comportamento linguístico, seja esse comportamento vinculado às variantes específicas de uma variedade ou às variedades em si (por exemplo, perda ou manutenção delas)”. Tal comportamento pode referir-se à própria língua falada pelo indivíduo ou à língua falada pelos outros integrantes de um grupo. As atitudes linguísticas, manifestadas pelos falantes de uma comunidade, “fazem parte dos grandes processos sócio-culturais que constituem a substância da transformação social e de grande parte da História” (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 155).

O precursor dos estudos sobre atitudes linguísticas, Wallace Lambert, preocupou-se em abordar o bilinguismo, utilizando a técnica *matched guise*, também conhecida como técnica dos “falsos pares”. Tal técnica foi desenvolvida com o propósito de medir atitudes e consiste em apresentar a um grupo de ouvintes gravações de falantes perfeitamente bilíngues lendo o mesmo texto duas vezes: em um primeiro momento, na própria língua (por exemplo, em francês) e no segundo momento em outra língua (por exemplo, em inglês). Após escutar os áudios, os ouvintes avaliam positiva ou negativamente itens como competência, integridade social e atratividade social. Sem ter o conhecimento de que os dois áudios são lidos pela mesma pessoa, quaisquer diferenças em seus julgamentos sobre a personalidade do falante representariam atitudes estereotipadas em relação aos membros de um grupo etnolinguístico específico.

Para Labov (2008), tal técnica é considerada um instrumento fundamental ao estudo de reações subjetivas à linguagem:

O princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é o de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são

compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão. Essas atitudes não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre os dialetos; mas se ela fizer dois conjuntos de julgamentos de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes de língua, e se *não perceber que é o mesmo falante*, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações (LABOV, 2008, p. 176).

O estudo das crenças e atitudes linguísticas precisa estar baseado na relação entre língua e identidade étnica. Segundo Liebkind (1999), o uso da língua influencia na formação da identidade de grupo, que, ao mesmo tempo, influencia os padrões de atitude e uso linguísticos. Como a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico, “ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente (AGUILERA, 2008, p. 106).

Os comportamentos frequentemente são, “ao mesmo tempo, linguísticos e sociais: há por trás dele relações de forças que se exprimem mediante asserções sobre a língua, mas que se referem aos falantes dessa língua” (CALVET, 2009, p. 77).

De acordo com Liebkind (1999), um grupo étnico é, frequentemente, definido com base em critérios objetivos, ou seja, em características biológicas, geográficas, linguísticas, culturais ou religiosas. Mesmo que as culturas mudem, a continuação dos laços de grupo, em si, pode ser mais duradoura, resultando, assim, no conceito de que etnicidade pode ser definida como qualquer grupo de pessoas que se identificam como italianos, por exemplo, mesmo que não falem ou entendam o idioma, não pratiquem a religião ou gostem da culinária dos seus antepassados. Por essa razão Liebkind (1999) define a identidade étnica, com base em critérios subjetivos, já que se trata de uma crença subjetiva em uma ancestralidade comum, não importando se uma relação de sangue realmente exista (CORBARI, 2013).

A partir do final da década de 60, o termo “atitude” passa a ser tema de interesse, também, dos linguistas, principalmente em pesquisas voltadas ao contato linguístico.

Ao falar sobre crenças e atitudes, Mollica (2004, p. 09) afirma que esse tipo de estudo merece atenção constante dos sociolinguistas, uma vez que “seus resultados oferecem desdobramentos relevantes à realidade”. Assim, a descrição dos sentimentos e comportamentos da própria fala e da fala do outro pode auxiliar na delimitação da função que as formas tomam no grupo, uma vez que as crenças e atitudes são consideradas maneiras de agir e reagir em relação a outras pessoas e grupos (LAMBERT; LAMBERT, 1966). Corroborando com Lambert, Bisinoto (2007) define as atitudes como uma reação entrelaçada com fatores psicológicos, socioculturais e políticos dos falantes perante sua própria língua e a língua do outro.

O comportamento do falante e suas avaliações estão relacionados à língua e aos membros de sua comunidade. Dessa forma, as crenças e atitudes linguísticas permitem diferenciar os grupos, as etnias e os povos e localizar no interior da identidade linguística da comunidade os elementos consagrados como valores para a avaliação sobre as línguas e seus falantes.

Para Moreno Fernández (1998, p. 181), “las actitudes suelen ser manifestación de unas preferencias y unas convenciones sociales acerca del estatus y el prestigio de los hablantes”⁵ tornando-se necessário considerar que as normas compartilhadas pelo grupo ocorrem quando a variável linguística possui marcas sociais evidentes aos falantes.

Em contextos de línguas em contato, no caso em que a comunidade em questão mantém a relação entre o português e o italiano, Frosi, Faggion e Dal Corno (2007) explicam que

[...] as atitudes linguísticas são um fator importante a considerar na evolução, permanência e até extinção de uma língua ou variedade linguística. Uma atitude linguística pode ser entendida como uma resposta face ao outro, isto é, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro, face à variedade linguística do outro; consiste em uma postura ou comportamento, positivo ou negativo,

⁵ “As atitudes podem ser manifestações de algumas preferências e convenções sociais acerca do status e do prestígio dos falantes” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181, tradução nossa).

face a uma língua ou a uma variedade linguística particular (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2007, p. 2).

A avaliação social positiva ou negativa, determinada pelos falantes, pode determinar o tipo de inserção do falante na escala social, isto é, a língua apresenta variantes que podem ser mais prestigiadas do que outras.

Para Tarallo (2005, p. 11-12), esta relação de concorrência nem sempre é verificada, pois podem surgir situações conflitantes de acordo com “a dimensão que as atitudes sociolinguísticas podem alcançar”. Situações essas, em que uma forma não padrão assume papel mais forte na comunidade, só podem ser explicadas mediante o encaixamento sociolinguístico da variável na comunidade de fala e este depende da atitude que os falantes, condicionados por questões culturais e sociais, assumem.

As opiniões de cada indivíduo sobre uma língua podem estar ligadas às preferências da comunidade, demonstradas por meio do acionamento dos componentes linguísticos. Moreno Fernández (1998), López Morales (1993) e Lambert e Lambert (1966) aplicam à definição de atitude a presença de vários elementos ou subcomponentes:

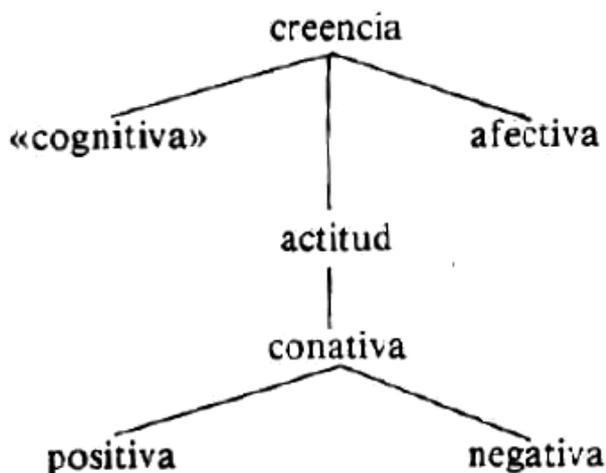
- 1) Cognoscitiva: refere-se às convicções (um saber), pensamentos e crenças em relação a um objeto social definido. Não é possível ter uma atitude sobre um objeto se não houver alguma representação cognoscitiva a seu respeito, ou seja, é preciso conhecê-lo. Para afirmar que uma determinada língua é bonita, é preciso conhecê-la (no mínimo tê-la escutado);
- 2) Afetiva: considera a avaliação/valorização positiva ou negativa do objeto social;
- 3) Conativa: crenças e valores são transformados em intenções comportamentais, ou seja, condutas positivas (de aceitação) e/ou negativas (de rejeição); reação ou tendência à reação diante do objeto social.

Para que uma atitude se constitua, é necessário que esses três componentes “estejam inter-relacionados de tal forma que aquilo que se sente e a maneira como

se reage diante de um objeto social estejam coerentemente associados ao modo como se pensa a respeito dele” (BOTASSINI, 2015, p. 114).

Para Moreno Fernández (1998), tais componentes referem-se à estrutura interna das atitudes, representada pela Figura 1:

Figura 1 – Relação entre crença e atitude



Fonte: López Morález, 1993, p. 235

O componente cognoscitivo pode ser influenciado pelo pré-julgamento e por crenças do falante, demonstrando uma consciência linguística e um conhecimento prévio sobre uma língua. Segundo Botassini, “não se pode ter uma atitude em relação a um objeto se não houver alguma representação cognitiva a seu respeito, ou seja, é preciso conhecê-lo” (BOTASSINI, 2013, p. 57). Já o componente afetivo está relacionado ao conceito de valor acerca das particularidades da fala, apresentando sentimentos sobre o grupo de fala. O componente conativo envolve o comportamento do falante diante do contato existente em diferentes contextos: na família, no trabalho, entre os amigos, entre outros. (DALLEASTE, 2010)

Para Pastorelli (2012), “as crenças podem estar integradas, portanto, por uma suposta cognição e por um integrante afetivo, ambos de origem social, e, ainda que nem todas as crenças produzam atitudes, em sua maioria, revelam uma tomada de posição” (PASTORELLI, 2012, p. 24). Sendo assim, uma atitude pode não ser

realizada em um comportamento de fato, mas por meio de uma postura, calcada nos fatores cognoscitivo e afetivo (BELONI, 2015).

Seguindo o modelo apresentado por López Morález (1993), na figura 1, entende-se que uma atitude é constituída apenas do componente conativo, ou seja, da conduta diante de uma língua, falante ou grupo. Vale salientar, também, que a crença é maior, pois contém os três componentes atribuídos à atitude: o conhecimento, o sentimento e o comportamento. Portanto, as crenças determinam o

comportamento dos indivíduos, no sentido de que são elas que detêm os valores, os julgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros, sobre o mundo e sobre si mesma. Elementos esses carregados de informações e sentimentos que, geralmente, vão produzir atitudes (BOTASSINI, 2013, p. 60).

Diante dos valores atribuídos pelos falantes, torna-se possível identificar o grau de identidade linguística do indivíduo, dentro de sua comunidade. Segundo Moreno Fernández (1998),

Se puede decir que las actitudes lingüísticas tienen que ver con las lenguas mismas y con la *identidad* de los grupos que las manejan. Consecuentemente es lógico pensar que, puesto que existe um relación entre lengua e identidad, ésta há de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 180).⁶

A identidade permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, por meio de suas concepções culturais e dos sentimentos que permeiam e são compartilhados por seus membros. Tanto a identidade social como a pessoal, constituem-se “dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão” (GOFFMANN, 2004, p. 116), ou seja, o que um indivíduo pensa a respeito do outro é fundamental para o processo de identificação. Conforme destaca Mello (1983), a identidade,

⁶ Pode-se dizer que as atitudes linguísticas têm a ver com as mesmas línguas e com a *identidade* dos grupos que as manejam. Por conseguinte, é lógico pensar que, posto que existe uma relação entre língua e identidade, que há de manifestar-se nas atitudes dos indivíduos para essas línguas e seus usuários (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 180, tradução nossa).

[...] é inicialmente definida pelos outros, e por nós elaborada, a partir de semelhanças e dessemelhanças, ou da igualdade que descobrimos entre nós e os outros e das desigualdades que nos caracterizam em oposição a eles. Sem a semelhança, sabemos, não há vida social possível, mas somos levados a descobrir que também sem a dessemelhança não haveria propriamente vida social (MELLO, 1983, p. 59).

Dentro desse conceito, em que a identidade étnica e cultural é promovida pelo igual e o diferente entre os indivíduos e os grupos, a língua não poderia ser desconsiderada, pois se caracteriza pela variedade ou variedades linguísticas usadas pelos integrantes de um grupo. Assim,

Una variedad lingüística puede ser interpretada, por tanto, como un rasgo definidor de la identidad, de ahí que las actitudes hacia los grupos con una identidad determinada sean en parte actitudes hacia las variedades lingüísticas usadas en esos grupos y hacia los usuarios de tales variedades (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).⁷

O reconhecimento da identidade étnico-cultural própria e do outro, seja de um indivíduo ou de um grupo, pode ser refletido e revelado por meio das crenças e atitudes, transmitidas pela história, língua e cultura de uma comunidade. Dessa forma, este trabalho pretende investigar as crenças e atitudes linguísticas de falantes urbanos e rurais, frente à língua e à cultura italiana no município, analisando-se tanto a consciência linguística dos informantes sobre as línguas em contato na comunidade, quanto o seu comportamento diante delas.

Também será possível identificar em qual variável social – faixa etária e sexo - o *talian* é conservado e quais são as crenças e atitudes dos descendentes quanto ao *talian*, à língua italiana padrão e à cultura preservada pelos descendentes; descrever as diferenças e semelhanças registradas nas crenças e atitudes dos informantes quando considerada a variável diatópica (pontos geográficos) e as variáveis diastráticas (sexo e faixa etária); e identificar e analisar, nas respostas dos informantes, elementos que direcionam as crenças e atitudes positivas (prestígio

⁷ Uma variedade linguística pode ser interpretada, portanto, como um traço definidor da identidade, então as atitudes para os grupos com uma identidade determinada são, em parte, atitudes para as variedades linguísticas usadas nesses grupos e para os usuários de tais variedades” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180, tradução nossa).

linguístico) e negativas (desprestígio linguístico) diante da sua fala e da fala do outro.

Diante dos dados desta pesquisa, os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo estão apresentados sem uniformidade. A maioria das questões aciona o componente cognoscitivo, referente ao conhecimento de uma língua, variedade ou grupo.

1.4 Pesquisas sobre Crenças e Atitudes Linguísticas

Os primeiros estudos sobre as atitudes tiveram início na Psicologia Social, com os irmãos Lambert. No que diz respeito à Sociolinguística, ainda na década de 1960, William Labov fez seu primeiro estudo sobre a realização dos ditongos /ay/ e /aw/ dos falantes da ilha de Martha's Vineyard. Segundo o autor, as atitudes sobre a língua podem se manifestar de diversas formas, entre elas as seguintes: "autoavaliação a respeito da norma; reação subjetiva de sensibilidade à norma; reconhecimento explícito de um traço linguístico como um estereótipo; tendência regular de adoção da norma de prestígio" (CORBARI, 2013, p. 73-74).

No Brasil, os trabalhos sobre esse tema ainda são recentes. A seguir serão listadas, de forma crescente, as pesquisas encontradas no país⁸:

- **Lealdade linguística em Rodeio (SC)**, dissertação defendida por Andrieta Lenard, em 1976;
- **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia**, dissertação defendida em 1979, por Maria Isolete Pacheco Menezes Alves;
- **Teste de reação subjetiva: relatório de uma experiência**, defendida em 1994, por Jacyra Mota;
- **Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino de Língua Portuguesa**, tese/livro escrito por Emmanoel dos Santos, em 1996;
- **Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque**, artigo publicado por Jânia Martins Ramos, em 1997;

⁸ Vale ressaltar que nesta lista estão presentes alguns estudos encontrados, uma vez que não é possível ter acesso a todas as pesquisas realizadas até então.

- **Atitudes linguísticas de falantes da cidade de João Pessoa**, artigo apresentado após apresentação no evento GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste), em 1998, por Fabiana Ramos;
- **Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório**, dissertação defendida no ano de 2000, por Leila Salomão Jacob Bisinoto;
- **Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas**, dissertação defendida também no ano de 2000, por Edileusa Gimenes Moralis;
- **Atitudes linguísticas de falantes bilíngues**, artigo publicado por Helena Confortín, em 2001;
- **O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidades, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo**, dissertação defendida em 2001, por Salete Rosa Pezzi dos Santos;
- **Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística**, dissertação de Adriana de Oliveira Barbosa, defendida em 2002;
- **O estudo da variante retroflexa na comunidade de São José do Rio Preto**, dissertação defendida por Luciana Prudente Guiotti, em 2002;
- **Atitudes linguísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilíngue no interior de Goiás**, escrito por Heloisa Augusta Brito de Mello, em 2003;
- **Atitudes linguísticas e identidade na fronteira Brasil-Colômbia**, dissertação defendida por Gabriela de Campos Barbosa, em 2004;
- **Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco**, dissertação defendida por Cândida Mara Brito, em 2004;
- **Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas**, dissertação defendida por Maria Cristina Zandomeneghi Bergamaschi, no ano de 2006;
- **Fotografias sociolinguísticas sob a perspectiva das atitudes linguísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero**, dissertação defendida por Rosely Áurea Soares, em 2006;

- **Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças**, tese defendida por Lúcia Maria de Jesus Parcerro, em 2007;
- **As 'cidades trigêmeas': um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade**, dissertação defendida por Rosana Gemima Amâncio, no ano de 2007;
- **Atitudes linguísticas: variedades encenadas em foco**, artigo publicado por Daniela Plachi, em 2008;
- **Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras**, artigo publicado por Vanderci de Andrade Aguilera, em 2008a;
- **Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira?**, publicado sob forma de capítulo de livro, também por Aguilera, em 2008b;
- **Os holandeses de Carambeí: estudo sociolinguístico**, tese defendida por Letícia Fraga, em 2008;
- **Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR**, dissertação defendida por Tadinei Daniel Jacumasso, em 2009;
- **Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos**, artigo publicado por Jacqueline Ortelan Maia Botassini, em 2009;
- **Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa?**, monografia escrita por Daniele Silva Pastorelli, em 2009;
- **Crenças e atitudes linguísticas de falantes da região Norte e Central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert**, monografia apresentada por Helen Cristina da Silva, em 2010;
- **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu**, artigo publicado por Jacqueline Ortelan Maia Botassini, em 2010;
- **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita – PR: um estudo das relações do português com línguas em contato**, dissertação defendida por Greize Alves da Silva Poreli, em 2010;
- **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato**, dissertação defendida por Daniele Silva Pastorelli, no ano de 2011;

- **Atitudes linguísticas em uma comunidade bilíngue do sudoeste goiano**, escrito por Heloisa Augusta Brito de Mello, em 2011;
- **Crenças e atitudes de falantes de Foz do Iguaçu**, dissertação defendida por Vanessa Raini de Santana, em 2012;
- **O /R/ caipira no triângulo mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas**, dissertação defendida por Hélen Cristina da Silva, em 2012;
- **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**, tese defendida por Clarice Cristina Corbari, em 2013;
- **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**, tese defendida por Jacqueline Ortelan Maia Botassini, em 2013;
- **Atitudes sociolinguísticas de estudantes do Ensino Fundamental em relação à disciplina escolar Língua Portuguesa**, dissertação defendida por Frederiko Luz Silva, em 2014;
- **Um estudo das crenças e atitudes linguísticas dos falantes de Capanema/Paraná**, monografia feita por Ana Paula Dalleaste, no ano de 2013;
- **Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu**. Tese defendida por Antonio Luiz Alencar Miranda, em 2014;
- **Crenças, atitudes e revitalização: o que aconteceu com a língua Mundurukú a partir das três últimas gerações**, artigo publicado por Celso Francês Júnior, no ano de 2014;
- **Um estudo preliminar das crenças e atitudes dos descendentes italianos de Matelândia-Paraná**, artigo publicado em anais, em 2014, por Ana Paula Dalleaste;
- **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**, livro adaptado da tese de Denise Porto Cardoso, publicado em 2015;
- **A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística**, artigo publicado por Botassini, em 2015;
- **Crenças e atitudes: uma análise das línguas em contato em Guaíra/PR**, artigo publicado em anais por Ana Paula Dalleaste e Michelli Galli, em 2015;

- **Crenças e atitudes linguísticas de alunos de uma escola de campo**, dissertação apresentada por Ligiane Aparecida Bonacin, em 2015.

Os trabalhos, embora sua relevância, apontam para a necessidade de pesquisas sobre variação e diversidade linguística voltadas para os estudos das crenças e atitudes linguísticas decorrentes do contato linguístico, principalmente no Sul do Brasil, considerando as línguas de imigração, línguas indígenas e línguas de fronteira.

1.5 O Projeto de pesquisa *Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português*

Cada forma de falar reflete a cultura de um povo ou de uma comunidade, sua origem e sua história. No interior da dinâmica e complexa realidade social, as variedades linguísticas podem ser mantidas e/ou continuar sofrendo mudanças. Os italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, ao se deslocarem para o Oeste paranaense, trouxeram consigo a cultura e a sua forma de falar.

Para compreender a influência italiana na formação histórica e cultural da região, é preciso entender como os colonos se estabeleceram aqui e como enfrentaram e lutaram pela preservação de sua cultura. É necessário, também, compreender as ações empreendidas para se identificarem como grupo em um contexto em que a colonização não foi tão homogênea como em outras cidades da região. Segundo Piaia (2004), os municípios de Cascavel, Foz do Iguaçu, Matelândia, São Miguel do Iguaçu, Medianeira, Santa Terezinha de Itaipu e Toledo registraram uma concentração maior de descendentes italianos, no período de povoamento do Oeste paranaense.

O objetivo do projeto *Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português* é verificar se acontecem fenômenos de manutenção e inovação linguística da língua italiana, especialmente o *talian*, falados pelos descendentes italianos nas cidades de **Cascavel, Foz do Iguaçu, Matelândia e Toledo**. Essas localidades selecionadas para estudo podem ser consideradas como cidades polo em diversas atividades sociais e econômicas. Os dados da

pesquisa devem ser coletados a partir de questionário semiestruturado, com questões linguísticas e metalinguísticas, que se encontra em anexo. Os objetivos previstos para a pesquisa sobre os fenômenos de manutenção e inovação das variantes linguísticas presentes na fala, são:

- a) Estudar e analisar até onde (ponto geográfico) a língua italiana e seus dialetos são registrados pelos descendentes italianos da região Oeste do Paraná, nas localidades de Cascavel, Foz do Iguaçu, Matelândia, Medianeira e Toledo, de colonização de frente sulista;
- b) Identificar e descrever até que faixa etária e sexo conserva-se a língua italiana ou seus dialetos;
- c) Coletar, registrar e descrever os termos que são registrados pelos descendentes de italiano, considerando-se a dimensão diastrática (considerando os fatores sexo e faixa etária);
- d) Investigar sobre as variáveis sociais da história e da cultura que podem atuar para a conservação da língua e da cultura italiana na região;
- e) Analisar a comunidade de descendentes italianos, avaliando o grau de valorização e estigmatização da cultura e da língua italiana, tanto a padrão como do dialeto, na cidade de região Oeste, cruzando as informações com base nas variáveis dos informantes: faixa etária e sexo;
- f) Reconhecer e avaliar os fatores sociais (crenças e atitudes linguísticas) que favorecem ou inibem a conservação das variantes linguísticas.

Adotando uma metodologia única para a coleta de dados nas quatro localidades, elaborou-se um questionário que totaliza 235 questões a serem aplicadas em situação de entrevista a falantes de cada um dos municípios em questão. De todas as questões, 68 abordam dados pessoais do informante, 40 perguntas metalinguísticas e 127 perguntas do questionário Semântico-Lexical (QSL). As perguntas metalinguísticas, segundo Thun (2005), com o “Método da Sugestão” permitem retomar determinadas informações e assim possibilita descrever o léxico passivo e ativo e o registro dos comentários como índices de atitudes e do comportamento linguístico dos falantes. As questões têm como objetivo verificar, portanto, o grau de consciência linguística do informante.

Quadro 1 – Rede de pontos do Projeto de Pesquisa *Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português*

Ponto	Descrição do Ponto
Ponto 01	Cascavel
Ponto 02	Toledo
Ponto 03	Foz do Iguaçu
Ponto 04	Matelândia

Fonte: Elaboração da autora

As três faixas etárias definidas para a seleção dos informantes buscam o registro da fala na dimensão diastrática e em tempo aparente (LABOV, 2008). Levando em consideração a motivação linguística e extralinguística, foram definidas as faixas etárias: GI (20 a 40 anos; GII (41 a 59 anos; e GIII (mais de 61 anos).

Os procedimentos metodológicos a serem observados pelos pesquisadores em sua área de atuação dizem respeito a:

- a) Participação na pesquisa de campo;
- b) Colaboração na escolha dos informantes, contemplando ambos os sexos - masculino e feminino e três faixas etárias;
- c) Transcrição e revisão das entrevistas;
- d) Levantamento e tabulação de dados;
- e) Elaboração de gráficos percentuais;
- f) Análise e descrição dos dados de acordo com a fundamentação teórica;
- g) Discussão e redação das considerações finais, à luz do referencial teórico.

Projeta-se com a pesquisa verificar se hipóteses como estas são realmente reais:

- a) Se a cultura e a língua italiana desempenham grande influência na formação moral, cultural e religiosa da comunidade;
- b) Se a valorização do dialeto pelos descendentes mais velhos garante que o idioma seja preservado, mantido e vangloriado;
- c) Se os descendentes mais jovens desvalorizam o dialeto;
- d) Se os descendentes mais jovens ainda registram algumas palavras do dialeto;

- e) Se os mais jovens valorizam mais o italiano padrão, disseminado pelo ensino formal;
- f) Se essa comunidade segue a religião católica;
- g) Se o dialeto sofre estigmatização em do Oeste do Paraná;
- h) Se o destino do dialeto italiano falado na região é de mortandade;
- i) Se as mulheres valorizam mais o italiano padrão do que o dialeto;
- j) Se as mulheres registram termos do dialeto;
- k) Se os homens valorizam mais o dialeto como símbolo de identificação de grupo.

Atualmente, tal projeto de pesquisa foi aplicado pela presente autora desta pesquisa e por Wânia Beloni em sua dissertação intitulada *Um estudo sobre a fala e a cultura de italodescendentes em Cascavel/PR*, defendida em 2015.

Espera-se que novas pesquisas sejam feitas com os dados já recolhidos nos municípios de Matelândia e Cascavel, bem como outros pesquisadores possam aplicar o projeto em Toledo e Foz do Iguaçu. Considera-se de significativa importância o fato de jovens pesquisadores das IES envolvidas estarem motivados para desenvolver suas monografias, dissertações e teses com base no banco de dados constituído.

2 CONTEXTO GEOSOCIOCULTURAL DA PESQUISA

O conhecimento de costumes e hábitos da comunidade, tais como informações históricas e culturais acerca da localidade em estudo, é de total importância para o andamento do trabalho com dados linguísticos. Para compreender a influência italiana na formação histórica e cultural da região é necessário entender como os colonos⁹ se estabeleceram e lutaram pela preservação de sua cultura, e compreender as ações empreendidas para se identificarem como grupo.

2.1 A Colonização no Oeste do Paraná

A região Oeste do Paraná caracteriza-se por seu polimorfismo linguístico e cultural. Essa realidade tem origem na formação histórica das localidades que registram em diferentes fases do seu povoamento um movimento de imigração e migração ativo, em que as trocas linguísticas e culturais são visíveis.

No momento histórico em que o tráfico de negros começava a ser suspenso, a procura pela mudança de vida e a pressão vivida devido às expansões das relações capitalistas de produção fizeram os italianos optar pela busca da América tão sonhada, que oferecia fontes de trabalho e de renda - o Brasil. Segundo Gregory (2008), o capitalismo crescente na Europa, além de provocar o êxodo de milhões de camponeses, afetava valores, crenças e concepções de vida, o que os fez, em grande escala, acreditar nas propagandas brasileiras favoráveis ao movimento emigratório e aceitar tal proposta irresistível. Aos camponeses expulsos do campo “restava buscar trabalho nas indústrias e, enquanto massa operária, eram impelidos a abandonar uma vida, uma mentalidade e uma religião de cunho agrário” (GREGORY, 2008, p. 47).

Conforme assinala Luzzatto (2000), dos imigrantes que colonizaram o Sul do Brasil,

⁹ Utiliza-se, neste trabalho, o termo colono, definido por Zanini (2006) e Balhana (2002), como um “pequeno proprietário, ou seja, um lavrador independente” (BALHANA, 2002, p. 266).

Aproximadamente 95% eram provenientes do Vêneto, do Trentino Alto-Ádige, do Friuli-Veneza Giulia, isto é, do Tri-Vêneto, e da Lombardia. Desses imigrantes, mais de 60% possuíam a língua e a cultura venetas. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma: o vênето. Quando aqui chegaram foram instalados em colônias, sem respeitar a origem de cada família. Assim, uma família trentina da Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de Pordenome, de um lado, e de outra lombarda, de Bérgamo, com várias famílias venetas ao seu redor. Evidentemente era preciso entender-se, Daí resultou uma língua de comunicação, uma *coiné*, muito mais veneta do que lombarda, ou friulana, ou trentina, pois veneta era a maioria (LUZZATTO, 2000, p. 21).

Ao se depararem com a dificuldade de manter a sobrevivência e de se adaptarem a um local tão novo e não mais tão desejado, aliados à falta de perspectiva de progresso, restava migrar para outras terras. Migrar seria, ao italiano, uma possibilidade de ser proprietário de terra e de garantir aos seus filhos condições dignas de alimentação, de formação e de vida social e religiosa (GREGORY, 2008).

A partir de 1920, as terras do Sudoeste e Oeste Paranaenses passaram a ser vistas como um espaço a ser planejado e organizado para receber migrantes das antigas regiões coloniais do Sul (GREGORY, 2008). As microrregiões Oeste e Sudoeste paranaenses atraíram 30% dos migrantes da Região Sul, constituindo-se as áreas de destino preferencial de agricultores gaúchos e catarinenses.

Gregory destaca que, para o Oeste paranaense, deslocaram-se “85% dos gaúchos e 50% dos catarinenses que migraram para o Paraná, somando em torno de 350.000 pessoas” (SUDESUL, 1975, p. 61) (GREGORY, 2008, p. 64). Dessa feita, a partir do final dos anos 40, desde 1956, o fluxo migratório mais importante para o Oeste do Paraná, intensificou-se.

Segundo Busse (2010), vinte, trinta anos após a chegada dos primeiros imigrantes ao Oeste do Paraná, novos grupos migraram para a região, tais como operários, atraídos pela construção da hidrelétrica de Itaipu, vindos de São Paulo, Minas Gerais e Bahia, comerciários, profissionais liberais, atraídos pelo comércio na fronteira e pelo desenvolvimento econômico das localidades, vindos do norte do Paraná, São Paulo e Minas Gerais. A colonização do Oeste paranaense ocorreu de

forma tímida e lenta e só foi possível com a intervenção de empresas colonizadoras que loteavam áreas para revender aos colonos.

O papel das colonizadoras foi fundamental para a ocupação da região, conforme destaca Gregory (2008, p. 93). As madeireiras enfrentaram, porém, problemas como falta de transporte, vias de acesso, hospitais, igrejas, escolas, entre outras bases de infraestrutura, o que dificultava a venda dos lotes.

A colonizadora Maripá, por exemplo, que tinha como objetivo a ocupação e a exploração do Oeste paranaense, mais especificamente as cidades de Marechal Cândido Rondon e Toledo, entre 1946 e 1960, enfrentou tais dificuldades. As colonizadoras tiveram, dessa forma, que investir nas áreas para estruturá-las e conseguir vendê-las. Apesar disso, o preço dos lotes na região era bem mais baixo que os lotes gaúchos. O preço foi um dos atrativos para os colonos, além do interesse por áreas próprias para o desenvolvimento agrário.

Piaia (2004) destaca que “A motivação essencial para o deslocamento dos imigrantes gaúchos, primeiro para o oeste catarinense, e posteriormente para o sudoeste e oeste paranaense, repousa na questão agrária” (PIAIA, 2004, p. 198-199). A partir disso, pressupõe-se que os colonos precisavam buscar novos espaços e locais para produzir e tornar seu trabalho rentável. Com isso os colonos partiam para buscar novas terras.

Formado por cinquenta municípios, o Oeste do Paraná faz fronteira com os países da Argentina e do Paraguai. No início do século XX, mais precisamente em 1930, por se tratar de uma área de fronteira, marcada por conflitos, a região Oeste passa a receber investimentos locucionais.

Segundo Schneider (2001), um acontecimento considerado o marco da transformação da região foi a passagem da Coluna Prestes que, devido ao combate de militares com revoltosos, os administradores públicos tiveram a visão da precária situação nacional de tal região de fronteira: “a inexpressiva presença de brasileiros e a atuação de companhias estrangeiras são exemplares da insegurança no que se referia à posse e à dinamização do território” (SCHNEIDER, 2001, p. 34-35).

Após a revolução de 30, o governo Vargas lançou a campanha “Marcha para o Oeste”, com o intuito de povoar e desenvolver o território paranaense e, ao mesmo

tempo, proteger as regiões de fronteira da exploração dos países vizinhos, Argentina e Paraguai (SILVA-PORELI, 2010). Diante desse contexto histórico, o processo de colonização e ocupação de terras fronteiriças provocaram o estabelecimento de companhias madeireiras e de colonizações nacionais que adquiriram terras nas regiões para a exploração da madeira, mercantilização de terras, comércio e indústria (GREGORY, 2008). Dentre tais empresas, as que mais se destacaram foram: a Companhia Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A - MARIPÁ, a Pinho e Terras com as secções Piquiri, Céu Azul, Porto Mendes, Lopeí, a Industrial Agrícola Bento Gonçalves Ltda., a Colonizadora Gaúcha Ltda., a Colonizadora Matelândia Ltda., a Colonizadora Criciúma Ltda. (GREGORY, 2008, p. 93). Vale ressaltar, dentre as companhias citadas acima, que a Colonizadora Matelândia escolheu como capitão da colonização, o senhor Benjamim Luiz Biazus, gaúcho de Nova Trento, que se tornou um dos acionistas e iniciou o trabalho de desmatamento (JORGE; DALL POZZO, 2004).

2.2 Matelândia-Paraná: uma descrição sócio-histórica da localidade

Os registros históricos informam que a emancipação do município de Matelândia teve início pela colonização da localidade feita por Miguel Matte, em meados da década de 40, após a fundação da Colonizadora Matelândia.

A colonização de Matelândia foi iniciada, formalmente em 1950. De acordo com o que ficou estabelecido quando da criação da Colonizadora Matelândia Ltda., esta deveria ter os seguintes objetivos: colonização e loteamento das terras que havia adquirido, comércio de madeiras, agricultura, pecuária, industrialização, importações e exportações. Tal colonizadora, com sede no município de Foz do Iguaçu, foi criada e registrada oficialmente em 10 de maio de 1951, tendo como acionistas 92 associados, todos naturais do estado do Rio Grande do Sul.

Durante, aproximadamente, onze anos, a firma passou por momentos difíceis até que toda a infra-estrutura montada para a recepção dos colonos que se mudavam para o município fosse concluída. Devido às dificuldades de manutenção

da firma, vários acionistas venderam suas quotas patrimoniais, restando apenas 14 acionistas.

Para desbravar os sertões dessa terra, Benjamim Luiz Biazus, originário do município de Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, foi escolhido para capitanear a colonização de Matelândia e tornou-se um dos acionistas. Organizou a primeira caravana em direção à localidade, da qual fizeram parte: Francisco Donadell, Adelino Molon e Elza Molon com sua filha de seis meses de idade, Fortunato Antônio Menoncin, Gentil Piccoli e Faustino Biazus, chegando às terras no dia 11 de junho de 1950 (JORGE; DAL POZZO, 2004).

A ideia de deslocar-se para o Extremo-Oeste do Paraná não era tarefa das mais fáceis ao considerar o péssimo estado em que se encontravam as estradas naquele período.

A vinda de colonos sulistas para as terras pertencentes à Colonizadora Matelândia, segundo Colodel (1992), obedeceu aos mesmos critérios e motivações daqueles que se estabeleceram nos outros núcleos de colonização, que se abriram em praticamente todo o Oeste do Estado do Paraná.

Eram essencialmente pequenos proprietários que até então residiam nas antigas zonas coloniais do Rio Grande do Sul e porções do oeste catarinense. Vieram para Matelândia em busca de melhores condições de vida futura não só para si como para os seus filhos. Chegando em Matelândia, intermediados por corretores, vizinhos e/ou parentes, procuraram reproduzir em solo paranaense parte do universo comunitário a que estavam habituados em seus locais de origem, constituindo grupos relativamente fechados e caracterizados por uma mesma identidade étnico-cultural (COLODEL, 1992, p. 219).

A primeira casa construída em Matelândia foi feita com rapidez e serviu de abrigo temporário a todos os colonos pioneiros. A construção era composta por uma cozinha, um quarto de casal do Adelino Molon, na parte de baixo; e em cima, próximo ao telhado, foram colocadas tábuas para que descansassem os outros cinco homens.

Figura 2 - Primeira casa construída em Matelândia¹⁰



Fonte: COLODEL, 1992, p. 393¹¹

À medida que os primeiros moradores de Matelândia iam se ambientando com o novo lugar, todos os esforços foram direcionados para a construção das suas moradias. Para que isso fosse possível, os colonos eram obrigados a deslocar-se até Cascavel, até então um pequeno vilarejo com algumas casas, a fim de que pudessem comprar madeira necessária. Somente em 1952, a Colonizadora Matelândia conseguiu montar, no local, sua primeira serraria, trazida de Sananduva, no Rio Gande do Sul, por Fortunato Antonio Menoncin.

As primeiras quarenta casas todas foram feitas por intermédio da firma. Não tinha proprietário. Alguns, depois, compraram a casa da firma e alguns deixaram aquela pra firma e construíram outra, própria (COLODEL, 1992, p. 229).

¹¹ Quando os primeiros colonos chegaram a Matelândia, em 1950, construíram esta casa provisória para abrigá-los temporariamente. Nesta fotografia é possível vê-los naquele mesmo ano. Da esquerda para direita: Benjamim Luiz Biazus, Gentil Piccoli, Fortunato Antonio Menoncin, Elza Molon e sua filha Ivanir, Gino Molon, Francisco Donadel e Faustino Biazus. Acervo fotográfico do Projeto História (COLODEL, 1992, p. 393).

Para a colonizadora, era de extrema importância que se acelerasse a construção dessas primeiras moradias. Embora elas fossem de caráter provisório, eram indispensáveis para acomodar os colonos que começavam a afluir para Matelândia cada vez em maior número. Além dos ranchos, a firma também construiu algumas obras para abrigar um maior número de pessoas, as chamadas repúblicas, que agasalhava até dez ou doze pessoas.

Os colonos que se transferiram para Matelândia tiveram que se habituar desde a sua chegada às condições reinantes nessa nova frente de ocupação e povoamento. A região era inexplorada, ainda entregue à própria natureza. A mata predominava por todos os espaços, povoados por animais de diversas espécies. Após a construção de suas moradias, cada morador era responsável por desmatar suas terras e plantar seus alimentos.

De acordo com dados da Colonizadora Matelândia LTDA., apresentados por Gregory (2008), a localidade possuía, no ano de 1960, “7.000 Habitantes, sendo 60% descendentes de italianos e 40% descendentes de alemães e outros. Todos eles vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina” (Relatório da Colonizadora Matelândia Ltda., 1960, p. 13, *apud*, GREGORY, 2008). Tais dados marcam a origem da população presente no início da colonização do município de Matelândia.

Para estruturar a evolução populacional de Matelândia, Colodel (1992) encontrou por meio de fontes cartorárias – Registros de Casamentos depositados no município de Matelândia para o período de 1961 a 1988; e no Cartório de Foz do Iguaçu para o período de 1950 a 1960. Foram computados 8.602 cônjuges, ou seja, 4.301 casamentos (de 1961 a 1988).

No Quadro 2, destacam-se oito grupos migratórios diferenciados, agrupados por Estado de origem: Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, uma região (Nordeste) e um último grupo, chamado de “outros”, envolvendo imigrantes italianos, alemães, japoneses, poloneses, argentinos, paraguaios e migrantes de outros Estados brasileiros.

Quadro 2 – Porcentual anual da população por Estado de nascimento (1961-1988)

TABELA I																	
Matelândia: Porcentual anual da população por Estado de nascimento — (1961-1988).																	
Fonte: Livros de Registros de Casamentos do Cartório Civil.																	
ANOS	PR	%	RS	%	MG	%	SC	%	NE	%	SP	%	ES	%	OUT	%	TOTAL
1961	2	4,5	30	68,2	3	6,8	7	15,9	1	2,3	1	2,3	—	—	—	—	44
1962	14	14,3	36	36,7	8	8,2	27	27,5	5	5,1	6	6,1	1	1,0	1	1,0	98
1963	26	20,5	42	33,1	8	6,3	35	27,5	7	5,5	7	5,5	—	—	2	1,6	127
1964	18	10,7	83	49,4	13	7,7	38	22,6	12	7,1	4	2,4	—	—	—	—	168
1965	17	10,1	63	37,5	27	16,1	38	22,6	6	3,6	15	8,9	2	1,2	—	—	168
1966	19	14,7	46	35,6	18	13,9	27	20,9	9	7,0	9	7,0	—	—	1	0,8	129
1967	19	14,4	54	40,9	16	12,1	26	19,7	6	3,0	10	7,6	2	1,5	1	0,7	138
1968	24	17,9	64	47,8	16	11,9	11	8,2	9	6,7	10	7,5	—	—	—	—	134
1969	27	15,7	66	38,4	21	12,2	31	18,0	6	3,5	15	8,7	5	2,9	1	0,6	172
1970	19	18,1	37	36,6	11	10,9	17	16,8	8	10,9	8	7,9	1	1,0	—	—	101
1971	50	21,9	76	33,3	48	21,0	20	8,8	9	3,9	18	7,9	6	2,6	1	0,4	228
1972	70	19,3	107	29,5	73	13,2	32	8,8	45	12,4	30	8,3	6	16,5	—	—	363
1973	172	30,6	118	21,0	112	20,0	29	9,6	58	10,3	53	9,4	18	3,2	1	0,2	561
1974	203	30,9	118	17,9	151	22,9	54	8,2	51	7,7	62	9,4	15	2,3	4	0,6	658
1975	208	29,9	154	22,1	119	17,1	61	8,8	73	10,5	60	8,6	12	1,7	8	1,1	695
1976	251	26,4	186	19,5	201	21,1	86	9,0	144	15,1	61	6,4	16	1,7	6	0,6	951
1977	170	30,9	95	17,3	120	21,8	60	10,9	61	11,1	31	5,6	10	1,8	3	0,5	550
1978	100	32,5	76	24,7	48	15,6	29	9,4	32	10,4	19	6,2	2	0,6	2	0,6	308
1979	28	25,2	35	31,5	9	8,1	23	20,7	7	6,3	5	4,5	4	3,6	—	—	111
1980	35	29,9	37	31,6	12	10,2	20	17,1	1	0,8	8	6,8	2	1,7	2	1,7	117
1981	223	47,9	91	18,7	68	14,0	32	6,6	31	6,4	22	4,5	6	1,2	3	0,6	486
1982	220	49,5	94	21,2	41	9,2	35	7,9	25	5,6	17	3,8	9	2,0	3	0,7	444
1983	141	51,8	52	19,1	16	5,9	44	16,2	12	4,4	4	1,5	—	—	3	1,1	272
1984	187	52,5	84	23,6	44	12,3	30	8,4	4	1,1	4	1,1	2	0,6	1	0,3	356
1985	172	58,9	53	18,1	28	9,6	16	5,5	6	2,0	13	4,4	2	0,7	2	0,7	292
1986	213	61,2	62	17,8	23	6,6	26	7,5	11	3,2	9	2,6	1	0,3	3	0,9	348
1987	202	66,9	57	18,9	13	4,3	20	6,6	5	1,6	4	1,3	1	0,3	—	—	302
1988	189	66,1	40	14,0	24	8,4	23	8,0	3	1,0	5	1,7	1	0,3	1	0,3	286
Total	3.029	35,2	2.056	24,0	1.291	15,0	897	10,4	646	7,5	510	5,9	124	1,4	49	0,6	8.602

Fonte: COLODEL, 1992, p. 290

Embora não tenham sido tabulados os dados de 1950 a 1960, durante essa década, a evolução da população de Matelândia restringiu-se à presença de migrantes “sulistas”, que vieram em busca de novas terras, e um percentual diminuto de elementos paranaenses, vindos da região de Cascavel, Foz do Iguaçu, Guarapuava e do Sudoeste do Paraná.

Após a fundação do município, em 1960, até 1970, “as estruturas demográficas de Matelândia começam a sentir a influência de correntes migratórias que lhe eram estranhas, ou não tão significativas” (COLODEL, 1992, p. 283). Por volta de 1967, a região começou a integrar-se com o mercado regional, com a abertura do eixo de comunicação terrestre, representado pela atual BR-277. Na década de 1970, iniciaram-se os chamados “anos de prosperidade” para Matelândia. A população cresceu nove vezes nesse curto período de tempo, como pode ser visto no Quadro 1. Durante essa década, a exploração da madeira e o seu comércio com as praças de São Paulo e Rio de Janeiro atingem os seus índices mais relevantes.

O cultivo do rami também ganha força com a participação das fazendas “Rami” e “Impala”, localizadas em Ramilândia e Diamante D’Oeste. A década de 1970 se destacou pelo cultivo da hortelã e do café. Observa-se a notória participação dos migrantes do nordeste, de Minas Gerais e da Região Norte paranaense. Um grande número de famílias se dirigiu a Matelândia à procura de trabalho nas plantações de café, rami, hortelã e na extração de madeira. Contudo, tais atividades econômicas permaneceram em evidência em um espaço de tempo de três anos.

Em meados de 1970 a 1980, alguns fatores determinaram o ritmo decrescente da população no município. A hortelã foi cultivada cerca de cinco anos, coincidindo com o crescimento da população (1970-1975). O cultivo mais intenso do café recebeu um golpe de morte com a “geada negra”, ocorrida em 1975. No quadro 1 é possível constatar o vigoroso retrocesso em números absolutos da população total de Matelândia.

A partir de 1979, os terrenos que possuíam plantações de café foram vendidos como terrenos menores. Alguns desses adquirentes eram provenientes do Rio Grande do Sul, via laços de parentesco e de amizade. Outros, em maior número, eram procedentes de outras localidades do Paraná.

O topônimo *Matelândia* constitui homenagem a Miguel Matte, membro da firma colonizadora que foi responsável pela colonização da localidade, em junção do termo *Lândia*, de origem inglesa (*land*=terra). A emancipação Político-administrativa aconteceu no dia 25 de julho de 1960.

Figura 3 - Mapa da localização de Matelândia



Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹²

Localizado no Oeste do Paraná, às margens da rodovia federal BR 277, possui 16.078 habitantes e uma área territorial de 639.746 km¹³. É cercada pelas cidades: Medianeira, Céu Azul, Capanema, Serranópolis do Iguaçu, Ramilândia, Vera Cruz do Oeste e pelo Parque Nacional do Iguaçu.

Com todo esse contexto histórico e social, o *italiano* movimentava características peculiares no que tange ao contato linguístico e cultural na comunidade. A cidade conta com os grupos folclóricos *Figlio di questa terra* (de dança) e *Grupo Vicini* (de canto), e o programa de rádio *Vita, storie e canti*, veiculado pela rádio Matelândia (Am 1240Khz), apresentado aos domingos, das 11h às 12h.

¹² Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411560>. Acesso em: 03 fev. 2015.

¹³ Dados populacional de 2010, de acordo como o IBGE. Os registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram, no ano de 2013, uma população estimada de 17.026 habitantes. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=411560>. Acesso em: 20 mar. 2015.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta seção é destinada à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste trabalho, descrevendo-se a seleção das localidades e informantes, bem como o instrumento de coleta e tratamento dos dados para a análise.

A pesquisa toma como *corpus* os dados coletados na localidade de Matelândia, pelo Projeto *Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português*, o qual já foi aprovado pelo Comitê de Ética da Unioeste, por meio da Plataforma Brasil. Com o número de parecer 289.274, o projeto foi aprovado no início de junho de 2013. Vale lembrar que esta é a segunda pesquisa promovida dentro do Projeto, juntamente com a dissertação *Um estudo sobre a fala e a cultura de italo descendentes em Cascavel/PR*, defendida por Beloni (2015).

3.1 Metodologia da pesquisa em Matelândia

Para o estudo e a investigação dos elementos da língua e da cultura italiana, preservadas pelos informantes de Matelândia/PR e suas crenças e atitudes linguísticas, esta pesquisa, de cunho geossociolinguístico, contou com a aplicação de questionário, com o intuito de registrar as crenças e atitudes linguísticas dos informantes, de acordo com as diferentes localidades selecionadas dentro do município.

A metodologia quantitativa, utilizada no trabalho, preocupa-se em garantir a precisão dos resultados, já que trabalha com informações objetivas e numéricas, evitando distorções de análise e de interpretação.

O método utilizado, também, será qualitativo, tendo como base o interpretativismo, pois essa perspectiva teórica considera o ser no contexto social e no contexto histórico, em razão de contemplar a reflexão e interpretação dos dados com o intuito de compreender os fatos.

A pesquisa qualitativa tem como objetivo apreender e interpretar os

significados de determinado segmento, no caso, de determinada comunidade. Trata-se de um estudo que objetiva compreender os resultados detalhadamente, considerando as características situacionais do objeto em estudo.

Esta pesquisa é também de natureza etnográfica, pois busca compreender, por meio de um contato e convívio com os entrevistados, os sentidos que o próprio sujeito atribui ao contexto em que está inserido, caracterizando-se como “a arte de descrever um grupo humano - suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30). Silva, Oliveira, Pereira e Lima afirmam que este tipo de estudo

busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura, assim a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado, como afirmam Hammersley e Atkinson (1994), ao revelarem que o valor da etnografia como método da pesquisa social está no fato da existência de uma variedade de modelos culturais e do seu significado na compreensão dos processos sociais. Desta forma, a etnografia, como também outras pesquisas qualitativas, buscam a inserção no contexto natural para acessar às experiências, aos comportamentos, às interações e aos documentos para assim compreender a dinâmica do grupo estudado (SILVA, et al, s.d., p. 4).

Dessa forma, ao estudar uma língua e a cultura de uma comunidade, baseado na pesquisa de campo, é preciso observar os comportamentos, costumes e crenças compartilhados pelos sujeitos. A variabilidade linguística, segundo Mollica (2004), pertence a dois eixos que atuam sobre os fenômenos da variação: diastrático (correlatas às instâncias sociais) e diatópico (correlatas ao espaço geográfico). A pesquisa de cunho social e dialetal se fundamenta em um tripé simples, com diferentes perspectivas e procedimentos teóricos variados: a rede de pontos, os informantes e a coleta dos dados.

3.2 Variável diatópica: a rede de pontos

Os dados que integram esta pesquisa foram coletados *in loco*, pela própria autora, por meio do Projeto *Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português*.

É na comunidade de fala que se dá a interação entre língua e sociedade. Logo, o espaço em que os falantes se encontram define suas atitudes diante dos fatos linguísticos presentes em seu meio. A determinação do ponto de coleta deve ser estabelecida

[...] em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da sua situação demográfica, enfim, pode ter como base um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 24).

O município de Matelândia caracteriza-se por apresentar um considerável número de descendentes italianos que ainda preservam o *talian*. Dessa maneira, mesmo que pouco explorada cientificamente no tocante às atitudes linguísticas de seus habitantes, é possível perceber a resistência de alguns falantes em conservar a sua língua de herança.

Para tanto, optou-se por estudar as crenças e atitudes dos falantes com a delimitação de três áreas demarcadas dentro do município. Tal escolha explica-se com as palavras de Rossi (1967, p. 88-89) quando afirma que “o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área”.

Os aspectos considerados para a seleção de cada ponto foram os seguintes:

- a) Ponto A: Vila Esmeralda (rural); menor grau de isolamento;
- b) Ponto B: Centro (urbano); de desenvolvimento econômico e político, mais difusora das mudanças. Os habitantes urbanos vivem menos isolados do que os rurais e, tradicionalmente, estão mais sujeitos à influência externa, tendo maior

condução na mudança linguística e nas atitudes sobre a língua falada na comunidade (MARGOTTI, 2004);

c) Ponto C: Vila Marquesita (rural); maior grau de isolamento. Os moradores dessa localidade são mais distantes da área urbana, o que pode ser marcado por um menor grau de contato linguístico, social e cultural e, conseqüentemente, apresentar maior nível de preservação da identidade étnica.

Assim como a língua, os pensamentos e comportamentos dos falantes podem revelar características diferentes ou indiferentes aos estudos sobre a diversidade linguística que revelam, segundo Margotti (2004), que

[...] nos centros urbanos maiores, a fala dialetal cedeu lugar à língua portuguesa; nos centros urbanos menores, o dialeto italiano está sendo relegado em favor da língua portuguesa, especialmente entre pessoas de menos idade; nas comunidades rurais os dialetos ainda persistem, porém com nivelamento bastante acentuado no âmbito dos próprios dialetos e também com influências da língua portuguesa (MARGOTTI, 2004, p. 20).

Para uma melhor compreensão da rede de pontos da pesquisa, a seguir, na figura 4, é possível visualizar o mapa de Matelândia e os locais de entrevista: dois pontos rurais: ponto A (Vila Esmeralda) e ponto C (Vila Marquesita); e um ponto urbano: B (centro).

Figura 4 – Seleção dos pontos de coleta dos dados



Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹⁴

A intenção desta pesquisa é recolher elementos da língua e da cultura refletidos em espaços limitados e, assim, documentar as diferenças entre os pequenos grupos em um mesmo município, analisando-se em qual ponto o *talian* é mais valorizado pelos descendentes garantindo que o idioma seja preservado e mantido e/ou se o destino do *talian*, falado em Matelândia, é de mortandade.

3.3 Variáveis diageracional e diassexual: perfil do informante

A importância de encontrar fatos linguísticos com a variável diatópica, soma-se às características sociais dos informantes e suas relações com o uso da língua. Ao tratar da escolha dos informantes, seguiu-se “um método que assegure uma amostra representativa, o que se pode conseguir fazendo uso das técnicas de amostragem desenvolvidas para as ciências sociais” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p.

¹⁴ Disponível em:

<http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=PT&codmun=411560&search=parana|matelandia|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Acesso em: 10 mar. 2015. Alterações da autora.

17, tradução nossa)¹⁵. Para esta pesquisa, a seleção dos informantes se pautou na Dialetoologia Pluridimensional, sendo consideradas duas dimensões, a saber:

a) a dimensão diassexual, que contempla sujeitos dos sexos feminino e masculino, os quais caracterizam os processos de implementação, conservação e inovação, relacionados ao sexo do falante e aos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade;

b) a dimensão diageracional, que contemplam faixas etárias que abarcam desde a geração mais velha até a geração mais nova, resultando na definição de três faixas: 20 a 40 anos, 41 a 59 anos e acima de 60 anos.

Além das variáveis, para o desenvolvimento deste trabalho os informantes foram selecionados de acordo com os seguintes requisitos básicos:

- a) ser descendente de italiano pelo lado paterno, tendo sobrenome italiano;
- b) morar em Matelândia há pelo menos 30 anos;
- c) ser nascido em Matelândia, no caso da faixa etária mais jovem.

Os critérios ou variáveis sociais podem ser tomados como representativos da composição da comunidade e do comportamento linguístico dos falantes. Com a dimensão diassexual é possível reconhecer atitudes mais conservadoras, de prestígio e de inovação. Poderá ser observado se o homem conserva mais a língua de seus pais e avós e se as mulheres valorizam mais o italiano padrão do que o *talian*, uma vez que, segundo Monteiro (2000),

Homens e mulheres são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete este fato social. E o que é o mais significativo: as mulheres, de acordo com muitas pesquisas já realizadas, costumam empregar, bem mais do que os homens, as formas que as normas gramaticais prescrevem como próprias da língua-padrão (MONTEIRO, 2000, p. 75).

No que se refere às crenças e atitudes linguísticas, a variável gênero atua sobre a delimitação dos conceitos de prestígio e estigma linguístico. É o

¹⁵ [...] un método que asegure una muestra representativa, la que se puede lograr haciendo uso de las técnicas de muestreo desarrolladas para las ciencias sociales.

comportamento linguístico de homens e mulheres que favorece, dentre outros fatores, o alcance de determinada variante linguística.

Sobre a atuação da variável sexo, Moreno Fernández (1998) afirma que

[...] la mujer, generalmente, es más sensible a las normas prestigiosas que los hombres; dicho de otra forma, las mujeres muestran una actitud más positiva que los hombres hacia los usos que se ajustan a la norma, a la vez que los hombres suelen ceñir sus usos a los llamados “vernáculos” y a las variedades locales con más intensidad que las mujeres (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 37, grifos do autor).¹⁶

Supõe-se que as mulheres podem se adequar mais rapidamente à norma prestigiada na comunidade e, conseqüentemente, deixar de lado a língua materna ou as variedades menos valorizadas pelo grupo.

Como uma das hipóteses é de que a faixa etária pode contribuir no conservadorismo ou abandono linguístico da variedade italiana, foi selecionada a mesma quantidade de informantes de sexos diferentes, distribuídos em três faixas etárias distintas. Para exemplificar a importância da dimensão diageracional e suas especificidades quanto ao grau de manutenção de uma variante, pode-se analisar o fato de a geração mais velha compor o grupo que colonizou a comunidade ou os filhos dos colonizadores e a geração mais jovem representar o grupo inovador, com maior acesso à escola e aos elementos tecnológicos. Para Faraco (2005),

Quando se faz uma investigação sociolingüística, é sempre possível distribuir os falantes por diferentes faixas etárias (por exemplo, pessoas jovens, pessoas de meia-idade, pessoas idosas). Diante desse fator, os dados podem revelar uma clara correlação entre idade e uso de determinadas variantes. Tal fato pode estar assinalando apenas uma característica linguística própria de cada grupo etário que é adotada pelo falante e posteriormente abandonada à medida que ele vai passando de uma faixa de idade para outra (FARACO, 2005, p. 186).

¹⁶ [...] a mulher, geralmente, é mais sensível às normas prestigiosas que os homens; dito de outra forma, as mulheres mostram uma atitude mais positiva que os homens para os usos que se ajustam à norma, enquanto os homens tendem a restringir seus usos aos chamados “vernáculos” e as variedades locais com mais intensidade que as mulheres.

Segundo Busse (2010), “a idade é um marco na constituição de identidades sociais: jovens e idosos estão envolvidos em diferentes atividades, assumem determinados comportamentos, os quais são refletidos na linguagem” (BUSSE, 2010, p. 53). Logo, a variável faixa etária registra as diferenças no comportamento das pessoas nas diferentes fases da vida.

Para o estudo, foram definidas, então, as faixas etárias:

- (a) GI (20 a 40 anos), a geração mais nova, que abarcou os tataranetos dos imigrantes italianos e que provavelmente têm menos contato com a língua e com a cultura de seus antepassados;
- (b) GII (41 a 59 anos), a geração intermediária, que abarcou os bisnetos dos imigrantes italianos;
- (c) GIII (mais de 60 anos), a geração mais velha, que abarcou os netos dos imigrantes italianos e/ou a geração mais próxima desses que foram, provavelmente, os colonizadores de Matelândia, oriundos dos estados do Rio Grande do Sul e que residem há mais de 30 anos na localidade.

Todos os informantes da faixa etária mais velha, de ambos os sexos, vieram do Rio Grande do Sul. Os da faixa intermediária nasceram no Rio Grande do Sul e no Paraná. Os mais jovens são todos nascidos no município de Matelândia.

As três faixas etárias, então determinadas, segundo Silva-Corvalán (1989), podem revelar três atitudes com relação à língua: “1) la identidad de grupo; 2) la auto-corrección por parte de los más activos en los grupos generacionales de la vida pública; 3) el cambio lingüístico en curso” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 75-76)¹⁷. Assim sendo, foram dezoito informantes, divididos em três áreas geográficas do município. Da combinação das variáveis resultou a seleção de seis informantes para cada ponto de coleta, sendo dois homens e duas mulheres de cada faixa etária, como pode ser observado no Quadro 3:

¹⁷ “1) identidade de grupo; 2) autocorreção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública; 3) mudança linguística em progresso” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 75-76, tradução nossa).

Quadro 3 – Variáveis sociais da pesquisa

Código do Informante <i>Dimensão diatópica</i>	Sexo <i>Dimensão diassexual</i>	Faixa Etária <i>Dimensão diageracional</i>
Ponto geográfico A Vila Esmeralda (rural)		
AHGI	Homem	GI – 20 a 40 anos
AMGI	Mulher	GI – 20 a 40 anos
AHGII	Homem	GII – 41 a 59 anos
AMGII	Mulher	GII – 41 a 59 anos
AHGIII	Homem	GIII – mais de 60 anos
AMGIII	Mulher	GIII – mais de 60 anos
Ponto geográfico B Centro urbano		
BHGI	Homem	GI – 20 a 40 anos
BMGI	Mulher	GI – 20 a 40 anos
BHGII	Homem	GII – 41 a 59 anos
BMGII	Mulher	GII – 41 a 59 anos
BHGIII	Homem	GIII – mais de 60 anos
BMGIII	Mulher	GIII – mais de 60 anos
Ponto geográfico C Vila Marquesita (rural)		
CHGI	Homem	GI – 20 a 40 anos
CMGI	Mulher	GI – 20 a 40 anos
CHGII	Homem	GII – 41 a 59 anos
CMGII	Mulher	GII – 41 a 59 anos
CHGIII	Homem	GIII – mais de 60 anos
CMGIII	Mulher	GIII – mais de 60 anos

Fonte: Elaboração da autora

Seguindo os princípios éticos da pesquisa, os informantes receberam códigos para a identificação de ponto geográfico, sexo e faixa etária. Assim, para designar o

ponto geográfico, adotaram-se as letras A, B e C. Na sequência o sexo, representado por: H para homem e M para mulher. E por último, as faixas etárias GI (geração I), GII (geração II) e GIII (geração III). A informante AMGIII, por exemplo, reside no ponto geográfico A (Vila Esmeralda) e é uma mulher da geração III (faixa etária acima de 60 anos).

O Quadro 4, apresenta o perfil detalhado dos informantes da pesquisa, incluindo dados de naturalidade, língua materna e língua que usa no dia a dia. Tal quadro foi adaptado do trabalho de Corbari (2013).

Quadro 4 – Perfil detalhado dos informantes da pesquisa

Informante	Sexo	Idade	Naturalidade	Língua(s) Materna(s)	Língua(s) que fala no dia a dia
Ponto geográfico A (Vila Esmeralda)					
1	H	18	Matelândia	português e <i>talian</i>	português
2	M	32	Matelândia	português	português
3	H	53	Aratiba-RS	<i>talian</i>	português
4	M	56	Porto Alegre-RS	português	português
5	H	75	Passo Fundo-RS	<i>talian</i>	português e <i>talian</i>
6	M	72	Antônio Prado-RS	português	português
Ponto geográfico B (Centro urbano)					
7	H	31	Matelândia	português	português
8	M	27	Matelândia	português	português
9	H	49	Porto alegre-RS	português	português
10	M	52	Casca-RS	português e <i>talian</i>	português
11	H	83	Tapejara-RS	<i>talian</i>	português e <i>talian</i>
12	M	77	Tapejara – RS	<i>talian</i>	português
Ponto geográfico C (Vila Marquesita)					
13	H	29	Matelândia	português	português
14	M	21	Matelândia	português	português
15	H	53	Passo Fundo-RS	<i>talian</i>	português

16	M	56	Nova Prata-RS	<i>talian</i>	português e <i>talian</i>
17	H	89	Passo Fundo-RS	<i>talian</i>	português
18	M	76	Sananduva-RS	<i>talian</i>	português e <i>talian</i>

Fonte: Elaboração da autora

3.4 Coleta dos dados

O propósito do método de entrevista sociolinguística, segundo Tarallo (2005), é o “de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na neutralidade da situação de coleta de dados” (TARALLO, 2005, p. 21). Para Lambert e Lambert (1966),

Como as atitudes não são diretamente observáveis, têm de ser inferidas, seja da cuidadosa observação do comportamento das pessoas em situações sociais, seja dos padrões de respostas a questionários que foram especialmente elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir a ambientes sociais concretos e reais (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p.104).

Portanto, a construção do instrumento de coleta de dados contemplou a orientação de Lambert e Lambert (1966), que propõem medir as atitudes por meio de um questionário com itens elaborados de modo a representar os três componentes da atitude: a) o cognoscitivo, referente ao que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico; b) o afetivo, que corresponde ao sentimento frente ao que se sabe a respeito de uma língua, variedade ou grupo linguístico; e c) o conativo, referente à predisposição para agir frente ao que se sabe e sente sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico.

O estudo das atitudes linguísticas, segundo Moreno Fernández (1998), é efetuado por meio de dois métodos: o direto e o indireto. A medição direta, utilizada neste trabalho, com perguntas diretas e indiretas, por meio de um questionário semiestruturado e entrevista, permite respostas tanto limitadas quanto subjetivas.

A elaboração do questionário, feita pela pesquisadora Wânia Cristiane Beloni (2015), seguiu as orientações do Comitê Nacional para Elaboração do Atlas

Linguístico do Brasil (ALiB). Pretende-se, com o Questionário Semântico-Lexical (QSL), em anexo, investigar a questão de interesse diatópico (de forma histórica, com estudos e análises, assim como pelas declarações dos informantes) e diastrático, tendo por objetivo a documentação do registro da fala local, bem como os processos de conservação, inovação e irradiação das mudanças linguísticas. Os itens do QSL são distribuídos por áreas semânticas (Alimentação e cozinha; Relação de parentela/família; Religião e Crenças; Nomes próprios; Qualidades/convívio e comportamento social; Expressões; Vestuário e acessórios; Habitação; Lugares; Fauna; Verbos; Corpo humano).

Das 235 perguntas do questionário, em anexo, as 68 primeiras referem-se a dados pessoais e de nível cultural, bem como histórias da família do informante.

O Questionário Semântico-Lexical (QSL) possui 127 itens, aparecendo ao fim da entrevista. Na identificação das variantes lexicais apresentados em *talian* foi realizado um prévio levantamento de dados na comunidade em questão, assim como utilizado o Dicionário talian-português (LUZZATTO, 2000). Para as formas no italiano padrão, foi utilizado o Dizionario Devoto Oli della Lingua Italiana (DEVOTO; OLI, 2007).

Para a aplicação dos inquéritos foi utilizado um gravador de voz Sony Voice Recorder, com microfone imbutido e visor de cristal líquido.

O *corpus* da pesquisa é composto por dados em Matelândia, totalizando dezoito entrevistas. As transcrições das falas foram convencionadas as seguintes notações:

- a) reticências para pausas longas;
- b) reticências entre parênteses para supressões;
- c) para trechos ininteligíveis usa-se (inint.).

Os dados foram coletados no período compreendido entre os meses de novembro de 2014 e janeiro de 2015, em Matelândia, por meio de entrevistas individuais. As transcrições foram feitas de fevereiro a agosto de 2015.

3.5 Seleção e tratamento dos dados para a análise das Crenças e Atitudes Linguísticas

A seleção e tratamento dos dados seguiram três procedimentos: seleção das questões a serem analisadas, quantificação dos dados e interpretação qualitativa das respostas dos informantes.

Na seleção das perguntas a serem analisadas foram considerados os aspectos que motivam certos comportamentos sociais, principalmente aqueles relacionados aos grupos e à fala, com o intuito de atender aos objetivos do estudo, na tentativa de compreender o contexto linguístico-cultural da etnia italiana em Matelândia.

De acordo com Lambert e Lambert (1966), as crenças e atitudes são constituídas por três componentes – afetivo, cognoscitivo e conativo. Assim sendo, optou-se, então, pela escolha das questões que acionam com maior ênfase o componente cognoscitivo, que se refere aos *pensamentos* e *crenças*, ou seja, àquilo que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico. Para exemplificar, as questões *Você lembra palavras que falavam?* e *Com quem você fala italiano?* ativam o **conhecimento** do informante sobre a língua italiana e, conseqüentemente, suas crenças e atitudes sobre ela.

Mesmo que o foco da análise seja o componente cognoscitivo, ressalta-se que há, também, questões que acionam os componentes afetivos e conativos, não sendo estabelecido um padrão rígido em relação à uniformidade dos três elementos na pesquisa. É importante lembrar que uma pergunta possibilita avaliar mais de um componente da atitude, isto é, uma pergunta que objetiva alcançar uma resposta no âmbito do componente cognoscitivo, pode gerar uma resposta afetiva ou conativa.

A organização da análise das 10 perguntas deu-se de forma individual, ou seja, cada questão pertence a uma subseção do capítulo 4. No Quadro 5 é possível observar a disposição das perguntas analisadas, seguindo a ordem da disposição no capítulo.

Quadro 5 – Seleção das perguntas para a análise dos dados

4.1 Qual língua o imigrante italiano paterno e materno – teu avô, avó, bisavô ou bisavó – falavam?
4.2 Falava-se essa língua em família?
4.3 Você lembra palavras que falavam?
4.4 Você fala italiano?
4.5 Com quem você fala italiano?
4.6 Em que ocasiões você fala italiano?
4.7 Agora você ouvirá algumas pessoas falando. A seguir, falaremos sobre:
4.7.1 Em que língua as pessoas estão falando?
4.7.2 Há alguma diferença entre os dois áudios?
4.7.3 Qual das duas formas de falar você acha mais bonita?
4.8 O que você gosta ou não da cultura italiana?

De acordo com a seleção, as questões permitem:

- a) Questões 4.1, 4.2 e 4.3: observar a língua falada pelos imigrantes italianos e se ela foi propagada e passada de geração para geração no âmbito familiar;
- b) Questões 4.4, 4.5 e 4.6: identificar o conhecimento linguístico dos informantes com relação à língua italiana, seu uso e preservação;
- c) Questões 4.7.1 e 4.7.2: averiguar o conhecimento linguístico da língua italiana padrão e do *talian* devido ao contato com outros falantes;
- d) Questão 4.7.3: analisar a avaliação dos informantes com relação às variedades da língua italiana, classificando-as como prestigiada ou não;
- e) Questão 4.8: descrever as crenças e atitudes acionadas pelos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo relacionadas à opinião dos informantes sobre a cultura italiana preservada pela comunidade e observar o grau da valorização, conduzida pelos antepassados e mantida até os dias atuais, de forma positiva ou negativa.

Após a escolha das questões, as respostas foram quantificadas e transformadas em gráficos, com o intuito de render dados que revelem crenças com relação às línguas ou às variedades e aos seus falantes. Em seguida, procedeu-se à

análise descritiva das respostas dos informantes, complementada com excertos de suas falas para uma melhor verificação do objeto da pesquisa – crenças, opiniões, avaliações e comportamento.

4 LÍNGUA E CULTURA ITALIANA: UM OLHAR PARA OS DADOS SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM MATELÂNDIA/PR

O município de Matelândia, pelo fato de ser, geograficamente, cortado pela BR 277 e de estar situado a, aproximadamente, 75 km de Foz do Iguaçu e da fronteira com o Paraguai, carrega diversos fatores que envolvem os sujeitos da pesquisa, tanto culturais quanto linguísticos, pois mantém até hoje um predomínio de descendentes de italianos e é um dos principais locais de emergência das associações étnicas de italianos do Oeste do Paraná. A associação do município foi criada em 22/03/1995 e nomeada *Società Culturale Vicini All'Italia*.

Dentre os grupos que colonizaram as regiões Sul do Brasil e o Oeste do Paraná, os italianos e seus descendentes se destacam pela visão empreendedora e transformadora dos espaços povoados, disseminando sua língua e sua cultura. O município pesquisado, no ano de 1960, possuía, dentre o total de 7.000 habitantes, 60% de descendentes de italianos. Realizar um estudo em torno da manutenção ou estigmatização do *talian* e da cultura italiana, diante do contato linguístico presente em comunidades que apresentam o contato do português com a língua italiana, significa observar a língua como uma atividade social envolvida por regras promovidas por seus falantes de acordo com a interação entre si (PERTILE, 2009).

Ao vivenciar dentro de casa a presença da língua italiana, mais precisamente o dialeto *talian*, e o contato com a música popular passada pelos avós aos tios e pais, surgiu a curiosidade em compreender as diferenças culturais e linguísticas do município, principalmente pelo fato de contar com muitos descendentes que poderão mostrar, por meio desta pesquisa, sua origem, sua cultura e os fatores que contribuem para a manutenção ou estigmatização da língua.

Nesta seção, apresenta-se um exercício de análise de onze questões que acionam as crenças e atitudes de acordo com o conhecimento que o falante possui da língua italiana e sua variação, guiada pela abordagem mentalista, que concebe a atitude como um elemento complexo, formado por três componentes – o cognitivo, o afetivo e o conativo.

A descrição dos dados foi feita de maneira que, por meio dos comentários registrados nas respostas ao questionário de crenças e atitudes linguísticas, seja possível identificar relevante comportamento linguístico dos italo descendentes, exemplificando-os com as falas dos informantes identificados com o código, abordado anteriormente.

Na análise, enfatizou-se a variável diatópica (rede de pontos). Assim sendo, os gráficos serão apresentados de acordo com os **pontos de coleta** com o intuito de registrar as diferenças e semelhanças registradas nas crenças e atitudes dos informantes frente à língua italiana na comunidade. As variáveis diageracional e diassexual - **faixa etária e sexo**, analisadas no interior de cada ponto de coleta, permitem averiguar os processos de realização, conservação e inovação (mudança linguística em progresso), prestígio e desprestígio linguístico, e a identidade de grupo.

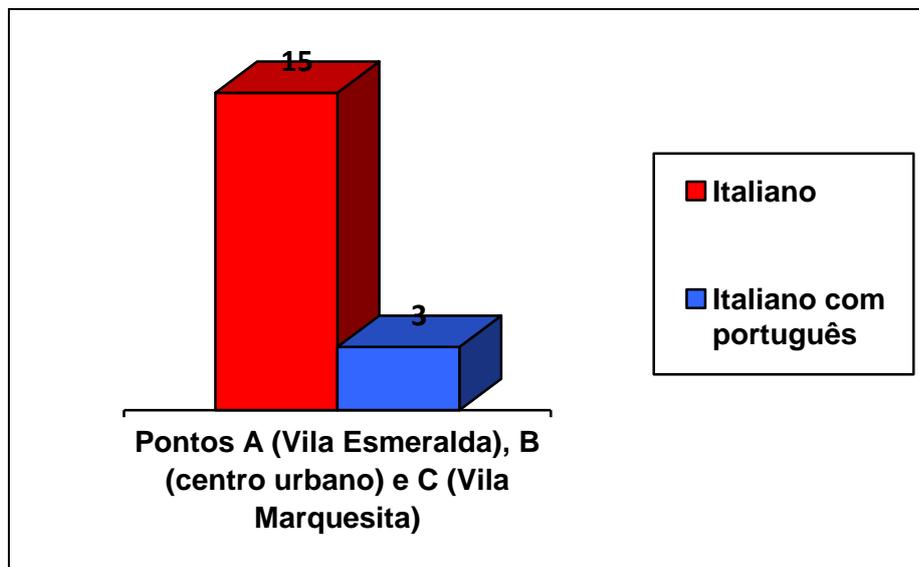
4.1 Qual língua o imigrante italiano paterno e materno – teu avô, avó, bisavô ou bisavó - falavam?

A pergunta visa observar a língua que falavam os imigrantes italianos, de acordo com o conhecimento e/ou contato linguístico que o informante teve com eles e as crenças mantidas sobre tal idioma falado. De forma quantitativa, pretende-se observar se o número de falantes da língua italiana era relevante quando usada por seus imigrantes. É possível verificar se o contato com brasileiros alterou a escolha linguística dos italianos natos.

Sem seleção de ponto geográfico, faixa etária e sexo, analisaram-se as respostas, de modo geral, para obter os dados quantitativos. As réplicas apresentadas por todos os informantes foram “italiano misturado com brasileiro” e “italiano”. Das dezoito pessoas, quinze afirmaram que o italiano era a língua falada pelo imigrante do lado paterno e materno, e apenas três responderam que se falava o italiano misturado com o português.

No Gráfico 1, podem-se observar os resultados:

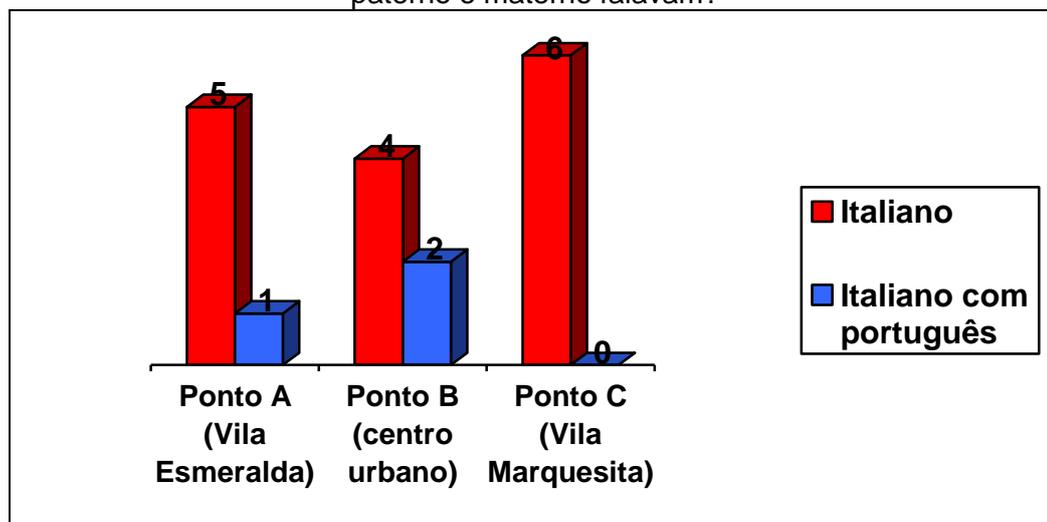
Gráfico 1 – Dados gerais - Qual língua os imigrantes italianos paterno e materno falavam?



O Gráfico 1 registra que todos os imigrantes, familiares dos informantes, tanto do lado paterno quanto do lado materno, usavam a língua italiana para comunicar-se, demonstrando que era a língua materna deles.

O Gráfico 2, a seguir, apresenta o número de respostas em cada ponto investigado, ou seja, as respostas dadas em cada localidade - Vila Esmeralda, centro urbano e Vila Marquesita:

Gráfico 2 – Dados referentes a cada ponto de coleta - Qual língua os imigrantes italianos paterno e materno falavam?



De acordo com as respostas dos informantes, em relação aos pontos de coleta selecionados no município, observa-se que o único ponto, onde 100% dos informantes responderam somente a língua italiana, foi a localidade de Vila Marquesita - ponto C. A localidade é o ponto mais distante da área urbana, o que pode ser marcado por um menor grau de contato linguístico, social e cultural e, conseqüentemente, apresentar maior nível de preservação da identidade étnica. Na Vila Esmeralda – ponto A - apenas uma resposta considerou a língua misturada e no centro urbano – ponto B – dois informantes fizeram a mesma constatação.

De acordo com as características de cada localidade, as respostas quanto à língua “misturada” demonstraram uma escala, uma vez que a Vila Marquesita, conhecida por ser a área mais isolada, mostrou que seus falantes não percebem uma mescla de línguas, mas somente o italiano, demonstrando que não houve contato linguístico capaz de ocasionar uma variação. Já o centro urbano – ponto B, demonstrou um maior contato linguístico, de acordo com as respostas.

Para a informante do sexo feminino, da geração II, de Vila Esmeralda - ponto A, o pai e os avós paternos preservavam a língua italiana, porém, ao se casar com sua mãe de origem polonesa abandonou a tradição linguística, mantendo somente o português. Outro fator condicionante do abandono da língua é a união com descendentes de outras etnias:

1)
 AMGII –
 Entre eles **falavam italiano**. Tipo assim, o pai... O **meu pai falava né, o meu avô e avó falavam**, só que eles... O pai entendia... O pai falava várias linguagem. Mais o pai que entendia né, só que o pai até conversava assim, **só que como ele casou com a mãe que era polonesa né...** Então não seguiu de coisa... **Daí só falava em brasileiro**.

Ao analisar as respostas, considerando a localização na rede de pontos, observa-se que o local onde se expressou um maior contato linguístico foi no centro urbano - ponto B, caracterizado por ser uma área com menor grau de isolamento.

Segundo dois informantes do centro urbano, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, a língua falada pelos imigrantes era o italiano, porém, com reflexos da língua nacional do Brasil, o que demonstra uma consciência linguística de duas línguas faladas em dois países diferentes que se unem, marcando a identidade dos imigrantes e seus descendentes:

2)
 BMGII – Ah, eles falavam **brasileiro misturado com italiano**.

3)
 BHGI – O meu avô falava italiano. **Abrasileirado**.

De acordo com os fragmentos 2 e 3, a língua é associada à nacionalidade, ao afirmar não se tratar somente de falar o italiano, mas, também, de usar a língua no Brasil. “Abrasileirado” pode ser descrito como uma marca de singularidade e de identidade do falante, originária da convivência de povos de línguas diferentes (línguas indígenas, de imigração e de fronteira). Isso aconteceu pelo fato de os imigrantes e seus descendentes adquirirem um grau de aculturação do comportamento linguístico, ou seja, do abasileiramento da língua constituído pela formação de um linguajar rico de empréstimos lexicais do português e, até mesmo, de novos itens da língua de imigração e de suas variações (HEYE; VANDRESEN, 2006).

Assim sendo, o informante utiliza esse termo para demonstrar o limite cultural existente entre as nações e sua valorização positiva sobre a língua falada pelo avô. Portanto, a afirmação dos informantes em considerar a língua falada pelos imigrantes como “italiano¹⁸ e brasileiro” representa o reconhecimento da pluralidade linguística na comunidade.

A realidade linguística de Matelândia reflete no conhecimento de ambos os falantes, pois, conforme suas falas é possível observar que sabem diferenciar o que é falado em italiano e o que é falado em português, bem como identificar essa “mistura” de línguas, que pode estar relacionada ao contato entre falantes, à intervenção da escola e, até mesmo, ao processo de aprendizagem da língua no âmbito familiar. Observa-se, também, a realidade social e cotidiana, a convivência cultural, a situação econômica e linguística, na qual há consciência de uma fala local, que não é a língua italiana padrão, mas um cruzamento entre a língua falada na comunidade brasileira com a da comunidade italiana.

O conhecimento da língua falada no município pode ser observado por meio dos excertos 4 e 5, em que os informantes do sexo masculino, da geração III, e feminino da geração II, caracterizam a fala de seus imigrantes como um dialeto¹⁹:

4)

BHGIII –

A língua é Italiano, o **dialeto Feltrin**... Féltre... Feltrin, se chama. Que tem Feltrin, Besentin, Mantoan. **O nosso é Feltrin**, que provavelmente alguns deles, a descendência dele, é de Feltre, porque na Itália tem a região de Feltre. Também eles falavam a língua Feltrin que nem hoje.

Os recortes 4 e 5 revelam o componente cognoscitivo, representado pelo conhecimento de uma fala local que é ditada pelas culturas que se cruzam, nas quais não retrata a língua italiana padrão, mas o *talian*:

5)

AMGII –

¹⁸ Vale ressaltar que o termo “italiano”, citado pelos informantes, se refere ao *talian*.

¹⁹ O termo “dialeto”, utilizado e citado pelos informantes da pesquisa, refere-se ao *talian*. Em 2014, o *talian* foi certificado como língua e referência cultural brasileira pelo Ministério da Cultura (MinC).

INF. É italiano, **mas como é que eu vou te explicar o dialeto deles**, era italiano. Eles falavam em italiano, minha vó, meu vô falavam.

Por meio do componente cognoscitivo, esses excertos remontam à história do município e os falantes demonstram conhecimento de sua língua e do *talian*. Também foi possível, por meio dessa questão, analisar que a língua italiana era falada pelos imigrantes e parentes de todos os informantes da pesquisa, fato esse representativo na construção da língua e da cultura na comunidade pesquisada.

O centro urbano - ponto B apresentou maior consciência linguística do *talian*, uma vez que é o ponto de maior contato social e propício às mudanças, enquanto na Vila Marquesita - ponto C, de maior isolamento, os informantes não percebem a mistura de línguas e consideram seus imigrantes falantes apenas do italiano.

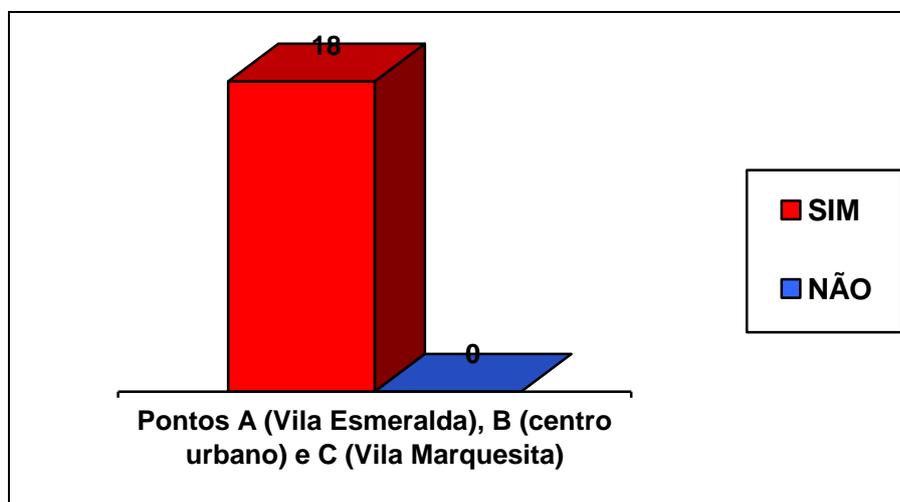
4.2 Falava-se essa língua em família?

Esta questão tem o objetivo de identificar se a língua italiana era mantida dentro do contexto familiar. O fato de uma língua ser identificada entre os familiares marca a sua preservação e sua propagação entre as gerações, tornando-a mais sólida. Segundo Colognese (2004), a família ocupa um lugar de primeira grandeza entre os descendentes de italiano.

Com o enfraquecimento das relações comunitárias e de vizinhança, o sentido e os laços de ligação étnica foram deslocados para a família. Conforme destaca Colognese, “é em torno da família que se alimentam os valores e o modo-de-ser típico dos descendentes de italianos” (COLOGNESE, 2004, p. 178), e nela acontece o resgate da sua cultura e língua.

Os dados quantitativos apresentam respostas “sim” e “não”. De acordo com as 18 réplicas, 100% responderam positivamente, o que pode ser observado no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Falava-se essa língua em família?



As respostas 6, 7, 8 e 9 registram o uso da língua no contexto familiar. Segundo Heye e Vandresen (2006) o lar é considerado a última fase de resistência, restando à família preservar e manter sua língua e cultura étnicas. Em 6, nota-se que o informante de Vila Esmeralda – ponto A, da terceira geração, conviveu com os avós que preservavam a língua italiana. Neste recorte, observa-se que a língua não era utilizada pela geração dos pais da informante, uma vez que falavam somente em português.

Muitos descendentes de italiano não sabem falar o dialeto de seus antepassados, no entanto, embora não dominem a fala, alguns admitem que entendem o dialeto falado por outros. Essa incorporação é explicada pelo fato de o informante crescer em famílias e localidades nas quais era comum o uso da língua, o que demonstra um bilinguismo, realidade dos descendentes italianos da região:

6)

AMGIII-

A gente, meu pai e minha mãe falavam em português com a gente, né? Mas **os vô, as vô, os tios falavam tudo em italiano. A gente entendia, só não conseguia falar assim, né?**

No recorte 7, a informante do centro urbano – ponto B relembra que sua mãe e avó só conversavam em italiano, mas com o tempo foram se adaptando à língua portuguesa, devido à convivência social. Observa-se que o exemplo dado pela informante relembra o encontro dos familiares no “almoço em família”, uma atividade típica dos italianos, uma vez que “os pequenos vínculos que unem as famílias são forjados à mesa” (COLOGNESE, 2004, p. 135):

7)

BMGI-

Sim. Na verdade, principalmente, quando tinha... É porque ela não falava outra coisa né... E quando tinha almoço de família **ela e a minha avó só conversavam em italiano. Ela falava alguma coisa em português porque ela começou a aprender por tanto tempo que ela morava aqui.**

Em 8, verifica-se o uso da língua italiana apenas no contexto familiar, uma marca significativa dos falantes bilíngues de português-italiano que preferem utilizar o idioma em ambientes restritos. O recorte 9, segundo o informante da geração mais nova, da Vila Marquesita – ponto C, revela que o *talian* ainda é mantido pela geração intermediária (geração II), o que pode representar a preservação da língua na área mais isolada do município. Esses trechos evidenciam que a recuperação da importância da descendência étnica “é um movimento que se dá principalmente a partir e em torno da família” (COLOGNESE, 2004, p. 175). Por meio da convivência com os parentes, os informantes reatam os laços e as relações que os ligam à etnia italiana:

8)

BMGII-

Só em família italiano.

9)

CHGI-

Até hoje, meus pais ainda falam.

Até o momento, considerando-se que o costume de praticar um idioma entre outros membros da família propicia a sua preservação, os dados revelam que, no município, apesar de a língua italiana ser compreendida como falada na família por

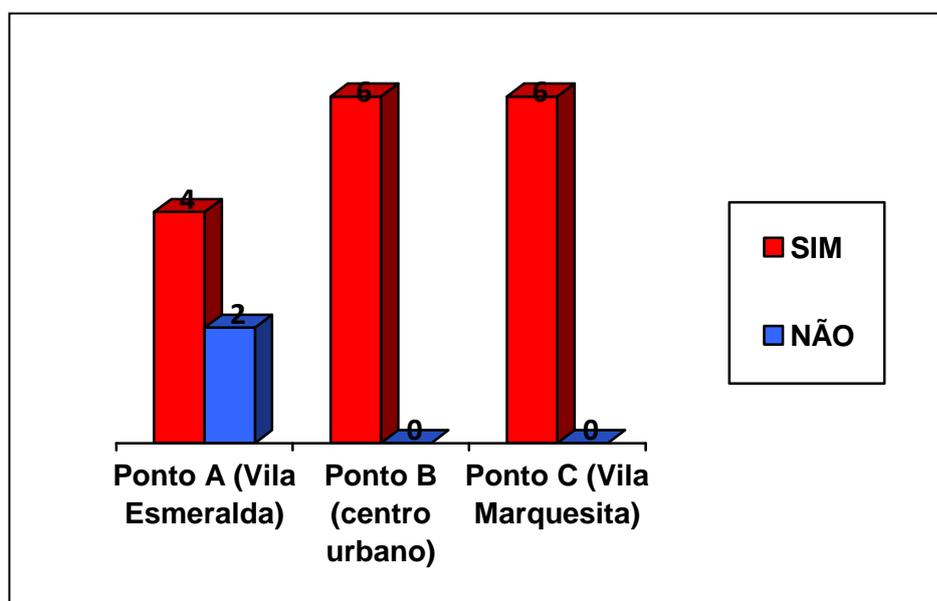
100% dos informantes, o uso do português como língua única para comunicação foi crescendo com o passar das gerações, ao passo que o uso da língua de herança foi paulatinamente diminuindo, apontando para uma tendência de seu desaparecimento.

4.3 Você lembra palavras que falavam?

Por meio das respostas dadas a esta questão, é possível observar se o contato linguístico entre o informante e seus familiares, apresentados na análise anterior, constituiu um círculo de fala, preservando a língua e passando-a aos informantes. Por meio do componente cognoscitivo será analisado o conhecimento que eles possuem da língua italiana, focalizando o desempenho linguístico do informante e não de seus familiares.

Dentre os 18 informantes, apenas 2 homens, do ponto A, das gerações I e II, responderam que não lembram, embora o informante da geração I se considerar falante do italiano. O gráfico 4 ilustra os resultados da terceira questão:

Gráfico 4 – Você lembra palavras que falavam?



No centro urbano – ponto B, os seis informantes responderam positivamente à pergunta, bem como na Vila Marquesita – ponto C.

Após responder negativamente à questão, o informante AHGII, ao justificar sua resposta, diz que

10)
AHGII –
[...] era pequenininho. Eu lembro que falava italiano aqui, as coisas, mas esses anos já de pequenininho **lembro pouca coisa**.

O homem da segunda geração lembra algumas palavras, mas, ao responder a pergunta, afirma que não. O fato de lembrar pouco, muitas vezes, leva o falante a excluir sua língua de descendência, pois se considera falante apenas da língua que compreende e utiliza no cotidiano, que, segundo Aguilera (2008), pode ser resultado do papel da escola como agente de propagação da língua oficial e, conseqüentemente, de sedimentação da crença de seus usuários.

Os outros 16 informantes, por meio do componente cognoscitivo, apresentam o conhecimento linguístico ao apresentar suas respostas:

11)
AMGI - Lembro que eles falavam **mamma mia... porco dio...**

12)
AMGII - Mais ou menos, a gente assim às vezes não entendia a gente perguntava o que que era né, entendeu... eles diziam **capisce, vero...** Todas essas palavras assim eles falavam...

13)
BHGI –
INF. Ele... Ele falava colher, **cuciaro**, essas coisas assim, mas agora num... (inint.)

Além de lembrar palavras em italiano, dois dos informantes apresentaram um conhecimento da língua padrão e do *talian*. Em 14 e 15, a mulher da geração III e o rapaz da geração I lembram que seus familiares falavam o *talian* e que cada dialeto tem uma maneira diferente de pronunciar as palavras.

14)

AMGIII- INF. Ah... Eu lembro que **a minha vó mandou eu buscar uma cadeira. Então ela falou assim: va tome uma carega!** O que será? (risos). **Una carega, tosa! Una carega, tosa!** É meu Deus do céu (risos). Mas é assim coisas assim que muda de nome, **de dialeto porque um italiano fala occi, outros falam occio**, é assim...

15)

CHGI-

É que é diferente do italiano que eu falo, **no caso deles é um dialeto...**

Ciapa, carega que é cadeira, no caso do italiano o de Roma é totalmente diferente.

A mulher da geração I, da Vila Marquesita – ponto C, em 16, considera, de acordo com seu conhecimento da língua, a fala da avó “enrolada”. Ao caracterizar a fala dos avós, a informante expressou um julgamento negativo em relação ao uso da língua, apresentando um atributo que expressa pouco domínio do italiano. Essa característica está associada à mistura do português com o italiano falada pelos descendentes mais velhos, uma vez que estavam aprendendo a falar o português para interagir com os familiares mais novos que só falavam a língua portuguesa. O termo “enrolada” está ligado à estigmatização do *talian*:

16)

CMGI-

Eles falavam a minha vó, eu lembro que meu vô quando que ele era vivo ficou um tempo com nos na casa né... **Ele falava muita coisa e muita coisa enrolado também e muita coisa enrolada** mais assim... **Formaio**, algumas coisa assim sabe... A gente não lembra assim, mas não muita coisa.

Para ilustrar a situação de conhecimento linguístico dos informantes, as palavras e expressões registradas foram apresentadas no Quadro 6:

Quadro 6 - Registros das palavras e expressões mencionadas pelos informantes

Palavra/expressão	Tradução para o português	Número de menções
mamma mia ²⁰	minha mãe! minha nossa!	1
porco Dio ²¹	Deus porco/sujo	1

²⁰ Pronuncia-se: [ˈmama ˈmia] (transcrição fonética).

capisce ²² (tu)	entende (tu)	1
ciapa ²³	pega (pegar)	1
carega ²⁴	cadeira	2
cuciaro ²⁵	colher	1
formaio ²⁶	queijo	1
occi-occio ²⁷	olhos-olho	1
tosa ²⁸	garota/moça	1

Fonte: Elaboração da autora

Diante dos dados acima, torna-se importante abordar uma característica distintiva do grupo italiano – a blasfêmia. A origem de exclamações respeitadas e desrespeitadas apresenta uma explicação. O dialeto italiano é considerado, tradicionalmente, como um linguajar “sacral”, pois nasceu e cresceu à sombra das igrejas, capelas e oratórios, fato este que originou exclamações intimamente ligadas a palavras e expressões litúrgicas. As mais comuns são precedidas da palavra “porco” e seguidas de palavras religiosas como: Dio, Madonna, Ostia (Hóstia Sagrada) e Sacramento. Segundo Corbari (2013), o costume dos italianos em utilizar palavras de baixo calão para blasfemar tornou-se um estereótipo de temperamento dos italianos, mais característico dos momentos de raiva e descontentamento, conforme atestam as pesquisas realizadas principalmente na Região de Colonização Italiana (RCI).

Para Colognese (2004), o hábito de blasfemar é comum entre os descendentes de italianos, embora já tenha diminuído sensivelmente, uma vez que é uma característica valorizada negativamente em relação à identidade étnica dos descendentes de italianos.

²¹ Pronuncia-se: [ˈporko ˈdio] (transcrição fonética).

²² Pronuncia-se: [kaˈpije] (transcrição fonética).

²³ Pronuncia-se: [ˈtʃiape] (transcrição fonética).

²⁴ Pronuncia-se: [kaˈrege] (transcrição fonética).

²⁵ Pronuncia-se: [kuˈtʃiaro] (transcrição fonética).

²⁶ Pronuncia-se: [forˈmaio] (transcrição fonética).

²⁷ Pronuncia-se: [ˈɔtʃi] [ˈɔtʃio] (transcrição fonética).

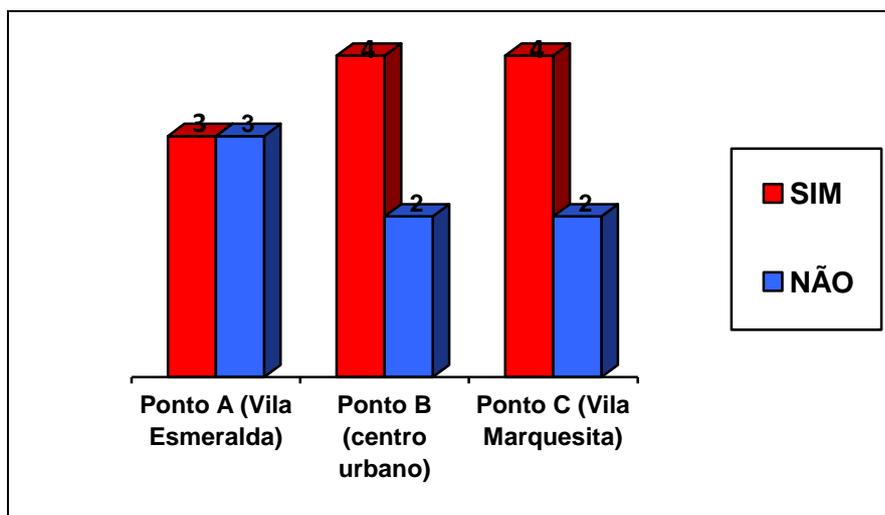
²⁸ Pronuncia-se: [ˈtoze] (transcrição fonética).

Consoante os dados quantitativos da questão em análise, a localidade de Vila Esmeralda - ponto A apresentou menor lembrança de palavras italianas faladas entre os familiares.

4.4 Você fala italiano?

A partir das respostas dadas a este questionamento, foi possível verificar se o informante se considera falante do italiano devido ao contato com a língua e seus usuários. Tal pergunta permite acionar o componente cognoscitivo dos informantes, demonstrando o conhecimento sobre a sua língua de herança. Apesar de todos os informantes serem falantes do português, há alguns níveis de bilinguismo entre eles. No Gráfico 5 é possível verificar os dados, de acordo com o local onde os informantes residem:

Gráfico 5 – Você fala italiano?²⁹



De acordo com o Gráfico 5, Vila Esmeralda - ponto A apresentou respostas iguais. Já no centro urbano - ponto B e Vila Marquesita - ponto C, duas pessoas

²⁹ Número de dados referente aos 18 informantes da pesquisa, não significando que **todo o município** possui esse número de bilíngues em cada ponto geográfico.

responderam que “não” e quatro que “sim”. Vale ressaltar que dez³⁰ dos entrevistados tiveram o italiano como **língua materna**, ou seja, foi a língua que aprenderam com os pais antes de serem inseridos na escola e de entrar em contato com vizinhos e amigos. Dos dez, seis são homens (um da geração I, dois da geração II e três da geração III) e quatro mulheres (duas da geração II e duas da geração III). Dentre os dez falantes maternos da língua étnica, apenas quatro informantes afirmaram utilizar o italiano no dia a dia (Vila Esmeralda: HGIII; centro urbano: HGIII; Vila Marquesita: MGII e MGIII), o que pode ser visto no quadro 3, na seção 3.4.

Assim sendo, onze informantes são bilíngues e sete são monolíngues em português, o que demonstra um número muito significativo de bilinguismo na comunidade. Segundo Beloni (2015), os italodescendentes dessa pesquisa são bilíngues por aquisição simultânea, pois aprenderam na infância, precocemente, mais de um idioma. Para Confortin,

[...] compreendem-se melhor as diferentes atitudes de um bilíngue em relação às línguas que fala, sobretudo os que aprenderam uma língua em casa, com a família, e outro na escola, no trabalho ou num outro país onde vivem. A língua aprendida com a família carrega em si o afeto que existiu nessa relação onde, além da linguagem, foram transmitidas uma cultura e uma ideologia (CONFORTIN, 1996, p. 575).

A atitude linguística dos falantes está relacionada ao componente cognoscitivo da língua que pode auxiliar no reconhecimento da identidade linguística da comunidade, considerando que o conhecimento da língua leva os informantes a desenvolver uma noção mais favorável sobre o uso e o papel da língua na comunidade. Nota-se que o informante AHGII reconhece que é bilíngue:

17)
AHGII - INF. **Agora falo que nem português. E italiano também eu falo.**

³⁰ Não foram desconsiderados, desse total, os informantes que consideram como língua materna o “italiano e português”, como é o caso dos informantes 1 e 10, encontrados no quadro 3. Segundo eles, as línguas aprendidas antes de ir à escola foram o italiano e o português, ambos falados pelos pais.

INQ. Então os dois?

INF. **Os dois.**

A língua italiana, considerada para alguns informantes como materna, era usada, pela maioria deles, antes de entrar na escola. A escolarização e o contato com vizinhos promoveram uma mistura de línguas, ocasionando a troca do italiano pelo português, uma vez que o português era a língua majoritária na comunidade:

18)

AHGIII –

[...] eu fui na escola em Matelândia um ano e pouco. Daí em Agro Cafeeira não tinha nada, só roça. Não tinha professor, não tinha nada, aí eu aprendi, comecei a aprender. **Daí veio gente de Minas, bastante gente de Minas morar aqui, sabe? Então é tudo em brasileiro e foi pegando o jeito. Foi deixado o italiano meio de lado. Falava, mas era só em brasileiro.**

19)

BHGIII-

[...] já era grande na época. Já tinha 20 anos, né? [...] O pai, ele mesmo contratava alguns deles pra derrubar o mato, fazer a lenha. Então o pai falava em brasileiro um pouquinho **o pai tinha que falar com eles em brasileiro, daí foi pegando...**

20)

CMGIII-

Quando que viemos morar em São Miguel, a gente ia assim sabe **conversando a gente ia aprendendo, com os vizinhos.**

21)

CHGIII-

Eu tinha doze anos, treze. **Aprendi com um vizinho meu lá que era brasileiro.** Só que com o filho dele nós brincava e nós não se entendia, se atracava no tapa. (risos)

Por meio dos excertos 18, 19, 20 e 21, observa-se que para os quatro informantes, da terceira geração, a língua materna e de herança foi sendo deixada de lado, priorizando a língua portuguesa, falada pelos vizinhos e amigos. Apesar de Matelândia ser caracterizado pela colonização de descendentes italianos, percebe-se, pela fala dos informantes, que, alguns anos após a colonização, na região havia muitos falantes do português, fato este que impulsionou o aprendizado da língua para a adaptação e a integração dos moradores na comunidade. Observa-se que a

falta de interação entre as crianças, causada pela diferença de idioma, era fator de briga, apresentado no recorte 21.

No recorte 22, a informante do centro urbano – ponto B afirma ter aprendido a língua portuguesa no ambiente escolar. O papel da escola, segundo Aguilera (2008) era de agente de propagação da língua oficial (portuguesa) e, conseqüentemente, de sedimentação da crença de seus usuários.

22)
BMGIII-
INQ. **Quando você aprendeu o português?**
INF. Quando eu **comecei a ir na aula.**

Outra questão apresentada na resposta de uma mulher, da geração III, da Vila Marquesita - ponto C é o apagamento da língua italiana causado pelo fato de as outras pessoas não compreenderem a sua fala:

23)
CMGIII-
Tudo em português, ninguém entende... **A gente conversa em italiano, ninguém entende.** (risos)

A informante bilíngue, que teve o italiano como língua materna, reforça que a falta de conhecimento do idioma por parte da família e amigos acarreta na substituição total pelo português. Infelizmente, essa troca linguística, feita pela geração mais velha, coloca em evidência a extinção das marcas de identidade étnica da família e da comunidade, considerando, principalmente, os processos de homogeneização e sobreposição do português sobre as outras línguas, nos diferentes momentos da história do Brasil.

Na Vila Esmeralda - ponto A, três respostas foram “sim” e três foram “não”. Observa-se que o “sim” foi respondido pelos homens e o não pelas mulheres. Dessa forma, os homens caracterizam-se por manter a língua materna, enquanto as mulheres, mesmo que saibam algumas palavras, não se consideram falantes dela. Para as mulheres da localidade, das gerações I e II, a falta de interesse pela língua é o maior fator condicionante de seu desuso:

24)
 AMGI –
 INF. **Nunca fui atrás.**
 INQ. Nunca se interessou?
 INF. Não.

25)
 AMGII –
 Ah, **não interessei.** É... Não interessei.

Tais respostas reiteram a ideia de Colognese ao afirmar que “com a crescente integração dos filhos de imigrantes italianos à sociedade brasileira, não apenas o vêneto está praticamente desaparecendo, sobretudo nas cidades, mas o próprio gosto pelo aprendizado da língua italiana oficial torna-se difícil de ser despertado” (COLOGNESE, 2004, p. 161).

Atualmente, a língua inglesa, devido ao seu *status* mundial, e o espanhol, pela proximidade fronteiriça com a Argentina e o Paraguai defrontam com o italiano quando o assunto é aprender uma segunda língua pela geração mais jovem. Logo, observa-se uma diminuição de seu uso à medida que avançam as gerações, o que pode ser explicado pelo grande domínio das línguas portuguesa, inglesa e espanhola, levando as línguas minoritárias a perder gradativamente sua importância.

A falta de interesse pela língua étnica, demonstrada pelos informantes mais jovens, tanto da geração I como da geração II, apresentam um problema relacionado à perda dos valores culturais e, conseqüentemente, na quebra do resgate linguístico. Tal ruptura não diz respeito apenas ao *talian* que está praticamente desaparecendo, mas o próprio gosto pelo aprendizado da língua italiana padrão, que se torna difícil de ser despertado (COLOGNESE, 2004).

No excerto 26, destaca-se o conhecimento da informante AMGIII sobre a época da campanha de nacionalização do ensino, do Governo Vargas, a qual foi marcada pelo fechamento das escolas étnicas e pela proibição de falar outra língua que não fosse o português: “aqueles que insistissem em não acatar essas determinações poderiam sofrer sérias conseqüências, como serem presos, por exemplo” (SANTOS, 2001, p. 63). Por esse motivo, os falantes das línguas minoritárias sofreram pressões sociais e políticas levando-os a diminuir seu uso na

sociedade e no próprio ambiente familiar, ocasionando, assim, a morte linguística. Naquele contexto,

[...] o Estado brasileiro implantou o português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, (re)forçando a nacionalização. Esse fato inibiu significativamente a prática das línguas maternas dos imigrantes, marcadamente no domínio público e institucional, sobretudo na imprensa escrita e na escola, mas também no espaço privado (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 44)

Esse período de ruptura no uso do *talian* marcou profundamente a trajetória desses descendentes de italianos. Para a informante, esse fator impediu que a língua italiana fosse transmitida aos filhos e, conseqüentemente, gerou o seu apagamento. Para os pais, o fato de as crianças não saberem o português era causa de preconceito por parte dos amigos e vizinhos e, por isso, “todas as famílias queriam que seus filhos falassem português” (LUZZATTO, 2000, p. 18):

26)
AMGIII –
INF. Não sei. Porque naquela época parece que teve um tempo até que **era proibido falar italiano**, então ficou aquela coisa, né? **Os pais procuraram passar que não podia falar em italiano.**

Esses fatores provocaram um estigma de ser falante de italiano e os pais, muitas vezes, optavam por não transmitir a língua a seus filhos, para evitar que estes fossem estigmatizados nas escolas por não falarem bem o português ou por falá-lo com uma fonética italiana. Por isso, “por muitos anos o seu uso foi desaconselhado pelos próprios pais, por constituir uma dificuldade para a integração dos filhos na sociedade brasileira” (COLOGNESE, 2004, p. 158), suscitando o uso do *talian* apenas pelos adultos e no contexto familiar.

No centro urbano - ponto B, das seis respostas duas foram “não” e quatro “sim”. Vale ressaltar que as respostas negativas foram dadas pelos informantes da geração I. Segundo a jovem, a justificativa está ligada à ausência do familiar que falava. Essa realidade é comum aos filhos de descendentes de imigrantes europeus, na região, uma vez que a língua italiana esteve presente entre os falantes mais velhos e, aos poucos, a geração mais nova não a adquiriu:

27)

BMGI –

INF. Na verdade **sempre quis aprender**, mas acho que nunca... **até quando cresci que podia me interessar minha bisavó morreu. Então quando eu podia me interessar em aprender com ela... ela não tava mais aí.**

Conforme a resposta de 27, percebe-se uma atitude favorável em relação à língua de herança devido à vontade de aprender. Até a terceira geração, os imigrantes conheciam e conviviam com os avós, dos quais aprendiam os valores típicos. Segundo Colognese (2004, p. 174), as novas gerações “apenas ouvem os relatos do passado, mas não convivem com esse modo-de-ser típico”, por isso os mais jovens se deparam com uma corrida atrás de uma história perdida, o que ainda pode ser resgatada com a ajuda das associações étnicas, mantidas no município.

Para o informante do sexo masculino, em 28, o fato de não falar italiano está ligado ao componente cognoscitivo, pois aprender a falar uma língua se torna uma tarefa difícil. A realidade linguística do informante sobre o bilinguismo pode ser observada na sua resposta, na qual demonstra um nível de conhecimento da língua de descendência: entender e não falar:

28)

BHGI-

INF. Eu compreendo palavras assim, **é mais fácil você entender as palavras do que você falá as palavras**, porque não vem à memória.

Esse fato é comum aos filhos e netos de descendentes italianos que, em alguns momentos de suas vidas, tiveram contato com a língua no âmbito familiar e tornaram-se bilíngues passivos. Tal relação possibilitou-lhes que, mesmo sem aprender a falar, pudessem compreender o que era dito, considerando-se o contexto da comunicação.

No ponto C, correspondente à Vila Marquesita, também dois informantes responderam negativamente à pergunta. Dessa vez, foram duas mulheres das

gerações I e II. Observa-se que todos os homens, até mesmo da geração mais nova, consideraram-se falantes do italiano.

A informante da geração I considera-se como não falante do italiano devido ao fato de não se falar no contexto familiar. Segundo ela, a geração mais velha ainda mantém a língua, porém, a geração intermediária não aprendeu e, conseqüentemente, a geração mais nova também segue o mesmo caminho:

29)

CMGI-

Porque não falavam em casa, minha mãe ela entende, mais dizer que ela for conversar com uma pessoa em italiano ela já não consegue mais conversar, **minha vó até conversa, mais entre eles meu pai e minha mãe nunca conversaram em italiano nada...** Era alguma curiosidade que a gente ia pedir daí eles falavam mais senão difícil.

O apagamento de uma língua acontece devido à nula propagação de geração para geração. Em virtude da faixa etária, os pais da informante podem ter sido socializados no contexto marcado pelas proibições e interdições ao uso do *talian*, o que interferiu na sua difusão para com os filhos. Talvez pela falta de conhecimento linguístico ou, até mesmo, estigma étnico e cultural, os informantes da geração II não sentem a necessidade de ensinar o seu idioma de descendência aos filhos, fato este que acarreta o seu esquecimento. A distância entre netos e avós, devido ao trabalho e ao estudo dos jovens, também é um fator que reflete no desuso e na falta de interesse pela geração mais nova:

30)

CMGI-

INQ. Hoje em dia você não fala mais, não escuta muito mais?

INF. Não. Não porque **quando eu era criança**, que eu **ia mais na casa da minha vó, daí ela falava mais**, né. **Agora também eu vou bem menos e em casa não falam.**

Consoante à resposta anterior, pode-se analisar que as novas gerações de descendentes italianos tendem a se distanciar de suas raízes étnicas. O desuso da língua acontece devido à falta de compreensão do idioma, falta de interesse e ausência ou distanciamento do falante mais velho. Colognese (2004) destaca que

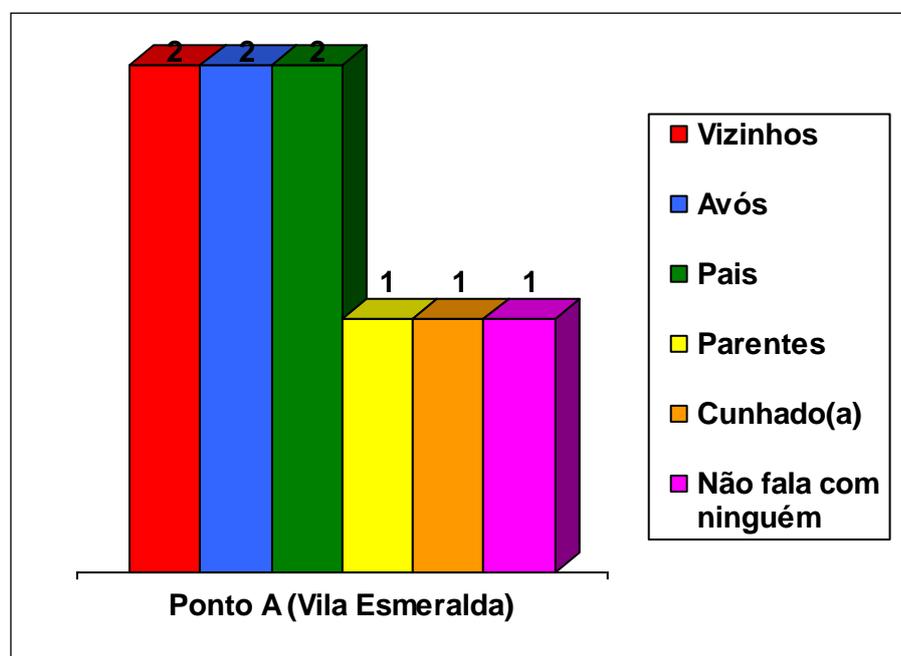
esse é um paradoxo vivido atualmente: “as pessoas mais velhas conhecem, valorizam e têm vontade de perpetuar a cultura italiana dos antepassados, enquanto as novas gerações cada vez conhecem menos, não se interessam e vão-se distanciando desses costumes e valores culturais” (COLOGNESE, 2004, p. 139). Além disso, as novas gerações nem chegam a se envolver e a se comprometer com seu resgate e preservação da língua e da cultura de descendência étnica.

4.5 Com quem você fala italiano?

As respostas a esta pergunta possibilitam identificar quais pessoas ainda conservam e utilizam o italiano, seja em família ou entre amigos e vizinhos. Nesse caso, optou-se por separar as respostas em conformidade com os três pontos de coleta, analisando-se três gráficos diferentes.

Iniciou-se a análise com Vila Esmeralda - ponto A, área rural, e, de acordo com as réplicas dos informantes, os dados foram quantificados do seguinte modo:

Gráfico 6 - PONTO A (Vila Esmeralda) - Com quem você fala italiano?

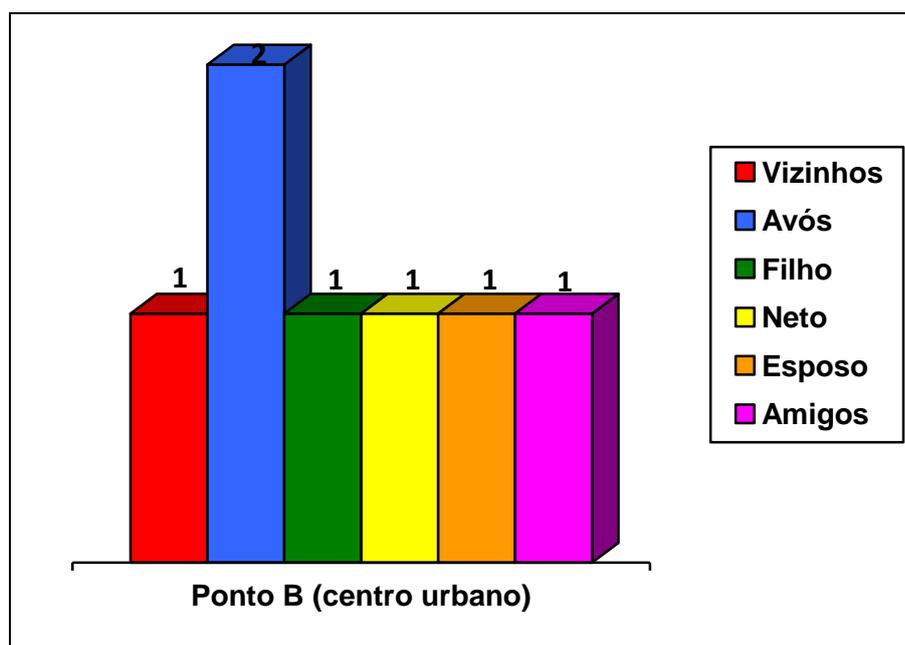


Observa-se que, na maioria das respostas, os informantes mantêm a língua

de herança com os vizinhos (2 menções), avós (2 menções) e pais (2 menções). Esse fato representa o contato, mesmo que enfraquecido, entre os familiares e as pessoas mais próximas dos entrevistados, assim como outros parentes e cunhado. A comunicação entre os informantes com o cunhado e outros parentes tiveram uma menção. Apenas um entrevistado afirmou não utilizar a língua com outro falante.

No Gráfico 7, encontram-se os dados do centro urbano - ponto B:

Gráfico 7 - PONTO B (centro urbano) – Com quem você fala italiano?



Neste ponto da comunidade, a língua italiana ainda é mantida pelos avós (2 menções), a geração mais próxima dos imigrantes. Os vizinhos, filho, neto, esposo e amigos foram citados apenas uma vez. O informante da geração I, que aprendeu italiano devido à convivência com os avós, afirma que, com o falecimento da terceira geração, a língua não se manteve:

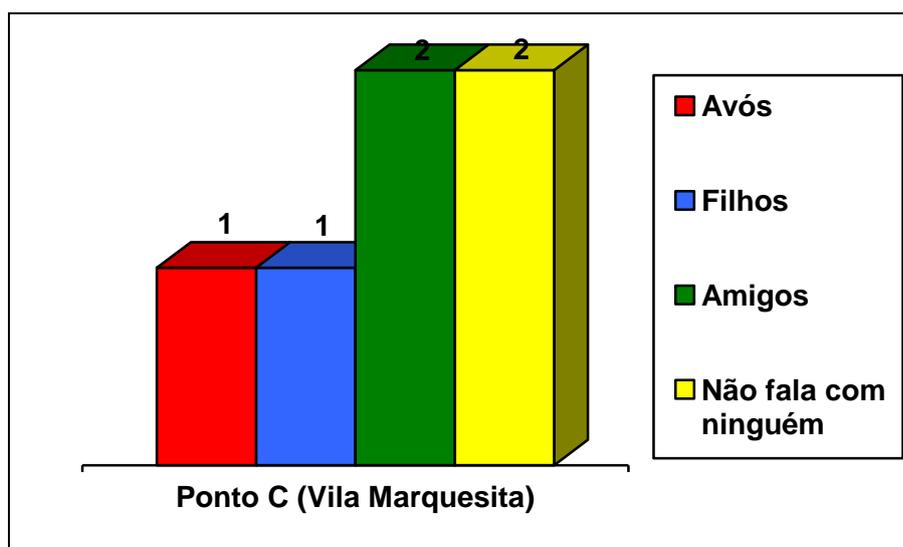
31)

BHGI - Eu já desde pequeno assim convivendo, como nós moramos junto, né, morávamos juntos com o avô, ele falava e desde pequeno já convivia com a língua, né. [...] Como eles já são falecidos, eu falava com eles só. Depois que eles faleceram, não, não, essa cultura não se estendeu assim pelos meus pais.

As crenças e atitudes do informante, em 31, estão vinculadas ao contato cotidiano com o *talian* e seus falantes, afigurando uma posição amigável/afetiva. Dessa forma, o prestígio assumido pelo informante demonstra estima e respeito frente ao idioma falado pelos avós, o que constroi a realidade linguística de Matelândia, marcada pelo uso da língua italiana pela geração mais velha, mas que infelizmente não foi preservada pelas gerações I e II. O que fica transparente nesse excerto é a saudade de usar a língua de herança com os idosos da família e a decepção por não ter sido transmitida entre as gerações, representada por um anseio pela preservação da língua.

Na Vila Marquesita – ponto C, área rural, o maior número de respostas corresponde aos amigos. Outra resposta relevante foi a de que não se fala mais, figurado no Gráfico 8:

Gráfico 8 - PONTO C (Vila Marquesita) - Com quem você fala italiano?



Conforme mostra o gráfico acima, a comunicação maior deu-se entre amigos (2 menções), assim como a resposta de que não há diálogo em italiano (2 menções). O contato linguístico com avós e filhos foi citado uma vez.

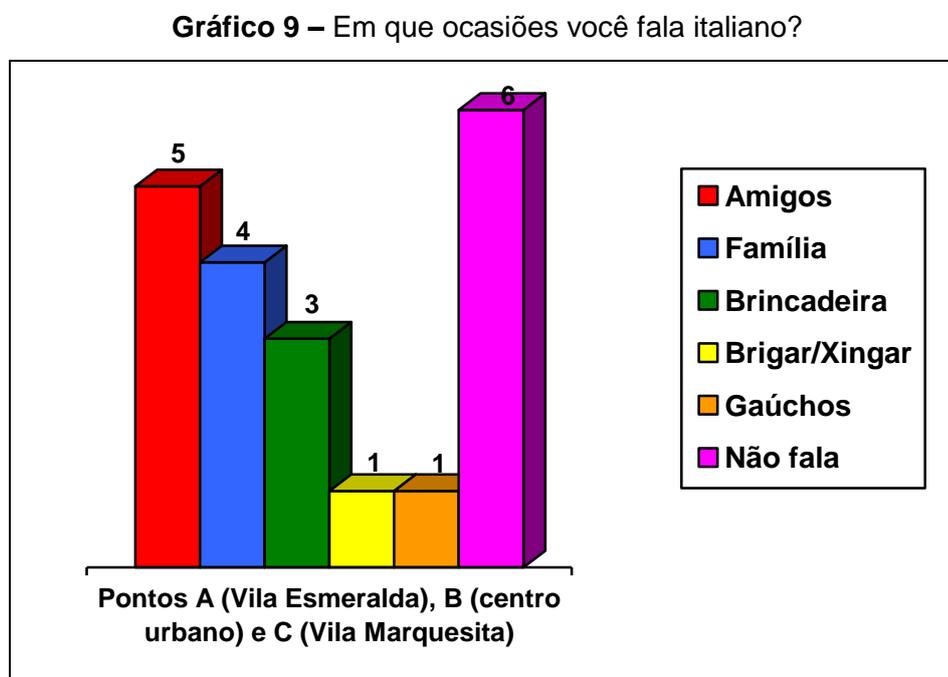
Apesar de a Vila Marquesita – ponto C, até o momento caracterizar-se como a localidade com maior índice de preservação da língua italiana, nessa questão observa-se um dado significativo quanto ao desuso do idioma.

De acordo com o total dos dados, os italodescendentes mantêm a língua étnica em maior número com os falantes da geração mais velha. Esse dado revela que com o passar dos anos, a língua pode parar de ser usada, uma vez que, aos poucos, vai sendo esquecida por não ser nem transmitida pelos pais, nem falada pelos mais jovens da família. Para Krug (2004, p. 51), a geração mais velha é a que mais fala a variedade italiana em casa, pois estes possuem “uma identidade mais forte” em relação à faixa etária mais nova.

4.6 Em que ocasiões você fala italiano?

A pergunta anterior revelou que o *talian* é mais falado entre os familiares (avós, bisavós, pais e filhos). À vista disso, complementando a pesquisa, com a questão atual é possível observar o momento e o contexto em que a língua italiana é mantida. As respostas dos informantes revelam o conhecimento do italiano, espelhado no componente cognoscitivo das crenças e atitudes.

O Gráfico 9 apresenta os dados quantitativos da questão:



Como é possível identificar no Gráfico 9, com seis menções, a maioria dos

informantes afirmam não utilizar o idioma. Nas outras respostas os entrevistados declararam que falam italiano com os amigos (5 menções), com a família (4 menções), em momentos de brincadeira (3 menções), para brigar (1 menção) e com gaúchos (1 menção). Apesar de grande parte dos informantes declarar que não fala italiano, a maioria das respostas indica a utilização da língua entre amigos e familiares:

32)

AHGIII - De vez em quando **em uma festinha**, coisa assim, mais muito pouco.

33)

BMGII – **Com a família só.**

34)

BMGIII – **Quando a gente se reúne**, quando a gente recebe **visita que é italiana** também.

Os recortes 32 e 34 apresentados por duas entrevistadas da terceira geração, da Vila Esmeralda e centro urbano, revelam o uso da língua italiana em contextos que envolvem o “encontro” entre os descendentes de italianos. Isto porque o simples encontro, atividade característica da cultura italiana regada de comida farta e alegria, também é marcado pela informalidade e espontaneidade, que resultam na utilização do idioma de herança.

Para a informante da geração III, da Vila Marquesita – ponto C, em 35, a língua é utilizada, às vezes, com os filhos, embora eles não compreendam o que está sendo dito. O momento que a falante pratica o idioma é com os amigos do clube do vovô, um encontro da terceira idade promovido no município:

35)

CMGIII - Às vezes eu falo com os filhos, mais das vez e... esqueceu... **não sabem o que quer dizer em italiano né.** [...] toda vez **eu participo no clube do vovô, a maioria parte é italiano, falo com os vovôs... mas aqui em casa é difícil porque não entendem o que quer dizer.**

O momento de encontro, no qual é utilizado para utilizar a língua italiana, é citado pelas faixas etárias II e III. Para a maioria dos informantes da geração I, a brincadeira é uma das ocasiões mencionadas para usar a língua italiana. Falar uma língua brincando pode ser uma forma de demonstrar conhecimento das particularidades do idioma e, também, desejo de falar e de preservá-lo. Observa-se que, por meio da diversão, o falante expressa um sentimento de aceitação e prestígio dessa língua minoritária. Por meio do componente conativo, os informantes demonstram conhecimento da língua italiana ligado a atitudes positivas:

36)

BHGI - INF. Só por esporte (risos), **só por brincadeiras** assim, falá por falá.

INQ. Mas quais momentos você mais solta o italiano?

INF. É acho que **nos momentos de descontração mesmo** assim, **em algumas palavras só. Só pra trocar as palavras, mas não assim o dialeto contínuo.**

37)

AMGII - Às vezes **quando se juntam pra jogar baralho** ainda fala assim conforme a carta né.

38)

AMGIII - Mais é **numa brincadeira!** (risos)

39)

AHGI - É mais para tipo... **brincar**, coisa assim.

Os componentes cognoscitivo e conativo podem ser observados nos excertos 36, 37, 38 e 39, pois mostram que os informantes têm conhecimento da língua italiana e usam-na espontaneamente em contextos considerados informais e descontraídos. Destaca-se o fato de dois jovens “tentarem” usar sua língua de descendência. Isso mostra a afetividade e um comportamento positivo pela língua, mas que não acarreta na sua preservação, às vezes, por falta de incentivo dos pais ou, até mesmo, pelo seu *status* inferior às línguas inglesa e espanhola. A valorização da língua de descendência está relacionada ao prestígio da fala na comunidade.

Para Aguilera (2008), as atitudes que revelam uma valorização ou rejeição estão relacionadas ao prestígio da fala na comunidade:

A valorização remete à noção de prestígio linguístico, ou seja, o processo de concessão de estima e respeito para indivíduos ou grupos que reúnem certas características e que leva à imitação das condutas e crenças desses indivíduos ou grupos (AGUILERA, 2008, p. 105).

Em outra resposta dada – gaúchos – o informante da geração I, da Vila Marquesita – ponto C justifica que só fala quando se encontra com pessoas da Região Sul do país:

40)
CHGI – **Em ocasiões quando tem pessoas do sul em casa que a língua é mais falada**, que nem hoje, por exemplo, tem uma família de gaúchos. **Falamos só o italiano no dialeto deles.**

O jovem apresenta conhecimento linguístico ao declarar compreensão do dialeto. O Rio Grande do Sul é reconhecido como lugar de um número expresso de falantes do italiano. Observa-se que, apesar de não ser considerada uma língua muito falada entre os informantes, o italiano é prestigiado por todas as faixas etárias e pontos de coleta. Os informantes da geração intermediária e mais velha utilizam entre amigos e vizinhos, enquanto os mais jovens usam em momentos informais e de descontração.

4.7 Agora você ouvirá algumas pessoas falando. A seguir, falaremos sobre:

4.7.1 Em que língua essas pessoas estão falando?

4.7.2 Há alguma diferença entre os dois áudios?

4.7.3 Qual das duas formas de falar você acha mais bonita?

A pergunta consiste em averiguar o conhecimento linguístico da língua italiana padrão e o *talian*, refletido pelo componente cognoscitivo das crenças, bem como a avaliação das línguas e dos seus falantes, por meio dos componentes afetivo e conativo. Mesmo que os informantes não saibam falar o idioma, será

possível observar se eles identificam de qual língua se trata, se conseguem identificar a diferença entre as duas formas de falar e qual é julgada como a mais bonita.

Nesta questão, os informantes escutam dois áudios nos quais dois homens falam em italiano. O primeiro áudio apresentado corresponde ao *talian*, já o segundo corresponde ao italiano padrão. Essa técnica é conhecida como *matchedguises* (falsos pares) ou *Matched Guise Technique*. O ponto de partida para a elaboração dos instrumentos utilizados na investigação foram os trabalhos de Lambert e seus associados que utilizaram a técnica de pares ocultos ou “contraste entre aspectos” (*matched guise*) para verificar as atitudes linguísticas dos informantes com relação às variedades linguísticas. Essa técnica consiste basicamente em expor os ouvintes a uma série de gravações de falantes bilíngues, contrastando duas línguas ou variedades, para que os ouvintes atribuam avaliações positivas ou negativas a cada falante e/ou a cada língua.

Apesar de os dois áudios não serem narrados pela mesma pessoa (bilíngue), como prevê a técnica criada pelo psicólogo social Lambert (1966), esta apresentou resultados significativos perante a análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes. O registro desses traços “nada mais é que uma forma de manifestar explicitamente a avaliação social inconsciente (julgamento) que os ouvintes fazem de cada falante e, indiretamente, de suas atitudes em relação às variedades linguísticas” (FROSI, FAGGION, DAL CORNO, 2007, p. 05).

Após ouvir as gravações, os informantes responderam às seguintes questões, divididas em subseções:

- a) 4.7.1 Em que língua essas pessoas estão falando?
- b) 4.7.2 Há alguma diferença entre os dois áudios?
- c) 4.7.3 Qual das duas formas de falar você acha mais bonita?

4.7.1 Em que língua essas pessoas estão falando?

As respostas à primeira questão “Em que língua essas pessoas estão falando” permitem observar se os informantes identificam a língua falada nos dois

áudios, analisando-se as crenças refletidas no elemento cognoscitivo, correspondente ao conhecimento da língua.

Com base nos dados, **todos** os informantes reconheceram a língua como italiana, fato que comprova o seu conhecimento linguístico. Vale ressaltar que três dos falantes reconheceram que o primeiro áudio (*talian*) se tratava do italiano, enquanto o segundo (italiano padrão) era espanhol, falado por argentinos e paraguaios:

41)
BMGIII - **O primeiro era italiano. O segundo** acho que **era mais espanhol...** eu acho...

42)
CMGIII - **Italiana. O segundo** em **paraguaio**.

43)
CHGIII – INF. **A primeira é italiana. A segunda parece argentino... Paraguai...**
INQ. Parece espanhol?
INF. Isso. Espanhol é esse aí.

Tal afirmação, vinda de falantes da geração mais velha, marca uma atitude baseada no componente cognoscitivo apresentado pelo conhecimento linguístico do *talian*. Ambos são bilíngues, ou seja, têm a língua italiana como materna. Isso pode mostrar a compreensão apenas do *talian* como italiano, enquanto que a língua não compreendida foi considerada como espanhol, devido ao contato próximo com a Argentina e Paraguai, localizados a 80 quilômetros do município. O componente cognoscitivo da língua pode ser observado, também, pela geração III, do centro urbano - ponto B, que reconhece a língua padrão e o *talian*:

44)
BHGIII - Eles estão falando a língua italiana, **não é o gramatical não, é o dialeto**.

4.7.2 Há alguma diferença entre os dois áudios?

Ao escutar os áudios, os falantes puderam perceber se havia alguma diferença entre os dois idiomas. Segundo as respostas, apenas um informante respondeu que não havia diferença, trata-se de um homem, da geração III, da Vila Esmeralda – ponto A. Os outros 17 perceberam a dessemelhança e justificaram pelo fato de compreender mais uma do que a outra. Nessa atitude, o componente cognoscitivo prevalece quando os informantes dizem “entender melhor” a primeira forma que ouviram, ou seja, o *talian*:

45)
AMGIII - INF. Tem bastante. **Esse último**, a última parte, **quase não entendi nada** o que eles estavam falando.
INQ. A senhora **entendeu mais o primeiro?**
INF. **O primeiro.**

46)
BMGII - INF. A **primeira eu entendi um pouco mais, a segunda já entendi menos.**

O fator “compreender” o que se está ouvindo implica expressivamente na identificação da diferença entre duas línguas, pois só é possível detectar um idioma quando, de alguma forma, teve o mínimo de contato com o ele. O informante do recorte 47 considera o *talian* mais “abrasileirado” com palavras “mais familiares”. Assim, os componentes cognoscitivo e afetivo estão interligados, pois quando ele diz que “entende mais” e que conhece mais a variedade linguística minoritária, está acionando o componente cognoscitivo, ou seja, a consciência sociolinguística e seus conhecimentos perante determinada variedade. Porém, quando diz “tem palavras mais familiares”, expressa um vínculo e sentimentos identitários, ou seja, prevalece ao mesmo tempo o componente afetivo. O termo “declarado”, em 48, apresentado pela informante da terceira geração, do centro urbano – ponto B, remete ao modo como o falante do áudio fala, demonstrando uma atitude favorável à sonoridade da língua:

47)

BHGI - INF. Eu acho que sim porque **eu entendi mais o primeiro áudio do que o segundo.**

INQ. Por que?

INF. Porque **é mais abasileirado**, eu acho, e **tem algumas palavras mais familiares**

48)

BMGIII - INF. Tem, ai assim essa parece que é mais assim. **O primeiro era mais declarado.**

Uma exceção é a informante da Vila Esmeralda - ponto A, da segunda geração, em 47, que entendeu mais o italiano padrão, apesar de não ter conhecimento de ambas línguas:

49)

AMGII – Um pouco tem, **esse deu pra entender mais né... esse último.**

Observa-se que duas informantes, do sexo feminino, da terceira geração, caracterizam a língua italiana padrão como algo “difícil” de entender. Como as informantes conhecem apenas o *talian*, compreender o italiano formal torna-se uma tarefa difícil, de modo que acreditam ser outra língua, e não a que estão acostumadas a falar e escutar na família:

50)

AMGIII - [...] É... como que eu vou falar... **esse último aí é meio difícil...** É uma língua italiana **tem muito dialeto ali.**

51)

BMGIII - Esse aqui era mais, assim, ah, **eu acho que puxou mais o espanhol ou outra língua que eu não conheço.** (risos)

Em 52, 53 e 54 observa-se predominância do componente cognoscitivo, uma vez que os informantes identificam a língua italiana padrão e o dialeto:

52)

BHGIII – Ah, sim, que a diferença **um é dialeto misturado** bastante e **outro quase que no gramatical**, mas é língua italiana, mas é a língua italiana. **O último falou a língua italiana.**

53)

CMGI - Sim. Porque eu acho que **depende da região que as pessoas são descendentes** que mudam também.

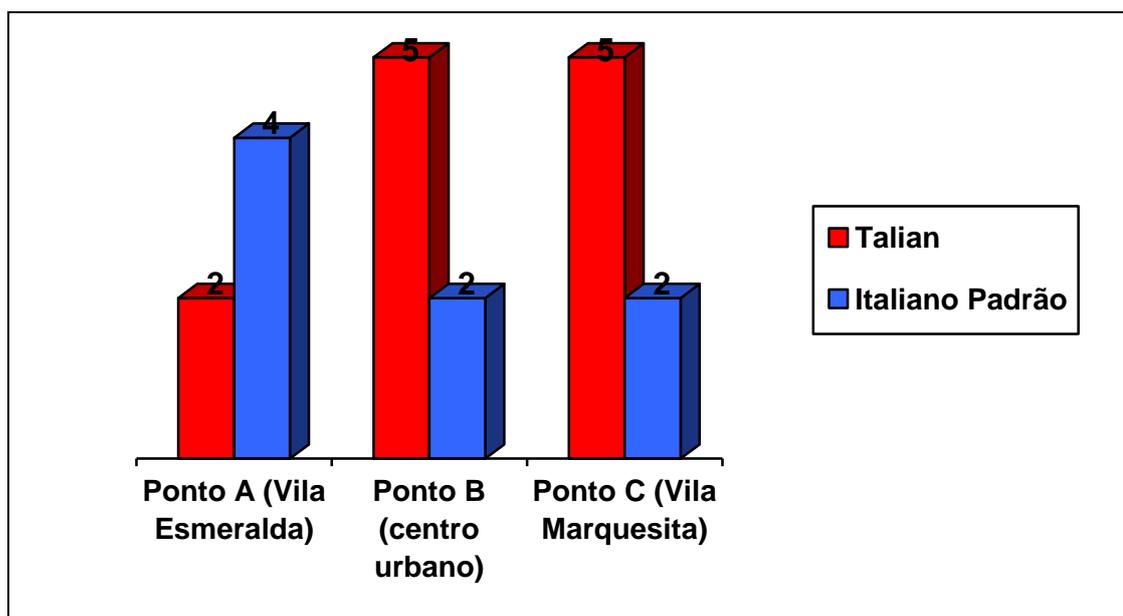
54)

CHGI – Ah, muita. A **primeira fala em dialeto e a segunda fala o italiano mais tradicional.**

O informante do sexo masculino, da terceira geração (52), reconhece que, apesar de serem faladas de maneira diferente, ou seja, uma variedade ser dialetal e a outra quase padrão, ambas são consideradas como língua italiana, demonstrando um prestígio pelas duas e afirmando que o fato de serem diferentes não as desconsidera como italiano. Para a informante da geração I, da Vila Marquesita – ponto C, em 53, as diferenças entre as línguas são específicas, de acordo com a região. Em 54, o falante jovem assinala a diferença dos áudios, pois estudou a língua padrão e residiu por algum tempo na Itália.

4.7.3 Qual das duas formas de falar você acha mais bonita?

Após ouvirem a língua falada nos áudios e detectar a diferença entre elas, os informantes tinham de opinar sobre qual variedade era a mais bonita. As respostas obtidas por meio desta questão revelam as crenças dos falantes em relação às duas variedades linguísticas, podendo acionar tanto a consciência sociolinguística do falante e suas crenças, ou seja, o componente cognoscitivo, como o componente afetivo, considerando que os informantes demonstram qual das variedades eles avaliam positiva e negativamente. Os dados foram quantificados para uma melhor observação segundo os pontos selecionados:

Gráfico 10 - Qual das duas formas de falar você acha mais bonita?

Conforme as respostas dos informantes e o Gráfico 10 observa-se que, nos pontos centro urbano – ponto B e Vila Marquesita – ponto C, o *talian* foi considerado mais bonito que o italiano padrão, diferentemente de Vila Esmeralda - ponto A que obteve um número oposto. Os falantes da Vila Esmeralda – ponto A que escolheram o primeiro idioma (*talian*) como mais bonito foram uma mulher e um homem das gerações II e III. Para AMGIII, sua escolha foi feita

55)

AMGIII – Porque **é mais fácil de entender e de falar**, a outra acho é mais difícil.

A justificativa da mulher que optou pela segunda alternativa (italiano padrão) também foi pelo fato de entender mais:

56)

AMGI – INF. A segunda.

INQ. **A segunda você** falou que **entendeu mais**.

INF. Sim.

No centro urbano – ponto B e na Vila Marquesita – ponto C, no qual a língua considerada mais bonita foi o *talian*, os motivos reforçam as respostas das questões

anteriores: o fato de compreender melhor. A língua é considerada mais bonita porque é possível entendê-la, o que apresenta um conhecimento linguístico, característico do componente cognoscitivo:

57)

BMGI – Mais bonita... **A primeira dava pra entender mais.**

58)

BMGII – Ah, porque é **bonito de vê falar.**

59)

BHGI – Eu acho que a segunda forma é mais bonita **porque eu me identifiquei mais.**

Em 58 e 59 nota-se a presença do elemento afetivo por meio das expressões “de vê falar” e “me identifiquei mais” que demonstram sentimentos ligados à forma de pensar e sentir, determinantes para que a variedade linguística se mantenha ou não. Para alguns informantes, falar em italiano é uma questão de preservar a própria identidade. Logo, constata-se que o centro urbano – ponto B e Vila Marquesita – ponto C apresentam uma maior valorização frente ao *talian*, enquanto a Vila Esmeralda - ponto A preza pelo italiano formal. De acordo com os resultados obtidos nesta subseção observa-se uma tendência de avaliar como bonita e bem falada a língua que os informantes entendem ou que lhes provocam uma sensação auditiva agradável.

As crenças e valores emocionais se desenvolvem na interação social. Desde crianças há uma interação com o outro, com a família e com a comunidade e esse processo continua à medida que o indivíduo cresce, “até o ponto em que passamos a conduzir-nos, a pensar, sentir e avaliar as coisas, mais ou menos, como o fazem todos os que nos cercam” (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 15). Assim, mesmo que Vila Esmeralda - ponto A seja uma área rural, com menos probabilidade de mudanças do que a área urbana, observa-se que o comportamento dos indivíduos muda com o passar do tempo, pois as pessoas se renovam e são reconstruídas a cada dia, e isso é característico de cada localidade.

Na Vila Marquesita - ponto C, vale ressaltar que a escolha pela língua formal foi feita pela faixa etária I, ou seja, dos mais jovens. Os dados indicam que o fator

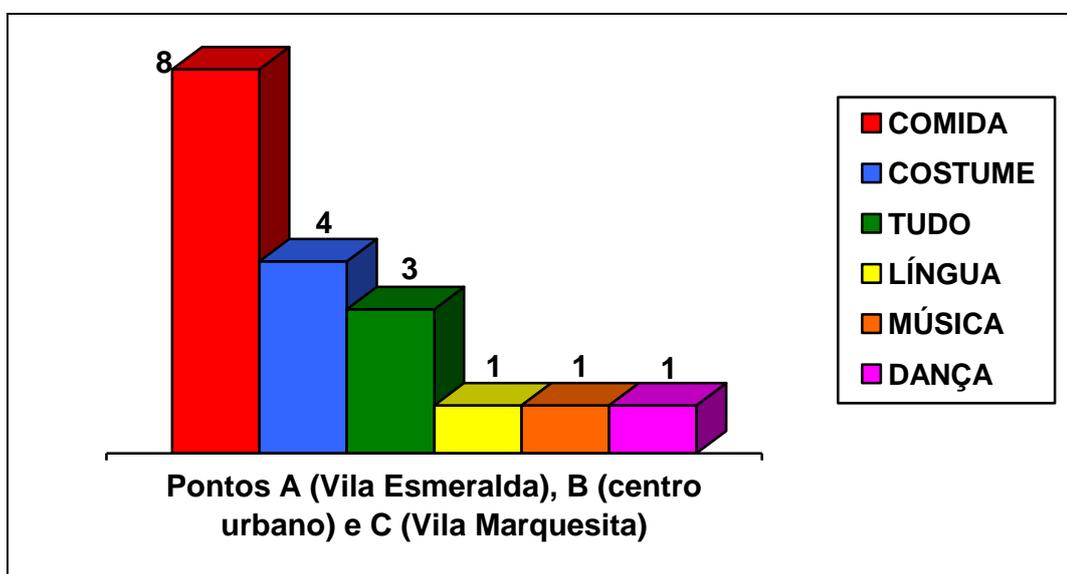
diageracional também influencia no comportamento linguístico dos falantes, o que pode também ser observado neste local, com esses informantes. Diante disso, os mais jovens, da GI, preservam menos o *talian* do que os mais velhos. Já na Vila Marquesita – ponto C, a opção pelo padrão se deu por um homem e uma mulher das gerações II e III.

4.8 O que você gosta ou não da cultura italiana?

Esta pergunta possibilita verificar o sentimento e o comportamento dos informantes sobre a cultura do município e observar o grau da valorização, conduzida pelos antepassados e mantida até os dias atuais, de forma positiva ou negativa.

Os dados quantitativos e qualitativos foram separados de acordo com as respostas positivas e negativas. O Gráfico 11 apresenta características da cultura prestigiadas pelos informantes:

Gráfico 11 – O que você gosta da cultura italiana?



A resposta com maior ocorrência (comida) refere-se ao contato mais próximo e ao cotidiano que os descendentes têm da cultura italiana: aspectos da gastronomia. De acordo com os excertos, grande parte das respostas foi dada por informantes do sexo feminino, que pode estar relacionada ao fato de a mulher estar mais próxima do ambiente de preparo dos alimentos. A comida está presente no dia a dia das pessoas e representa a herança étnica:

60)

AHGII – Ah! A cultura italiana é bom porque de **coisa de comer**.

61)

AMGI – Que eu gosto... **acho que vem de berço já a parte a comida, o paladar**.

62)

AMGII – **A comida tudo... a polenta**. Tudo.

63)

CMGIII – Gosto assim sabe da cultura italiana, **agnolone, tortei, churrasco...**

64)

CHGI – **A comida**.

Contudo, mais do que os pratos típicos citados (polenta, agnoline, tortéi), o italiano mantém uma simbologia em torno das refeições. A alimentação é um ritual essencialmente social para os descendentes de italianos, uma vez que não consiste somente no ato de comer, mas em uma relação afetiva que acompanha o seu processo de produção no seio do ambiente familiar. Isto porque é em torno do preparo e da realização das refeições que as famílias se reúnem, trocam informações e impressões sobre a vida e reforçam os laços de ligação afetiva (COLOGNESE, 2004).

Em 65, observa-se que a informante do sexo feminino, da faixa etária mais velha, lembra-se da comida de forma engraçada, pois marcou sua infância e vida:

65)

AMGIII – Uma vez perguntaram para mim, na escola, o que eu não gostava de comer... Falei polenta. (risos) Mas sabe por quê? Porque

naquela época não tinha esse negócio de comida, fazia aquela polenta e uma mistura e só. E era todo dia, todo dia, todo dia, então a gente enjoava, né?

Os costumes dos italianos obtiveram quatro respostas. Para os informantes, a forma de vestir-se, agir e manter seu caráter tradicionalista são pontos positivos às vistas de homens e mulheres:

66)

AMGIII – Ah! eu gosto de tudo de **modo de se vestir**, das **comidas**, dos **costumes**, eu gosto.

67)

BHGI – Eu... eu **admiro assim a cultura tradicionalista** assim mesmo deles, né? Não tem alguma coisa que eu não goste da Itália.

Em 68, a informante do sexo feminino, da terceira geração, demonstra um reconhecimento de valorização da raça, formada pelo jogo das relações com as outras etnias. Nesse jogo, vários aspectos são considerados importantes pelos entrevistados, para a valorização dos italianos, pois

68)

BMGI – INF. Eles são **muito animados. É um povo muito divertido.**

O jeito de ser do italiano é considerado típico e distintivo, pois é através do seu jeito que se expressa mais claramente a sua distinção, seja pela tonalidade e volume da voz, pela forma de se vestir, por carregar seus costumes religiosos e tradicionais, ou do sorriso aberto que acompanha as falas (COLOGNESE, 2004).

Entre as respostas dos dezoito informantes, três consideram que tudo na cultura italiana é bom. Ressalta-se que, para o informante da geração III, do sexo masculino, a cultura italiana só possui pontos positivos porque faz parte do contexto familiar, ou seja, é a sua cultura de herança:

69)

CHGIII – **Tudo. Porque a gente se criou, a família.**

A valorização da família é uma característica bastante tradicional entre os descendentes de italianos do Oeste do Paraná. Para Colognese (2004), é como se “diante de uma sociedade individualista, competitiva e de relações não gratificantes, a família representasse um fator de resistência e de afirmação dos ideais comunitários alimentados pelas experiências dos antepassados” (COLOGNESE, 2004, p. 164).

A língua, as danças e a música, respondidas apenas uma vez, demonstram um conhecimento linguístico e cultural por parte dos informantes. A língua é uma das características mais importantes para a definição e preservação da identidade dos grupos étnicos. Ao falar de uma língua e do uso da mesma, observa-se o componente cognoscitivo, uma vez que o falante conhece a língua de seus antepassados. O adjetivo “bonito” representa uma avaliação positiva do idioma:

70)

BMGII – Ah! **eu acho bonito vê as pessoas falá** e... eu gosto!

Outra característica da cultura italiana apresentada pelos informantes da pesquisa é o hábito de dançar e cantar. O canto e a dança são duas atividades coletivas entre os descendentes de italianos, uma vez que se faz em família e em festas típicas da comunidade. As canções são aquelas tradicionalmente passadas de pai para filho, no *talian*, geralmente carregadas de emotividade e saudosismo que tratam o sofrimento enfrentado pelos membros do grupo étnico que tiveram que abandonar a Itália para buscar a tão sonhada América. Algumas canções que servem como exemplo são: La bella polenta; Mérica; Mazzolin di Fiori; La verdinella; entre outros.

Para o informante da geração I, em 71, as danças e comidas são marcas da cultura italiana. O informante da terceira geração, em 72, afirma gostar de música, pois pratica essa forma de preservação do *talian*:

71)

AHGI – **Ah gosto mais das danças... das comidas** que eles fazem.

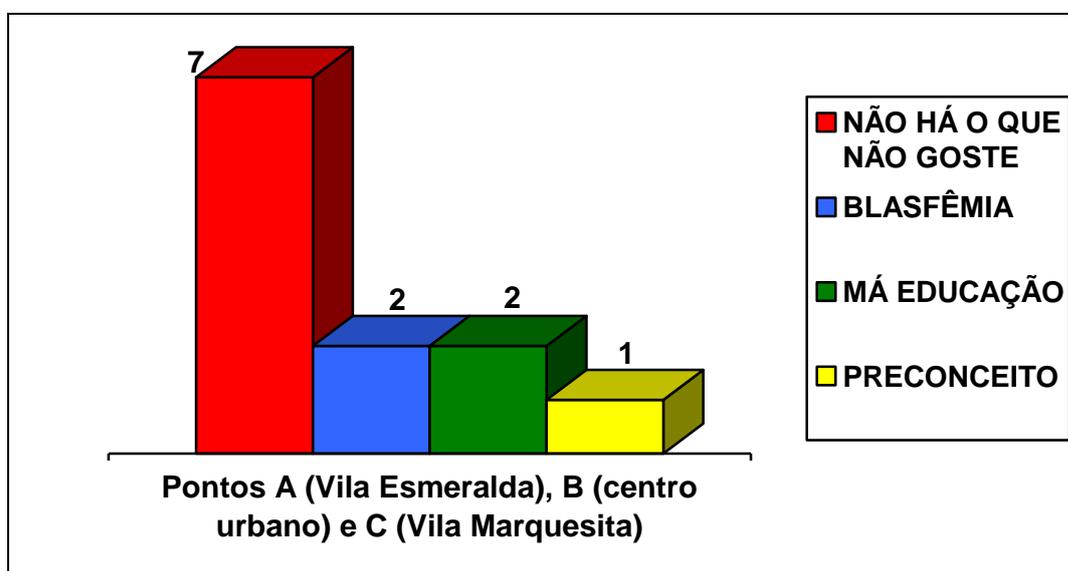
72)

AHGIII - **Música, eu canto.**

O hábito de cantar em italiano é uma característica valorizada como um traço de distinção étnica, porém, por ter sido citado apenas uma vez e por um idoso observa-se que essa prática vem-se perdendo sistematicamente entre as novas gerações.

Após responderem positivamente, os informantes demonstraram crenças e atitudes negativas frente à cultura de seus descendentes. A maioria respondeu que não há o que não gosta, demonstrando uma atitude favorável e afetiva. No Gráfico 12 é possível verificar os dados, de acordo com as respostas³¹:

Gráfico 12 - O que você não gosta da cultura italiana?



Grande parte dos informantes, de ambos os sexos, faixa etária e pontos geográficos, não é possível sentir desagradado por algo referente à cultura italiana:

73)
AHGI – Não tem o que não gostar.

74)
AHGII – INQ. Tudo é bom?

³¹ Ressalta-se que as respostas dadas pelos entrevistados são livres, ou seja, alguns dos informantes responderam mais de uma opção, apresentando-se um número de menções superior ao total de informantes.

INF. É.

75)

AMGI – O que eu não gosto acho que **não tem o que não gostar.**

76)

BHGI – **Não tem alguma coisa que eu não goste da Itália.**

77)

BMGII – **Ah eu não tenho nada... contra nada...** eu gosto de... eu gosto.

78)

BMGIII - **Não tem o que eu não goste.**

79)

CMGIII – **Vou dizer que não gosto, eu gosto de tudo.**

80)

CHGIII – INF. **Não tem o que não gosto.**

A blasfêmia obteve duas ocorrências, de informantes do sexo feminino e masculino, ambos moradores de Vila Esmeralda – ponto A. Para eles, a cultura italiana é marcada negativamente por esse motivo:

81)

AMGII – **Só não gosto dos bestema dos italianos.** É que eles **xingam a Nossa Senhora.** Só a parte que bestema, né? A parte que eles falam assim: **Porco Dio, chama Deus de porco.**

82)

AHGIII – **Bestem muito.**

Nota-se que o fato de saber que a cultura italiana é conhecida pela blasfêmia, seja pelo contato com os imigrantes da família ou somente pela crença carregada pelo grupo italiano, demonstra um conhecimento da língua apresentado pelos informantes. Embora reconhecida como ligada à origem e à história dos antepassados, a blasfêmia é uma característica considerada como um péssimo hábito e, por isso, as gerações mais novas não procuram resgatar nem preservar, incentivando inclusive a sua perda. Isso reforça a ideia de “seletividade no processo de reinvenção da italianidade, que consiste na valorização positiva ou negativa de

determinadas características associadas ao grupo étnico” (COLOGNESE, 2004, p. 155).

Outro fator relevante na atitude desfavorável frente à cultura italiana foi a educação dos italianos. Segundo os informantes da geração I, da Vila Marquesita – ponto C, essa é uma marca relevante transmitida pelas crenças e atitudes sobre o grupo:

83)
CMGI – Da **ignorância**.

84)
CHGI – A **má educação**.

O adjetivo “preconceituoso”, citado pela informante do sexo feminino, da faixa etária mais jovem, e que remonta sua crença negativa é respaldada em uma experiência familiar:

85)
BMGI – Eles são bastante **preconceituosos, racistas** assim né, não preconceituosos... **Porque até quando tiveram alguns filhos assim na parte da minha avó que foram se envolver com pessoas de cor, deu bastante brigas.**

Por fim, acrescentar-se à pesquisa que o informante do sexo masculino, da faixa etária III, demonstrou atitude desfavorável devido ao conhecimento histórico que possui da Itália:

86)
BHGIII – Eu não gosto de uma coisa, um passado inclusive que nós lembramos pessoas muitos malditas: **Al Capone, o que espalhou máfia no mundo.**

Analisa-se, neste momento, que as respostas dos falantes estão espelhadas em crenças de convivência cultural, histórica e social devido à maneira que são descritas, de forma positiva e negativa, cada opinião e comportamento sobre a cultura italiana. As mudanças linguísticas históricas e as mudanças de ordem social e biológicas do próprio indivíduo refletem na sua cultura.

Aprender sobre a cultura no contexto familiar e conviver com descendentes de italiano são fatores que se espelham tanto na variável sexo, como nas faixas etárias. As crenças e atitudes positivas e negativas referentes à cultura italiana estão espelhadas na convivência cultural e social, bem como na experiência familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, que tem como *corpus* algumas perguntas do questionário do Projeto *Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português*, observou-se a forma como os italodescendentes de Matelândia/PR manifestam suas crenças e atitudes, tendo em vista seus perfis diferenciados em termos geográficos e sociais, mostrando que as mudanças linguísticas históricas e as mudanças de ordem social e biológicas do próprio indivíduo refletem na sua língua e na sua cultura.

No município pesquisado, as línguas de imigração são utilizadas com maior frequência, muitas vezes, na condição de língua materna, porém, os dados revelam que, aos poucos, seus falantes se defrontaram com a adoção do português em função das novas necessidades impostas pelo meio social na qual foi disseminada, falada pela maioria da população e ensinada em todas as escolas, enquanto as línguas de herança foram gradativamente perdendo sua condição de língua materna, tendo, hoje, um uso mais restrito.

Aprender ou escutar uma língua no âmbito familiar, entrar na escola e adquirir uma outra variedade padrão, as relações sociais e a entrada no mercado de trabalho são fatores que se espelham nas variáveis geográfica e social. Assim sendo, as crenças e atitudes referentes à língua italiana estão espelhadas na convivência cultural e social, bem como na experiência familiar, ou seja, é em torno da família que se alimentam os valores da identidade étnica.

Com o enfraquecimento das relações comunitárias e de vizinhança, a língua italiana foi deslocada mais para o espaço íntimo familiar, porém, mesmo que as gerações I e II demonstrem uma valorização positiva pelo italiano padrão ou pelo *talian* os idiomas não estão sendo preservados devido à sua incompreensão, falta de interesse e ausência ou distanciamento do falante mais velho.

Para Colognese (2004), esse é um paradoxo vivido atualmente: “as pessoas mais velhas conhecem, valorizam e têm vontade de perpetuar a cultura italiana dos antepassados, enquanto as novas gerações cada vez conhecem menos, não se interessam e vão-se distanciando desses costumes e valores culturais”

(COLOGNESE, 2004, p. 139). Além disso, as novas gerações nem chegam a se envolver e a se comprometer com seu resgate e preservação da língua e da cultura de descendência étnica.

Segundo os dados da pesquisa, a língua italiana era falada por todos os imigrantes e seus descendentes, porém, com o passar das gerações, tal idioma não foi sendo preservado pela geração mais nova, pois a faixa intermediária não o ensina aos filhos. Os dados revelam que, no município, apesar de a língua italiana ser considerada como falada na família por 100% dos informantes, o uso do português como língua única para comunicação foi crescendo com o passar das gerações, ao passo que o uso da língua de herança foi paulatinamente diminuindo, apontando para uma tendência de seu desaparecimento.

De acordo com a variável diatópica (pontos geográficos), observa-se que a Vila Esmeralda – ponto A apresenta um nível maior de apagamento do *talian*, uma vez que os dados mostram que é o ponto que mais preza pelo italiano formal e que menos utiliza o idioma de herança. Logo, constata-se que o centro urbano – ponto B e Vila Marquesita – ponto C apresentam uma maior valorização frente ao *talian*. O centro urbano - ponto B apresentou maior consciência linguística do idioma, sendo o ponto de maior contato social e propício a mudanças, enquanto na Vila Marquesita - ponto C, de maior isolamento, os informantes não percebem variação na língua.

Por meio do componente cognoscitivo, os dados quantitativos e qualitativos remontam a história do município e os falantes demonstram conhecimento de sua língua e do *talian*. A língua italiana era falada pelos imigrantes e parentes de todos os informantes da pesquisa, fato este que é representativo na construção da língua e da cultura na comunidade pesquisada.

As variáveis diageracional e diassexual apresentam que a língua italiana é prestigiada por ambos os sexos e faixas etárias, porém, a falta de interesse pela língua étnica e a incompreensão, demonstrada pelos informantes mais jovens, tanto da geração I como da geração II, apresentam um problema relacionado à perda dos valores culturais e, conseqüentemente, na quebra do resgate linguístico. Esse rompimento na preservação da língua de herança acontece pelo fato de as gerações

mais novas perderem o envolvimento e o comprometimento com o resgate da língua e da cultura de descendência étnica.

Apesar de não ser considerada uma língua muito falada entre os informantes, o italiano é prestigiado por todas as faixas etárias nas localidades pesquisadas. Os informantes da geração intermediária e mais velha utilizam entre amigos e vizinhos, enquanto os mais jovens usam em momentos informais e de descontração. De acordo com o total dos dados, os italodescendentes mantêm a língua étnica em maior número com os falantes da geração mais velha. Esse dado revela que com o passar dos anos, a língua pode parar de ser usada, pois, aos poucos, vai sendo esquecida por não ser nem transmitida pelos pais, nem falada pelos mais jovens da família.

Os homens caracterizam-se por manter a língua materna e até mesmo a geração mais nova consideram-se falantes do italiano, ao contrário das mulheres que reconhecem mais a língua italiana formal ou não se consideram falantes do idioma.

As respostas dos falantes estão espelhadas em crenças de convivência cultural, histórica e social devido à maneira que são descritas, de forma positiva e negativa, cada opinião e comportamento sobre a cultura italiana. Ainda que a geração mais nova não utilize nenhuma das variedades italianas no cotidiano constata-se que as valorizam e respeitam.

Infelizmente, apenas a valorização e crenças positivas por parte dos descendentes, filós promovidos para uma parte da comunidade e uma hora de programa de rádio no domingo, não são suficientes para manter ou preservar a língua italiana no município, mesmo que seja a variedade padrão. Em Matelândia, não há curso de italiano, fato este que acarreta gradativamente na mortandade da língua. Em todo o seu percurso, essa pesquisa demonstrou uma digna e extrema necessidade de ações mais sistemáticas para o resgate e a preservação de uma língua e cultura que formou o município, com o intuito de manter elementos da identidade étnica de seus moradores.

Espera-se que os resultados da pesquisa possam oferecer um panorama das crenças e atitudes linguísticas em uma comunidade que registra o contato entre

línguas e culturas, e motivar pesquisas mais profundas sobre a língua, a cultura e seus falantes.

Ao registrar as crenças e atitudes linguísticas dos informantes sobre a variedade do italiano falado na comunidade, esta pesquisa buscou evidenciar os rastros da língua, mas, principalmente, os sentimentos positivos dos pesquisados sobre a origem dos colonizadores. Destaca-se a premente necessidade da implementação de políticas linguísticas em Matelândia, com o objetivo de promover uma ampla difusão da língua italiana, nas suas variedades *talian* ou padrão, para resgatar a identidade linguística dos moradores.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo, 2008. p. 105-112.

_____. Atlas linguístico do Paraná: gênese e princípios metodológicos. In: **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 137-176.

ALKIMIM, Tania Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à linguística I**. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2006. p. 21-47.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas Linguísticas do Português Falado no Sul do Brasil: um Balanço das Fotografias Geolinguísticas do ALERS. In. AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução: José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BALHANA, Altiva Pilatti. **Un Mazzolino de Fiori**. v. In WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

BARRETTO, Mônica Maria Guimarães Savedra. Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual. In: _____; SALGADO, Ana Claudia Peters (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Homenagem ao professor Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 121-140.

BELONI, Wânia Cristiane. **Um estudo sobre a fala e a cultura de italodescendentes em Cascavel/PR**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2015.

BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomenighi. **Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2006.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

BOLOGNINI, Carmen. Zink; PAYER, Maria Onice. Línguas de imigrantes. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 57, n. 2, p. 42-46, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000200020&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 set. 2015.

BONACIN, Ligiane Aparecida. **Crenças e atitudes linguísticas de alunos de uma escola de campo**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2015.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**. 2013. 227 f. Tese Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

_____. **A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística**. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BUSSE, Sanimar. **Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. Volume 1. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

_____. Investigações Geossociolinguísticas: Considerações para uma descrição dos fenômenos da variação. **Revista Línguas & Letras**, v. 13 nº 24 1º Sem. p. 90-116. 2012.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COLODEL, José Augusto. **Matelândia: História & Contexto**. Matelândia. Prefeitura Municipal. Cascavel: ASSOESTE, 1992.

COLOGNESE, Silvio Antonio. **Associações étnicas de italianos: identidade e globalização**. São Paulo: Itália Nova, 2004.

CORBARI, Clarice Cristina. **Crenças e Atitudes Linguísticas de Falantes de Irati (PR)**. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 15/1, p. 111-127, jun. 2012.

_____. **Atitudes linguísticas:** um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. 2013. p. 259. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

CONFORTIN, Helena. Comportamento de falantes bilíngues do Alto Uruguai gaúcho frente à língua materna (dialeto italiano) e à língua portuguesa. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A Presença Italiana no Brasil. v. III.** Porto Alegre; Torino: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

DALLEASTE, Ana Paula. **Um estudo das crenças e atitudes linguísticas dos falantes de Capanema/Paraná.** 2013. p. 73. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Curso de Letras – Português/Italiano e respectivas Literaturas) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2013.

DE BONI, Luiz A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul.** 3. ed. Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1984.

DUTRA, Luiz Henrique de A. **A epistemologia da aprendizagem.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. Linguagem da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização. – Caxias do Sul: ReVEL, **Revista Virtual de Estudos da Linguagem.** v. 5, n. 9, ago. 2007. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 20 abr. 2015.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial:** migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: EDUNIOESTE, 2008.

HEYE, Jurgen. **Considerações sobre bilinguismo e bilinguagem:** revisão de uma questão. Rio de Janeiro: Revista Palavra- PUC/Rio, 2003. Volume temático: Línguas em contato, n.11, p. 30-38.

HEYE, Jurgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Matos e. (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 381-411.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. JUNGSMANN, Ruy (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

JORGE, Milena Vargas de Oliveira; DAL POZZO, Ildo. **Retratos da lembrança**: Matelândia e sua gente. Matelândia: Gráfica e Editora Matelândia, 2004.

KAUFMANN, Goz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 121-137.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrante - RS**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, William. W.; LAMBERT, Wallace. E. **Psicologia Social**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

LARAIA, Roque de Barro. **Cultura**: um Conceito Antropológico. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LIEBKIND, K. Social Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 140-151.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Dicionário talian-português**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolinguística**. Madri: Gredos, 1993.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

MELLO, Sylvia Leser. A identidade uma tentativa de aproximação. In: **Anais do I Encontro Interdisciplinar Sobre Identidade**. São Paulo: Boletim do Grupo de Pesquisa sobre Identidade Social, 1983.

MIRANDA, Antonio Luiz Alencar. **Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu**. Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios del sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

PANIZ, Silvio. **A fonologia do Talian, o vêneto rio-grandense falado na cidade de Nova Roma do Sul, sob a luz da teoria da otimidade**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2006.

PASTORELLI, Daniele Silva. Crenças e Atitudes Linguísticas em Região de Fronteira - Capanema. In: ALTINO, Fabiane Cristina Altino. **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012. p. 246-263

PERTILE, Marley Terezinha. **O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

PIAIA, Vander. **A ocupação do Oeste Paranaense e a formação de Cascavel: as singularidades de uma cidade comum**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense/Unioeste. Niterói, 2004.

ROSSI, Nelson. A dialetologia. **ALFA**, Marília, n. 11, p. 89-116, 1967.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **O radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

SCHNEIDER, Cláercio Ivan. **Os senhores da terra: produção de consensos na fronteira (Oeste do Paraná, 1946-1960)**. Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001.

SILVA, Frederiko Luz. **Atitudes sociolinguísticas de estudantes do Ensino Fundamental em relação à disciplina escolar Língua Portuguesa**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

SILVA, Hélen Cristina da. **O /r/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas**. 2012. 169 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: Teoría y Análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. Florianópolis: Fac. Catarinense de Filosofia. Publicação do Centro de Estudos Filológicos, 1955.

SILVA, Maria Oneide Lino da. et al. Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação. s.d. Disponível em: http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf Acesso em: 07 jan. 2016.

SILVA-PORELI, Greize Alves da. **Crenças e atitudes na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com línguas em contato**. 2010. 114p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sócio-lingüística**. São Paulo: Ática, 2005.

TONIAL, Honório. **Dicionário Português-Talian**. Porto Alegre: Edições Est, 1997.

VON BORSTEL, Clarice. **A linguagem sociocultural do Brasildeutsch**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. (1968). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.
ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: UFSM, 2006.

ANEXO

PROJETO
ESTUDO DA LÍNGUA E DA CULTURA ITALIANAS EM MATELÂNDIA

FICHA DO INFORMANTE

Nº do Informante:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:

2. APELIDO:

3. DATA DE NASCIMENTO:

4. SEXO

A. masculino

B. feminino

5. IDADE:

6. ENDEREÇO:

7. ESTADO CIVIL

A. solteiro

B. casado

C. viúvo

D. outro

8. NATURALIDADE:

9. ESCOLARIDADE:

10. OUTROS CURSOS

A. especialização

B. profissionalizante

C. outros

11. PROFISSÃO:

12. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:

13. RENDA:

14. TIPO DE RENDA:

A. individual

B. familiar

15. COM QUE IDADE CHEGOU A MATELÂNDIA? (caso não seja natural da localidade):

16. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DE MATELÂNDIA.

17. QUAL FOI O MOTIVO QUE LEVOU A FAMÍLIA A MUDAR PARA MATELÂNDIA?

Veio toda a família?

Já tinha pessoas descendentes italianos aqui, da família?

18. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS?

A. sim

B. não

19. NATURALIDADE

- A. do pai:
- B. da mãe:
- C. do cônjuge:

20. ESCOLARIDADE

- A. do pai:
- B. da mãe:
- C. do cônjuge:

21. PROFISSÃO

- A. do pai:
- B. da mãe:
- C. do cônjuge:

DADOS CULTURAIS DO INFORMANTE

22. ASSISTE TV

- A. todos os dias
- B. às vezes
- C. nunca

23. PROGRAMAS PREFERIDOS

- A. novelas
- B. esportes
- C. pr. auditório
- D. noticiários
- E. pr. religiosos
- F. filmes
- G. outros

24. TIPO DE TRANSMISSÃO

- A. rede gratuita
- B. parabólica
- C. tv por assinatura

25. OUVE RÁDIO

- A. todos os dias trabalha
- B. às vezes
- C. nunca
- D. parte do dia
- E. o dia inteiro
- F. enquanto viaja
- G. enquanto

26. PROGRAMAS PREFERIDOS

- A. noticiário geral
- B. esportes
- C. pr. religiosos
- D. noticiário policial
- E. música
- F. pr. com participação do ouvinte
- G. outro

27. LÊ JORNAL

- A. todos os dias
- D. semanalmente
- B. às vezes
- E. raramente
- C. nunca

28. O JORNAL É

A. local

B. estadual

C. nacional

29. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER

A. editorial

D. pr. de cultura

G. classificados

B. esportes

E. política

H. outra

C. variedades

F. página policial

30. LÊ REVISTA?

A. às vezes

B. semanalmente

C. mensalmente

D. raramente

E. nunca

31. NOME /TIPO DE REVISTA:

32. TEM ACESSO À INTERNET?

A. sim

B. não

33. CONECTA-SE A INTERNET:

A. todos os dias

B. quase todos os dias

C. às vezes

D. raramente

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

34. CINEMA

A. às vezes

B. raramente

C. nunca

35. TEATRO

A. às vezes

B. raramente

C. nunca

36. SHOWS

A. às vezes

B. raramente

C. nunca

37. PRÁTICA ESPORTES?

A. sim

B. não

38. QUAIS?

39. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?

40. RELIGIÃO DO CÔNJUGE:

41. QUAL ERA A RELIGIÃO DOS PAIS?

42. SABE A RELIGIÃO DOS AVÓS?

43. IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO PARA A FAMÍLIA

- A. muito importante
- B. importante
- C. não é tão importante
- D. nenhuma importância

44. IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO PARA VOCÊ

- A. muito importante
- B. importante
- C. não é tão importante
- D. nenhuma importância

DESCENDÊNCIA E DADOS FAMILIARES

45. DESCENDÊNCIA (pelo lado do PAI):

46. QUAL É A ORIGEM DO SOBRENOME DA FAMÍLIA? ELE FOI PASSADO AOS FILHOS?

47. QUEM FOI O IMIGRANTE DA FAMÍLIA DO LADO PATERNO?

- A. pai
- B. avós
- C. bisavós
- D. tataravós
- E. não sabe
- F. não imigrou

48. DE QUAL CIDADE E /OU REGIÃO DO PAÍS DE ORIGEM ERA O IMIGRANTE?

49. QUANDO O IMIGRANTE CHEGOU AO BRASIL?

50. POR QUE VEIO PARA O BRASIL?

51. NO BRASIL, EM QUE ESTADO E CIDADE O IMIGRANTE SE FIXOU?

52. QUAL FOI O PERCURSO DA FAMÍLIA ATÉ CHEGAR A MATELÂNDIA?
(por exemplo, veio da Itália, foi para o RS, passou por SC, depois....)

53. COMO ERA A REGIÃO DE MATELÂNDIA, QUANDO CHEGARAM AQUI?

54. DESCENDÊNCIA (pelo lado da MÃE):

55. QUAL É A ORIGEM DO SOBRENOME? ELE FOI PASSADO AOS FILHOS?

56. QUEM FOI O IMIGRANTE DA FAMÍLIA DO LADO MATERNO?

- A. mãe
- B. avós
- C. bisavós
- D. tataravós
- E. não sabe
- F. não imigrou

57. DE QUAL CIDADE E /OU REGIÃO DO PAÍS DE ORIGEM ERA O IMIGRANTE?

58. QUANDO O IMIGRANTE CHEGOU AO BRASIL?

59. POR QUE VEIO PARA O BRASIL?

60. NO BRASIL, EM QUE ESTADO E CIDADE O IMIGRANTE SE FIXOU?

61. QUAL FOI O PERCURSO DA FAMÍLIA ATÉ CHEGAR A MATELÂNDIA?
(por exemplo, veio da Itália, foi para o RS, passou por SC, depois....)

62. COMO ERA A REGIÃO E MATELÂNDIA, QUANDO CHEGARAM AQUI?

CÔNJUGE E FILHOS

63. DESCENDÊNCIA DO
CÔNJUGE _____

64. NOME COMPLETO DO
CÔNJUGE _____

65. NOME COMPLETO DOS
FILHOS _____

PARA OS SOLTEIROS OU QUE AINDA NÃO TÊM FILHOS

66. VOCÊ FARÁ QUESTÃO DE PASSAR O SOBRENOME DA FAMÍLIA AO
CÔNJUGE?

67. VOCÊ FARÁ QUESTÃO DE PASSAR A TER O SOBRENOME DA FAMÍLIA DO CÔNJUGE?

68. VOCÊ FARÁ QUESTÃO DE PASSAR O SOBRENOME DA SUA FAMÍLIA AOS FILHOS?

PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS

69. QUAL LÍNGUA O IMIGRANTE ITALIANO PATERNO E MATERNO - TEU AVÔ, AVÓ, BISAVÔ OU BISAVÓ - FALAVAM?

70. FALAVA-SE ESSA LÍNGUA EM FAMÍLIA?

71. VOCÊ LEMBRA PALAVRAS QUE FALAVAM?

72. VOCÊ FALA ITALIANO?

A. sim b. não

73. SE NÃO, POR QUÊ?

74. QUE LÍNGUA VOCÊ FALA NO DIA A DIA?

75. VOCÊ SE CONSIDERA FALANTE DO PORTUGUÊS OU DO ITALIANO?

76. QUAL FOI A LÍNGUA QUE VOCÊ APRENDEU COM TEUS PAIS? QUAL LÍNGUA VOCÊ APRENDEU ANTES DE IR PARA A ESCOLA?

77. EM QUE MOMENTO VOCÊ APRENDEU A LÍNGUA ITALIANA? Ou, A PORTUGUESA...

78. COM QUEM VOCÊ FALA ITALIANO?

() avós

() pais

() irmãos

() parentes

() vizinhos

() amigos

() outros

79. OS INTEGRANTES DA FAMÍLIA FALAM ITALIANO COM VOCÊ? QUAIS INTEGRANTES?

80. EM QUE OCASIÕES VOCÊ FALA ITALIANO?

81. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA CULTURA ITALIANA PARA VOCÊ?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

82. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA CULTURA ITALIANA PARA SUA FAMÍLIA (pais, avós, irmãos...)?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

83. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA CULTURA ITALIANA PARA SUA FAMÍLIA (esposa e filhos)?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

84. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ITALIANA PARA VOCÊ?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

85. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ITALIANA PARA SUA FAMÍLIA (pais, avós, irmãos...)?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

86. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ITALIANA PARA SUA ESPOSA?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

87. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ITALIANA PARA SEUS FILHOS?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

88. VOCÊ ACHA QUE O ITALIANO É VALORIZADO PELA COMUNIDADE? SIM OU NÃO E POR QUÊ?

89. VOCÊ ACHA IMPORTANTE SABER FALAR ITALIANO? SIM OU NÃO E POR QUÊ?

90. AGORA, VOCÊ OUVIRÁ ALGUMAS PESSOAS FALANDO. A SEGUIR, FALAREMOS SOBRE.

EM QUE LÍNGUA AS PESSOAS ESTÃO FALANDO?

HÁ ALGUMA DIFERENÇA?

ATÉ QUE SÉRIE AS PESSOAS ESTUDARAM?

QUAL É A PROFISSÃO DESSAS PESSOAS?

ESSAS PESSOAS MORAM ONDE?

QUAL DAS DUAS FORMAS DE FALAR VOCÊ ACHA MAIS BONITA?

91. VOCÊ SABE DE ALGUMA HISTÓRIA DA FAMÍLIA, QUANDO CHEGARAM AO BRASIL E A MATELÂNDIA? ALGUMA HISTÓRIA CURIOSA QUE PASSOU PELO FATO DE FALAR ITALIANO?

92. VOCÊ ESTUDOU ITALIANO NA ESCOLA REGULAR (1ª à 4ª série)?

A. sim B. não

93. VOCÊ ESTUDA OU ESTUDOU ITALIANO EM ESCOLA DE LÍNGUA?

94. POR QUANTO TEMPO VOCÊ FEZ CURSO DE LÍNGUA ITALIANA?

A. um ano B. dois anos C. três anos D. mais de três anos

95. O QUE VOCÊ GOSTA OU NÃO DA CULTURA ITALIANA?

96. COMO SÃO OS ITALIANOS?

97. PARA VOCÊ, QUAL É A LÍNGUA MAIS IMPORTANTE PARA O TEU DIA A DIA? QUAL A LÍNGUA QUE VOCÊ USA NO TEU DIA A DIA?

98. VOCÊ ACHA MAIS IMPORTANTE APRENDER ITALIANO OU INGLÊS? POR QUÊ?

99. VOCÊ ACHA MAIS IMPORTANTE APRENDER ITALIANO OU ESPANHOL? POR QUÊ?

100. O QUE ESTÁ EM PRIMEIRO LUGAR PARA A LÍNGUA INGLESA E PARA A ITALIANA:

INGLÊS

() econômica

() profissional

() social

() cultural

ITALIANO

() econômica

() profissional

() social

() cultural

() política

() política

101. PARTICIPA OU JÁ PARTICIPOU DE ALGUM MOVIMENTO ITALIANO? CORAL, GRUPO, OU ALGO ASSIM?

A. sim B. não

102. QUANTO TEMPO FAZ?

A. um ano B. mais de dois anos C. mais de cinco anos D. mais de dez anos

103. POR QUE PARTICIPOU OU PARTICIPA?

104. A FAMÍLIA JÁ FEZ ALGUMA FESTA PARA REUNIR TODOS OS PARENTES, TODAS AS PESSOAS DO MESMO SOBRENOME?

A. sim B. não

105. SE SIM, DE ONDE VIERAM OS PARENTES?

106. QUANTAS EDIÇÕES JÁ TEM A FESTA?

107. AQUI EM MATELÂNDIA EXISTE ALGUMA FESTA ITALIANA? QUAL É SUA OPINIÃO SOBRE ELA(S)?

108. HÁ ALGUMA ENTIDADE EM MATELÂNDIA (CLUBE, ASSOCIAÇÃO, PROGRAMA...) QUE VALORIZA A CULTURA ITALIANA? VOCÊ ACHA IMPORTANTE? POR QUÊ?

109. VOCÊ ACHA QUE O QUE EXISTE E ESTÁ SENDO FEITO É SUFICIENTE PARA MANTER E PROMOVER A CULTURA ITALIANA? QUAL A SUA OPINIÃO?

QUESTIONÁRIO

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

Mostrar figura e se necessário explicar o que é...

1. COLHER/CUCHIAIO/CUCIARO
... objeto que se utiliza para tomar sopa?
2. GARFO/FORCHETTA/ PIRON
... objeto que se utiliza para comer o macarrão?
3. FACA/COLTELLO/POSSADA
... objeto que se utiliza para cortar a carne no prato?

4. PANELA/PENTOLA/PIGNATA
... objeto que se utiliza para cozinhar alimentos?
5. POLENTA/ANGÚ
... alimento feito de milho, sendo um creme consistente e que pode ser acompanhado de molho de carne, de frango e/ou de queijo?
6. QUEIJO/FORMAGGIO/FORMAIO
... alimento que salpicamos encima do macarrão, feito de leite?
7. CHICÓRIA/ ALMEIRÃO/ RADICCHIO/ RADICIO
... uma verdura com folhas vermelhas e nervuras brancas, de sabor levemente amargo?
8. TOMATE/POMODORO
... alguns acreditam que seja um legume, outros fruta. Alimento que se utiliza para fazer molhos vermelhos?
9. CEBOLA/CIPOLLA/SEÓLA
... legume redondo, que tem camadas e que quando o cortamos começamos a chorar?
10. MACARRÃO/PASTA/MACCHERONE ou MACARONI
... o tipo de massa mais prática que há e bem típica da cultura italiana? Pode-se comer com molhos vermelhos, brancos ou outros ainda.
11. MELANCIA/ANGÙRIA ou COCOMERO
... fruto grande arredondado ou alongado, de polpa vermelha, suculenta, com muitas sementes pretas, a casca é verde e lustrosa, com estrias brancas?
12. ARROZ/RISO
... isto. *Mostrar figura.*
13. FEIJÃO/FAGIOLI/FASOL, FASUI ou FASÒI
... isto. *Mostrar figura.*
14. PÃO/PANE/ PAN, PANIN ou PANETO
... considerado um alimento sagrado, assim como o vinho?
15. CACHAÇA DE UVA/GRAPPA/GRASPA
... bebida alcoólica feita de uva, mas que não é o vinho. Pode-se tomar esta bebida com café, para esquentar o corpo quando está muito frio?
16. FATIA /FETTA
... o pão pode ser cortado em? de que forma?
17. BALA/CARAMELLA/DOLSSI
... doce que as crianças mais gostam? pequeno e de diversos sabores, que vem por vezes embrulhada em um papel plástico, que costuma ser vendido nas ruas e lanchonetes por um valor muito pequeno?
18. SOPA/MINESTRA/ ZUPPA
... alimento quente que pode ser feito com vários legumes e macarrãozinho?

19. LARANJA/ARANCIA/NARANCE, NARANSA
... isto. *Mostrar.*
20. CERVEJA/BIRRA
... bebida alcoólica feita de cevada? Amarela com espuma branca?
21. ALFACE/ LATUGA/ SALATA
... verdura comum na alimentação, com folhas verdes? Há vários tipos, pode ser crespa, lisa, americana?
22. LEITE/ LATTE
... líquido produzido pela vaca e que utilizamos para nossa alimentação, assim como fazer queijo?
23. PIMENTÃO/ PEPERONE/ PIMENTONE/PEVARONE
... fruto ou legume que pode ser verde, vermelho ou amarelo? Isto. *Mostrar.*
24. PIMENTA/ PEPERONCINO
... com ela pode ser feito conservas para deixar a comida picante?
25. ABOBRINHA/ ZUCCHINA/ZUCCA
Isto. *Mostrar figura.*
26. REPOLHO/ CAVOLO/CAPUS/VERSE
Isto. *Mostrar figura.*
27. COUVE/ CAVOLO
Isto. *Mostrar figura.*

RELAÇÃO DE PARENTELA/ FAMÍLIA

1. AVÔ/ NONNO
... o pai do teu pai ou da tua mãe é teu?
2. AVÓ/ NONNA
... a mãe do teu pai ou da tua mãe é tua?
3. IRMÃ/ SORELLA
... assim como você, é filha dos teus pais também. Ela é tua?
4. IRMÃO/ FRATELLO/FRADEL/ ZERMAN/ ZERMANO/ GERMAN/ GERMANO
... assim como você, é filho dos teus pais também. É teu?
5. MÃE/ MADRE/ MAMMA
... aquela que te deu a luz? Que carregou você por nove meses na barriga é tua?
6. PAI/ PADRE/ PAPÀ /PUPÀ/ BABBO
... responsável por teu nascimento, assim como tua mãe. É teu?
7. FILHO/ FIÔLO
... a mulher quando engravida de um menino, este será seu?

8. SOGRO/ SUOCERO/ SÒCERO/ MESSIER/MISSIER
... o pai do(a) teu/tua companheiro(a) é teu?
9. SOGRA/ SUOCERA/ MADONA
... a mãe do(a) teu/tua companheiro(a) é tua?
10. GENRO/ GENERO/ ZÉNERO
... o marido da tua filha é teu?
11. PRIMO/ CUGINO/ COSIN/ CUGIN
... o filho dos teus tios é teu?
12. PRIMA/ CUGINA/ COSINA
... a filha dos teus tios é tua?
13. CRIANÇA/ BAMBINO/TATÍM/TOSETTO/TOSO
... não é adulto, nem jovem, nem adolescente. Como pode ser chamado o ser humano, quando ainda é pequeno?
14. SOBRINHO/ NIPOTE/ NEODO/ NEVODO
... o filho do teu irmão é teu?
15. NETO/ NIPOTE
... o filho do meu filho é meu?
16. SOLTEIRO/ CELIBE/ SCAPOLO
... um rapaz que não é casado é? O estado civil...
17. SOLTEIRA/ NUBILE/ SCAPOLA
... uma moça que não é casada é?
18. VIÚVO/ VÉDOVO
... um homem a quem morreu a mulher é um?

NOMES PRÓPRIOS

Agora eu falarei alguns nomes e você irá dizer se são portuguesas ou italianos:

JOSÉ
LUIGI
BEPPE
TONI
PIERO
GIUSEPPE
PEDRO
GIGIO

PIERO
HENRIQUE
CESARE
JULIANA
ENRICO
GIGIA
GIULIANA

QUALIDADES/ CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

1. BRAVO/a
... quando é uma boa pessoa se diz que: è una _____ persona?
2. MALEDETTO(A)
... diz-se daquele ou daquilo a que se lançou maldição?
3. BENEDETTO(A)
... diz-se daquele ou daquilo a quem se abençoou, que é abençoado?
4. BELLO/A
... uma pessoa bonita pode ser chamada de?
5. BRUTTO/A
... uma pessoa feia pode ser chamada de?
6. GORDA/ GRASSO(A)
... uma pessoa que não é magra, que está acima do peso?
7. GORDINHO(A)/ CICIO(A)
... uma pessoa que está um pouco acima do peso? Pode ser também uma forma carinhosa de chamá-la...
8. LOIRO(A)/ BIONDO(A)
... uma pessoa que tem os cabelos amarelados é?
9. MORENO(A)/ BRUNO(A)/ MORETINA (MORENINHA)
... uma pessoa que tem os cabelos pretos é?
10. JOVEM/ GIOVANE
... uma pessoa que está entre a adolescência e a fase adulta é um?
11. VELHO/ VECCHIO/ VÈCCIO
... a pessoa que está na terceira idade pode ser chamada de?
12. MENTIROSO(A)/ BUGIARDO(A)
... uma pessoa que nunca fala a verdade é uma?
13. RUIM/ CATTIVO(A)
... uma pessoa pode ser uma boa pessoa (uma brava persona) ou uma pessoa?
14. PREGUIÇOSO(A)/ PIGRO(A)/SENSA VOIA
... uma pessoa que não é disposta, que nunca quer fazer nada e quer ficar só de pernas pra cima?
15. BOBO/ SCIOCCO/ BAUCO
... uma pessoa pouco inteligente pode ser chamada de?
16. MEDROSO-CAGÃO/ STRONZO(A)/SPAURONA
... uma pessoa que tem medo de tudo, que é bobona?

EXPRESSÕES

- Para demonstrar surpresa com algo inesperado.
 1. MAMMA MIA
 2. DIO SANTO
 3. CASPITA!
- Quando você está com raiva ou alguém da tua família estava com raiva, o que se costumava dizer para extravasar a raiva...?
 4. PORCO DIO
 5. PORCO CAN(E)
 6. SANTA MADONNA
 7. PORCA MADONA
 8. DIO SANTO ANTONI
 9. PORCA TROIA
 10. BRUTTA BESTIA
 11. CAZZO
 12. SACRAMENTO
- Para dizer que alguém não tem escrúpulos...
 13. FURBO/FURBON/FORBONE
 14. FARABUTO (sujeito sem escrúpulos)
 15. FARABUTO DI UN SALTA PIANTE
- Para dizer que uma criança é uma coitada, coitadinha...
 16. POVERO BAMBINO
 17. POVERETO
 18. POVERINO
- Para dizer que algo que alguém fez foi uma coisa muito bem feita!
 19. CHE BELLA ROBA
- Para desfazer ironicamente de algo que alguém fez... “Grande coisa!!”.
 20. BELLA ROBA!
- Para dizer de um sujeito bobo...
 21. MA VARDA CHE BAUCO! (Olha que bobo!)
- Lembra-se ou gostaria de acrescentar mais alguma?

VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

Mostrar figuras.

1. CALÇA/ PANTALONE/BRAGHE
2. BOTÁ/ STIVALI/STIVAI
3. CHINELO/ CIABATTA/ SINÈLA/ PANTÒFALA
4. LENÇO/ FAZZOLETO

5. SAPATO/ SCARPA
6. SUSPESÓRIO/ TIRACA

HABITAÇÃO

Mostrar figuras.

1. CADEIRA/ SEDIA/ CAREGA
2. MESA/ TAVOLA/TÀOLA/TÒLA
3. QUINTAL/ CORTILE/AREA
4. FOGÃO/ FORNELLO/ FOGO/FOGONE/FOGOLARO

FAUNA

Mostrar figuras.

1. SAPO/ ROSPO
2. BEZERRO/ VEDEL
3. MOSQUITO/ MOSCA/ ZANZARA
4. PÁSSARO/ UCCELO / OSEL
5. ANDORINHA/ RONDINA/ RONDINELLA
6. BORBOLETA/ FARFALLA
7. COBRA/ SERPENTE/VIPERA/ BISSA

VERBOS

Mímica + explicações se necessário....

1. PEGAR/ PRENDERE/ CIAPAR
O ato de agarrar e segurar. Quando você está com fome você _____ (mímica) um alimento para comê-lo.
2. ALMOÇAR/ PRANZARE/MANGIARE
... o ato de comer ao meio-dia?
3. ABRIR/ APRIRE/VERDAR/VERSER
... o contrário de fechar é?
4. GOSTAR/ PIACERE/ PIASER
... achar bom, julgar que seja bom, sentir..?

CORPO HUMANO

Mímica, mostrando as partes do corpo.

1. CABEÇA/TESTA
2. NARIZ/ NASO
3. PESCOÇO/ GOLA/COL
4. OLHO/ OCCHIO/OCIO
5. ORELHA/ ORECCHIO/RECCIA

6. COSTAS/ SPALLA/SCHENA
7. JOELHO/ GINOCCHIO/DENÓCIO
8. CABELOS/ CAPPELI/CAVEI
9. PERNA/ GAMBA

PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

- CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE
A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico

- ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO
A. total B. grande C. média D. fraca

- POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO
A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente

- CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE
A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"

- GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR
A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum

- INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES
A. sim B. não

- CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):

- AMBIENTE DO INQUÉRITO:

- OBSERVAÇÕES:

- NOME DO ENTREVISTADOR:

- LOCAL DA ENTREVISTA:

CIDADE:
UF:
DATA DA ENTREVISTA:

- DURAÇÃO:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE: 68 QUESTÕES

PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS: 40 QUESTÕES

QUESTIONÁRIO: 127 QUESTÕES

TOTAL: 235 QUESTÕES